



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

CURSO DE DOUTORAMENTO EM TEOLOGIA (2.º grau canónico)

Especialidade: Teologia Sistemática

LUÍS DE JESUS VENTURA DE PINHO

Padre Américo
O Evangelho na vida

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Porto

2014

Padre Américo

O Evangelho na vida

«Esses mostram que o que a Lei manda praticar está escrito nos seus corações, tendo ainda o testemunho da sua consciência tal como dos pensamentos que, conforme o caso, os acusem ou defendam - isto no dia em que Deus, segundo o meu Evangelho, há-de julgar por Jesus Cristo o que de oculto houver nos homens.» (Rm 2,15)

AGRADECIMENTOS

Na hora de apresentar este meu trabalho, dedicado à personagem invulgar do Padre Américo, quero deixar aqui o mais profundo reconhecimento a todos quantos, que de algum modo, tornaram possível este trabalho de dissertação de doutoramento apresentado à Faculdade de Teologia da UCP, e sem os quais nunca teria sido possível ser levado a cabo este trabalho.

Em primeiro lugar o meu agradecimento vai para a senhora Professora Doutora Isabel Varanda, docente da Universidade Católica, por ter aceitado dar-me a sua colaboração e pelas preciosas ajudas sugeridas no desenvolvimento e organização do meu trabalho. Estou grato também a sua Ex.^a Rev. ma D. António Couto pelas primeiras orientações que me deu neste trabalho e que foram preciosas na primitiva organização do mesmo.

Agradeço igualmente o acolhimento e a recepção encontrados junto do Senhor Professor Doutor José Carlos, também docente da Universidade Católica, que sempre animou e incentivou a pesquisa. Não posso esquecer e agradecer também o constante incentivo do Senhor Professor Doutor Jorge Cunha, director da Faculdade de Teologia do Porto. Este agradecimento é extensível a toda a Universidade Católica.

Agradeço igualmente à minha família, que sempre me entusiasmou para que pudesse prosseguir a investigação que tenho vindo a fazer.

Não posso deixar de agradecer também às bibliotecas da Católica, da Universidade de Coimbra e do Seminário Maior de Coimbra, que puseram à minha disposição os materiais que precisei para a minha investigação.

O meu agradecimento é extensivo às Casas do Gaiato de Paço de Sousa, Porto e Miranda do Corvo, bem como aos respectivos sacerdotes pela preciosa ajuda e informação que me prestaram relativa ao Padre Américo e que me levaram a admirar cada vez mais este homem excepcional do nosso tempo, que bem merece as honras dos altares.

A todos muito obrigado.

SIGLÁRIO

ANTIGO TESTAMENTO

Gn	Génesis
Ex	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuterónimo
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1º de Samuel
2Sm	2º de Samuel
1Rs	1º dos Reis
2RS	2º dos Reis
1Cr	1º das Crónicas
2Cr	2º das Crónicas
Esd	Esdras
Ne	Neemias
Tb	Tobite
Jdt	Judite
Est	Ester
1Mac	1º dos Macabeus
2Mac	2º dos Macabeus
Jb	Job
Sl	Salmos
Pr	Provérbios
Ecl	Eclesiastes (ou Qohélet)
Ct	Cântico dos Cânticos
Sb	Sabedoria
Sir	Ben Sirá (ou Eclesiástico)
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Br	Baruc
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel

Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Abd	Abdias
Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hab	Habacuc
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
Act	Actos dos Apóstolos
Rm	Romanos
1Cor	1ª aos Coríntios
2Cor	2ª aos Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fl	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1ª aos Tessalonicenses
2Ts	2ª aos Tessalonicenses
1Tm	1ª a Timóteo
2Tm	2ª a Timóteo
Tt	Tito
Flm	Filémon
Heb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1ª de Pedro
2Pe	2ª de Pedro
1Jo	1ª de João
2Jo	2ª de João
3Jo	3ª de João
Jd	Judas

Ap Apocalipse

REVISTAS

AAS - Acta Apostolicae Sedis - Commentarium Officiale(Vaticano).

INTRODUÇÃO

Padre Américo Monteiro Aguiar foi o homem do Evangelho aplicado na vida quotidiana. Efetivamente, toda a sua doutrina e orientação pastoral e caritativa estão subordinadas a um Evangelho, que busca as suas raízes mais autênticas na mensagem genuína de Jesus Cristo.

Quem o conheceu ou quem leu os seus escritos não pode ficar indiferente a tão grande obra dedicada aos mais pobres dos pobres e, entre eles, a criança abandonada da rua que vive à míngua em locais indignos de um ser humano.

Padre Américo, embora sendo padre diocesano de Coimbra acabou por estender a sua acção a todo o país e ao ultramar, onde a *Obra da Rua*, que, tendo começado como uma pequena semente lançada à terra, rapidamente estendeu as suas raízes. E falamos deste modo, porque, de facto, as raízes desta obra estão no evangelho e no ser humano. À medida que desenvolve a sua acção pastoral surgem novos ramos desta, que é, já hoje, uma árvore frondosa à sombra da qual muita gente se abriga.

Com efeito, ninguém diria que aquelas visitas em Coimbra aos hospitais e cadeias se desenvolvessem na *Sopa dos Pobres* e depois nas *colónias de campo* surgindo a primeira *Casa do Gaiato*, de Miranda do Corvo, fundada em 7 de Janeiro de 1940, para crianças abandonadas e sem família, seguindo-se o *lar do ex-pupilo dos reformatórios*, em Coimbra, culminando depois com o primeiro *lar do gaiato*, no Porto e assim por aí adiante.

Padre Américo foi um apóstolo da dignidade humana e da justiça social orientando toda a sua defesa destas duas verdades fundamentais com a lei fundamental do evangelho e dos mandamentos, como *lei eterna* como ele faz questão de repetir nas suas obras.

Verdadeiramente a dignidade humana, apesar de proclamada aos quatro cantos do mundo, nunca foi verdadeiramente reconhecida. Por determinação do 2.º congresso continental de 4 de Julho de 1776, que foi assinada pelos treze Estados Unidos da América, a declaração unânime da independência que é, por assim dizer, o ponto de partida do reconhecimento dos direitos humanos nas sociedades contemporâneas. Diz a referida declaração de independência:

«Consideramos estas verdades por si mesmo evidentes, que todos os homens são criados iguais, sendo-lhes conferidos pelo seu criador certos direitos inalienáveis, entre os quais se contam a vida, a liberdade e a busca da felicidade. Que para garantir estes direitos, são instituídos governos entre os homens, derivando os seus justos poderes do consentimento dos governados. Que sempre que qualquer forma de governo se torne destruidora de tais propósitos, o povo tem direito a alterá-la ou aboli-la, bem como a instituir um novo governo, assentando os seus fundamentos nesses princípios e organizando os seus poderes do modo que lhe pareça mais adequado à promoção da sua segurança e felicidade.»¹

Depois disto foi dado um passo em frente com a declaração dos direitos humanos e do cidadão assinada em França a 26 de Agosto de 1789 pela assembleia nacional francesa. Na sua introdução diz-se:

«Os representantes do povo francês, reunidos em assembleia nacional, tendo em vista que a ignorância, o esquecimento ou o desprezo dos direitos humanos são as únicas causas dos males públicos e da corrupção dos Governos, resolveram declarar solenemente os direitos naturais, inalienáveis e sagrados do ser humano, a fim de que esta declaração, sempre presente em todos os membros do corpo social, lhes lembre permanentemente seus direitos e seus deveres.»²

E logo afirma no art.1.º:

«Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.»³

Outro passo importante foi dado pelo papa Leão XIII na sua encíclica *Rerum novarum* ao afirmar em várias passagens a dignidade humana e os direitos dos trabalhadores:

«a ninguém é lícito violar impunemente a dignidade do homem, do qual Deus mesmo dispõe, com grande reverência, nem pôr-lhe impedimentos, para que ele siga o caminho daquele aperfeiçoamento que é ordenado para o conseguimento da vida interna.»⁴

Padre Américo vivia entusiasmado com estas ideias e fazia delas tema de pregação:

«Como tivesse obtido uma oportunidade para ir ao palco de Leiria com o documentário da nossa aldeia, estando o morris pronto a rodar, eis que vem uma telefonadela de Maceira-Liz a dizer que fosse eu ali também, visto Leiria ser perto.

¹ Declaração de independência dos Estados Unidos da América. in <http://www.infopedia, pt/> a 16 de Junho de 2009 às 15h00

² Declaração dos Direitos humanos e do cidadão. In <http://www.eselx.ipl, pt/ciencias-sociais/tratados/1789homem.htm> a 16 de Junho de 2009 às 15h15

³ Ibidem

⁴ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1892 – (Leão XIII) – *Rerum Novarum: Carta Encíclica: Acta Leonis XIII*, 11 (1892), 23.

Pronto. Lá vou, disse. Dois coelhos de uma só pancada.

O primeiro coelho foi no cinema da casa do pessoal da fábrica, um mundo social regido pela doutrina social da Igreja. *Rerum novarum* em marcha e já com dentes e a comer pão quando chegou a doutrina social do Estado Novo. Os senhores convidaram-me a ir ali passar um dia inteiro e eu disse logo que sim. Vou e trago um vagãozinho de cimento para as nossas obras.»⁵

A declaração universal dos direitos humanos, aprovada pela assembleia geral das nações unidas a 10 de Dezembro de 1948, é um marco histórico na defesa da dignidade humana. Segundo o preâmbulo da referida declaração, todos os membros da família humana gozam de direitos iguais e inalienáveis, que constituem o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo.

Diz ainda a introdução dessa mesma declaração que:

«o desconhecimento e o desprezo dos direitos do homem conduziram a actos de barbárie que revoltam a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que os seres humanos sejam livres de falar e de crer, libertos do terror e da miséria, foi proclamado como a mais alta inspiração do homem»⁶.

O mesmo preâmbulo defende também que:

«é essencial a protecção dos direitos do homem através de um regime de direito, para que o homem não seja compelido, em supremo recurso, à revolta contra a tirania e a opressão.»⁷

A Igreja tem vindo, ao longo dos anos, a proclamar e a defender a dignidade humana, assim como a justiça social como base fundamental de todo o desenvolvimento humano. O Papa João XIII lançou a encíclica *pacem in terris*⁸ (1963) onde aborda a questão da dignidade humana praticamente em toda a encíclica. Podemos mesmo considerar que o catecismo Da Igreja Católica se foi inspirar naquele documento já que muitas das ideias são as mesmas. Também o papa Paulo VI, na sua encíclica “*populorum progressio*”(1967) alerta para a promoção da dignidade humana. Igualmente o Papa João Paulo II na encíclica “*laborens exercens*”(1981) defende a dignidade do trabalho humano em grandes partes da mesma.

Foram importantes documentos elaborados até hoje tanto por parte da sociedade civil, como por parte da Igreja na defesa da dignidade humana e dos direitos do homem.

⁵ AMÉRICO, Padre –*De como eu fui...: Crónicas de viagem*, Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1987, p. 176

⁶ DIÁRIO DA REPÚBLICA – *Declaração universal dos direitos humanos* - I Série n.º 57 de 9 de Março de 1978, p. 489

⁷ Ibidem. p. 489

⁸ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963 - (João XXIII) –*Pacem in Terris: Carta Encíclica*. AAS - Commentarium Officiale(Vaticano 1963)- An. et vol. LV 20 Aprilis 1963 (Ser. DI, v. V) - N. 5

O Catecismo da Igreja Católica, aprovado e promulgado em 1997, debruça-se longamente sobre a dignidade humana abrangendo diversos aspetos da mesma tanto nos seus fundamentos como no seu exercício e defesa.. A terceira parte é dedicada à vida em Cristo e todo o primeiro capítulo é centrado na dignidade humana vindo reforçar estes direitos, que estão na base da mesma. Além disso tem muitos parágrafos consagrados à defesa dessa mesma dignidade.

O coração de apóstolo apaixonado e a grande arte de comunicar fez do Padre Américo um dos maiores vultos da nação portuguesa amado e procurado por muitos sobretudo pelos pobres e deserdados da fortuna.

Desenvolverei fundamentalmente alguns aspetos da atuação do Padre Américo, nomeadamente a defesa da dignidade humana, da Justiça social, do direito ao trabalho e do seu valor. Aprofundarei a sua apresentação da mensagem bíblica, de um modo particular o Evangelho, que ele manuseia com destreza e arte.

O propósito deste trabalho é demonstrar como o *Fundador da Casa do Gaiato e do Património dos Pobres* incarnava o Evangelho na sua vida e desenvolveu todo o seu apostolado com os rapazes, com as mulheres vítimas do alcoolismo e de maus tratos apontando sempre a solução do Evangelho para os males do mundo.

Sobre este assunto, o Padre Américo segue uma linha hermenêutica própria, que tem a ver com a orientação prática que deu a toda a sua ação. Se considerarmos como política toda a acção desenvolvida em favor da sociedade, poderemos considerar o *Fundador da Obra da Rua* como um político no verdadeiro sentido, já que, pela sua atuação influenciou a maneira como a sociedade era governada chegando mesmo a ter diversas intervenções tanto a nível do governo como da própria assembleia legislativa.

Pressuposto isto, consideramos que a sua hermenêutica é de carácter político, pois tem como objetivo intervir na sociedade para transformar as estruturas e melhorar a vida das pessoas.

Perante os textos bíblicos que traçam um horizonte objetivo em que o homem pode ver projectada toda a miséria da sua época, ao mesmo tempo que as novas possibilidades de um futuro orientado para Deus, a visão histórica imparcial torna-se em interesse apaixonado cativado pelo futuro. A nova liberdade que a pregação vem anunciando rompe os laços e cadeias que ligavam o presente com o passado. Tal como a «luz interior.» da imagem de Marx se projeta para o exterior em forma de «chama devoradora.», a compreensão da mensagem bíblica abandona o recinto interior da

resposta da fé para se lançar na obediência externa e na tarefa política empenhando-se em libertar a humanidade da sua miséria atual. Esta obediência já não é a antiga heteronomia sujeita ao jugo de uma tradição autoritária, mas uma obediência que compreende e que quer ser responsável perante a sociedade atual do conteúdo de esperança e liberdade que encerra a tradição cristã⁹.

Toda a dinâmica da pregação e dos escritos do Padre Américo se regem pelo princípio de que é preciso transformar a sociedade. Não pode continuar tudo na mesma. Por este motivo, quando, pela pregação, tentava sacudir os espíritos adormecidos era com a finalidade de lançar uma “cruzada” bastante ampla em favor dos mais desfavorecidos, educá-los e prepará-los para a vida em perfeita liberdade e responsabilidade.

O Padre Américo é um humanista no verdadeiro sentido do termo, ou melhor, mais que humanista é criador de fraternidade e de família: em cada *Casa do Gaiato* uma família, onde cada um possa sentir o “bafo” da mãe ou a ternura do pai.

Mas, segundo Evangelista Loureiro o humanismo do Padre Américo é essencialmente natural e activo. O seu “menos sacristia e mais obras” é um convite a matar a fome, curar os males, sarar as feridas e pregar depois o Evangelho com o pão, o auxílio material e a palavra de conforto.»¹⁰. Porém, refere o mesmo autor,

«encontramos nele os traços dum certo humanismo contemplativo, planificador em abstracto, sem descer às realidades presentes de cada homem na sua situação concreta. É antes dinâmico, prático, realista e, quando planifica, é ainda para ser mais realista e concreto.»¹¹

Se a teologia quer servir para forjar a liberdade futura, há-de preparar-lhe o caminho com a crítica histórica, com a crítica ideológica e por último com a crítica social. O primeiro objetivo desta crítica serão os obstáculos que pretendam coartar a sua própria liberdade. Diz Moltman:

«Nos escritos da Bíblia encontramos a promessa de uma nova liberdade; o mensageiro do evangelho enviado para anunciar ao ser humano essa liberdade: logo a hermenêutica histórica terá que ocupar-se de planear os meios e métodos que possam conduzir à libertação prática. A esta hermenêutica podemos chamar-lhe, com razão, hermenêutica política, posto que o seu campo

⁹ Cf. MOLTMAN, Jürgen – *Esperanza Y Planificación del futuro*. Perspectivas teológicas. Salamanca: Ed. Sígueme, 1971, p.232

¹⁰ Cf. LOUREIRO, João Evangelista – *Um grande educador português do Século XX*. Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1996, p.47

¹¹ Ibidem. p.47

de acção é a política enquanto significa o horizonte mais amplo em que se desenvolve a vida atual do homem.»¹²

Para transformar a sociedade, como ele pretende, todos se têm de empenhar, governantes e governados, párocos e paroquianos. A pregação incansável e as conversas que fazia nas idas aos ministérios não tinham outra finalidade, senão obter apoios para o seu sonho de transformar a sociedade.

O Padre Nunes Pereira, sacerdote da Diocese de Coimbra que conviveu com ele, escreve a notícia do falecimento dele no jornal «*Correio de Coimbra*» conforme podemos verificar no final deste trabalho em anexo. Aí tenta descrever o perfil do Padre Américo:

«É difícil, é mesmo impossível, traçar em duas linhas o perfil deste homem. Mais difícil ainda mencionar todo o bem que espalhou sobre a terra.

No dia 28 do corrente (1956) faz 27 anos que, na capela da Anunciação, do Seminário de Coimbra, ele recebia, juntamente com mais dois companheiros, a ordem do presbiterado. E, este facto, recorda-me os tempos do Seminário, quando o Américo, ainda estudante, mas homem culto, viajado e experimentado, se fazia notar pela sua jovialidade, pelo zelo junto dos companheiros, pelo interesse que tomou junto dos superiores para que se introduzissem certas reformas urgentes, e pela sua piedade intensa.

São desse tempo estas palavras: «Para, mim, o dia em que eu não comungar, que os anjos do céu me levem para a comunhão eterna».

Este meu trabalho pretende demonstrar como o Padre Américo faz um uso corrente do Evangelho, como de outras partes da Bíblia com um sentido profundamente pedagógico-didático e pastoral, aplicando cada passagem bíblica que encontrava mais ajustada à pessoa ou à doutrina que quer ensinar. As passagens bíblicas nem sempre são literais. Muitas vezes são perfeitas adaptações, algumas das quais com subtileza e arte, como aliás sabia muito bem fazer, já que tem um estilo literário bem próprio, muito acessível aos leitores, mas, muitas vezes de um jeito profético e ao mesmo tempo poético, que se lê com agrado. Não admira, por isso, que tivesse imensos ouvintes nas suas conferências e programas de rádio.

¹²Cf. MOLTMAN, Jürgen – *Esperanza Y Planificación del futuro*, p.233

CAPITULO I

ITINERÁRIO BIOGRÁFICO

1. Américo, o insatisfeito

Américo Monteiro de Aguiar nasceu a 23 de outubro de 1887 na freguesia de S. Salvador de Galegos, concelho de Penafiel, sendo filho de Ramiro Monteiro de Aguiar e Teresa Rodrigues Ferreira. O seu nome foi-lhe atribuído em homenagem ao cardeal D. Américo, ao tempo Bispo do Porto.

Oriundo de família profundamente católica e de pais abastados, bem cedo quis entrar no Seminário, mas seu pai opôs-se. Entrou já com 12 anos para o colégio do Carmo, em Penafiel e no ano seguinte foi transferido para o Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras onde continuou os estudos, mas sempre com a ideia de entrar no Seminário.

Filho mais novo de um “ranchinho” de oito, recebeu de sua mãe, sempre gentil e atenta, ternuras e carinhos especiais talvez. Era uma senhora de piedade, muito cristã, de forte sentimento maternal e delicadeza.

«Pode dizer-se que foi ela quem foi afinando o temperamento poético do seu infante Américo com a atenção para com os vizinhos doentes e pobres. Como era natural, os irmãos consideravam-no o predileto da mãe.

Embora entretido com as suas brincadeiras de criança, Américo “sorvia” no seu subconsciente todo o mundo de ansiedades e de esperanças em que viviam os adultos que o rodeavam e os pobres que ele já visitava, a quem levava “mimos” de casa e com quem conversava.»¹³

Por outro lado, os pais de Américo eram católicos convictos e educaram os seus filhos de acordo com os princípios mais puros do Cristianismo. Seguiam com orgulho, uma difundida tradição familiar de o mais velho dos rapazes seguir a carreira eclesiástica: foi o mano José.

Quando era criança entusiasmava-se intensamente com os acontecimentos da sua aldeia e da região circunvizinha, participando e mostrando-se compassivo com a pobreza e a miséria alheia. Esta atenção para com os pobres, doentes e excluídos pode ser exemplificada pelo seguinte episódio narrado pela sobrinha Ema de Jesus.

«Esta *Senhora da casa do bairro* conta que havia uma senhora de nome Deolinda, a qual o *Amériquinho* a caminho da escola, num dia de Inverno e de muito frio, viu apanhar landes e ao perguntar-lhe o que fazia "respondeu-lhe a

¹³ Cf. LOPES-CARDOSO, Maria Manuela –*Américo Monteiro de Aguiar: Dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas de um projecto pedagógico*, Lisboa: Publicações Chaves Ferreira, 2007, p. 71

boa mulher que era para comprar sal. Então ele meteu a mão ao bolso, tirou o dinheiro que levava, deu-lho e disse-lhe – Vá para casa aquecer-se.

Este e muitos relatos da sua infância mostram-nos já a precocidade da sua devoção pelos pobres, e também a preocupação pelo “social”, pela justiça e sua caridade humana para com os necessitados.»¹⁴

Lopes-Cardoso refere que Américo, «quando era criança dava aos pobres “mimos” de casa que surripiava à Mãe. Os pobres eram a sua constante preocupação até mesmo a sua devoção. Aliás, a bondade e o amor pelos pobres, constituíram a orientação que deu continuidade e coerência à sua vida, desde a infância até à morte.»¹⁵

Nessa época, no dizer do seu irmão Pe. José de Aguiar, ele «vivia num ambiente de piedade que lhe aguçava o desejo de ser padre.

«Desde pequeno praticou em larga escala a caridade, ele, que vivia numa casa farta, onde nada faltava. Dava aos pobres, gostava muito de conversar com eles e visitava-os frequentemente. Ia saber das suas necessidades.»¹⁶

E foi esta atenção aos pobres que ele sempre viveu e ensinou aos seus rapazes que visitassem os pobres e se inteirassem das suas necessidades. Por isso, fez questão que houvesse uma conferência de S. Vicente de Paulo em cada *Casa do Gaiato* e, por sua iniciativa, cada gaiato se encarregava do seu pobre levando-lhe ajuda e carinho, facto que enternecia muito os pobres.

De resto, a sua infância foi como a de qualquer criança dos meios rurais nortenhos. Seu irmão mais velho, o Padre José Monteiro de Aguiar, fez os estudos no Seminário de Carvalhos e seguiu para a Índia onde exerceu o múnus sacerdotal. Aí estudou teologia e dedicou-se à investigação e à história. Seu pai era muito bem considerado na freguesia chegando a desempenhar o cargo de presidente da junta de freguesia de Galegos entre 1901-1908.

Desde muito cedo Américo quis entrar no Seminário para vir a ser padre. A mãe sempre apoiou a sua intenção. Porém seu pai quis que seguisse a carreira comercial e ele assim fez para não contrariar o pai.

Por essa razão «em 1902 o adolescente vai “vender ferros” - segundo a pitoresca linguagem da mãe – para uma casa da Rua Mouzinho da Silveira(N.º 110-112), na cidade do Porto.»¹⁷

¹⁴ Cf. MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo: O destino de uma vida*, 2.^a Ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005, p. 19-20

¹⁵ LOPES-CARDOSO, Maria Manuela – *Américo Monteiro de Aguiar: Dimensões antropológicas*, p. 77

¹⁶ Cf. LOPES-CARDOSO, Maria Manuela – *Américo Monteiro de Aguiar: Dimensões antropológicas*, p. 75

Lopes Cardoso refere que ele:

«Era muito estimado e respeitado pelos patrões, pois que era um moço simpático, generoso, alegre, educado e muito crente, o que lhe agradava imenso. Deslocava-se com frequência à Igreja do Seminário dos Grilos, à Sé do Porto, ajudando às missas, não deixando de cumprir os preceitos e práticas que a sua fé lhe impunha.. Aí se tornou amigo do então cônego Dr. Manuel Luís Coelho da Silva, mais tarde Bispo de Coimbra, pessoa que viria a revelar-se de grande importância na sua vida.»¹⁸

Já como jovem na cidade do Porto, onde trabalhava, por vezes «pedia esmolas de *motu próprio* para entregá-las aos “irmãozinhos pobres” do Mercado do Anjo e visitava as zonas ribeirinhas da Foz.»¹⁹

Desejando continuar a estudar, decide, em setembro de 1905, matricular-se como aluno voluntário no curso comercial (noturno) do Instituto Industrial e Comercial do Porto.

Entretanto, seu irmão Jaime, emigrado em Moçambique, exerce sobre ele alguma atração e Américo dá novo rumo à sua vida emigrando também para Moçambique a 19 de novembro de 1906.

Durante a estadia em terras de África, onde foi bem sucedido, e onde esteve até 1923 conheceu, na Beira, um sacerdote franciscano, o Padre Rafael Maria da Assunção, de quem se fez amigo, com quem manteve longas conversas e que exerceu enorme influência na sua vida. O padre Rafael servira as missões franciscanas de Moçambique a partir de maio de 1898. Em novembro de 1920 foi nomeado Bispo Titular de Augusta e Prelado de Moçambique. Posteriormente, bispo de Cabo Verde (entre 1935 e 1940).

Cerca de nove anos após a sua chegada a África, o jovem filho de Ramiro e de Teresa conhece este dedicado missionário franciscano e com ele estabelece profundos laços de amizade. Encontrar-se-ão ambos, em maio de 1915, a bordo do vapor «Durkan Castie.», numa das visitas de Américo à família. Terá este encontro contribuído para o despertar e até para o amadurecimento da sua vocação religiosa?

Nos dezassete anos que passou em África, que ele considerou “anos perdidos”, exerceu com sucesso a atividade comercial.

«Lamentará, nesses anos, não ter feito o bem aos necessitados daquelas paragens africanas, tal como o fez regularmente com os pobres da sua aldeia,

¹⁷ RAMOS, José da Rocha – *Padre Américo místico do nosso tempo*, Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1997, p. 21

¹⁸ Cf. LOPES-CARDOSO, Maria Manuela – *Américo Monteiro de Aguiar: Dimensões antropológicas*, p. 79

¹⁹ Cf. MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo: O destino de uma vida.*, p. 31

mandando cheques endereçados a pessoas da sua confiança (entre elas Emília da Silva Ferreira), levantados em Cête na loja do Sr. Amaral Velho (agência bancária), para que os distribuíssem pelas famílias necessitadas.»²⁰

A preocupação pelos pobres e a questão social esteve sempre presente ao longo da sua juventude e, quando já em Portugal e, tendo ingressado na vida franciscana,

«passa a ter a seu cuidado muitos pobres e doentes dos arredores, protegidos com mesadas, gastando a fortuna naquelas ações caritativas. Reflexionava sobre a vida franciscana, a vida religiosa, a miséria social e humana.»²¹

Já nos tempos do Seminário, como simples estudante de teologia, se exercitava no exercício da caridade.

«Foi até por essa insistente prática que lhe negaram a profissão religiosa em Vilariño de la Ramallosa, segundo refere José da Rocha Ramos.»²²

Já como sacerdote vive pobre e austeramente. Reparte com os pobres o pouco que possui. Ele próprio escreverá mais tarde:

«Senhor, que eu seja sempre um padre pobre, para cantar aos ricos a pátria celeste, a pedir esmola para os Pobres.»²³

1.1 Nos franciscanos, no Seminário e na paróquia

Américo estava insatisfeito. O velho sonho da infância, embora atenuado com a ida para África, não desapareceu completamente e terá mesmo crescido nos contactos com o Padre Rafael, em Moçambique. Supõe-se que terá sido pelo contacto com este missionário, que Américo terá entrado no convento franciscano de Vilariño de Ramallosa, Tuy, onde esteve entre 1923 e 1925.

Ernesto Candeias sustenta que para esta tomada de decisão foi determinante o seu irmão, P.e José de Aguiar:

Foi importante haver na família um sacerdote, as relações e amizades com várias entidades religiosas, que visitavam a Casa do Bairro e os vários antecedentes na árvore genealógica familiar de sacerdotes. O seu irmão, P.e José, foi sempre um apoio e um confidente nas suas intenções, ajudando-o a tomar decisões.

Ouçamos o seu companheiro franciscano P.e Alexandre dos Santos a este respeito das confidências do Américo com o irmão na hora de entrar nos franciscanos:

²⁰ Cf. MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo: O destino de uma vida*, p. 50

²¹ *Ibidem*, p. 79

²² RAMOS, José da Rocha – *Padre Américo místico do nosso tempo*, p.30

²³ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª ed. Paço de Sousa : Casa do Gaiato, 1999, p. 193

"(...) *Confidenciava-se só com o seu irmão R. P.e José de Aguiar antigo missionário no nosso Protetorado do Oriente (...) Abria-se ... só com ele.*

- *E se tu fosses para os franciscanos!... Encontravas o teu centro. Crê. Já os conheces. Encaixas maravilhosamente no espírito franciscano.*

- *Parece-te? Realmente conheço alguns, e gosto deles. Mas não sei...onde estão?*

- *Têm um grande convento e colégio em Tuy. Vais lá. É um passeio agradável. Tonifica-te o espírito. Vês aquilo. Falas com eles, informas-te prudentemente, como um turista curioso, e nada mais. Logo vês...*

Américo lá foi para Tuy. De facto, o P.e José de Aguiar foi um apoio determinante no seu novo rumo, tal como em outros momentos fundamentais como a entrada no Convento e no Seminário (de Coimbra), na sua formação e ordenação sacerdotal, na ajuda contínua à *Obra da Rua* (na casa de Paço de Sousa). Ele sempre o acompanhou e o apoiou.²⁴

De facto, questiona-se o motivo que terá levado Américo a esta reviravolta na sua vida, já que o trabalho em Moçambique estava a ser bem-sucedido e até foi convidado para administrador de uma empresa inglesa onde trabalhava, mas, ao não regressar a África teve que indemnizá-la em 100 contos.²⁵

O seu coração estava inquieto. Estava bem, mas não estava feliz. O seu coração pedia mais. Apesar de seduzido pelo exemplo de S. Francisco de Assis e dos Franciscanos não se sentia realizado em Vilariño de Ramallosa. Por este, ou por outros motivos foi aconselhado a deixar a ordem franciscana. Voltando à sua terra em julho de 1925 procurou o irmão P.e José e, pela mão deste, foi apresentado ao Bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, pedindo a entrada no Seminário.

Como ali não foi aceite, foi então apresentar-se ao Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, natural do Porto, onde foi chanceler do Bispado (em 1886) e, em fevereiro de 1896, Vigário Geral. Foi no Porto, quando trabalhava na Rua Mouzinho da Silveira, que Américo conheceu D. Manuel Luís Coelho da Silva, quando era Vigário Geral daquela Diocese.²⁶

O seu sonho de entrar no Seminário realizou-se só aos 38 anos de idade, mas em Coimbra, onde foi admitido a 3 de outubro de 1925, ali fez os seus estudos e foi ordenado sacerdote por D. Manuel Luís Coelho da Silva a 28 de julho de 1929.

²⁴Cf. MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo: O destino de uma vida*, p. 55

²⁵ Cf. *Ibidem*, p. 47

²⁶ Cf. RAMOS, José da Rocha – *Padre Américo místico do nosso tempo*, p. 24

²⁶ MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo: O destino de uma vida*, p. 87

Habitado, como estava, a outros ambientes culturais bastante diversos, Américo depressa se integrou na vida do Seminário sendo bem recebido por todos os seminaristas que o tratavam com respeito, já que tinha mais idade que a maioria deles.

Desde o começo das aulas que os companheiros seminaristas, muito mais novos que ele, se admiravam da sua idade e até da maneira de vestir diferente (facto claro, chapéu e meias claras e sapatos brancos), sendo alvo de atenção nos primeiros tempos. Não era um seminarista vulgar; tornou-se um verdadeiro amigo, um irmão mais velho para todos os seus colegas. Era um autêntico confidente e conselheiro que todos respeitavam segundo referia o cónego Dr. Brito Cardoso, professor no Seminário de Coimbra, citado por Ernesto Candeias

«Ele soube criar um notável ascendente sobre todos eles por muitas razões. Era o mais velho; tinha uma experiência da vida que nenhum dos outros possuía; tinha viajado e aprendido muito em contato com a sociedade inglesa. Não admira, pois, que todos o olhassem como modelo de quem tinham muito a aprender.»²⁷

É no Seminário de Coimbra que se revela um talentoso jornalista e um perspicaz escritor. Monsenhor Nunes Pereira, ao evocar esses tempos, afirmará mais tarde, numa conferência proferida na universidade da Lusa Atenas, aquando das comemorações do centenário do seu nascimento:

«No Seminário, havia um jornal manuscrito chamado *Folha de Oxford*. Ele oferece-se para escrever à máquina. É que o senhor Américo trazia uma máquina de escrever. E também começou a redigir uns artigos que nos deixaram admirados. A *Folha de Oxford* deu lugar ao *Lume Novo*. Enquanto aquela era mais ou menos tolerada, o *Lume Novo*, em forma de revista, passou a ser lido no refeitório por sugestão do Américo. Assinava os artigos como Frei Junípero.»²⁸

Porém, o seu talento e arte de escritor revela-se mais ainda no *Correio de Coimbra* e, posteriormente, em outros jornais dos quais o mais importante foi *O Gaiato* que ele próprio fundou.

O seu estilo literário é simples e fluente, utilizando muitos exemplos da vida diária sempre com o intuito de doutrinar. Houve quem não compreendesse a sua maneira de escrever e o acusasse disso mesmo, de não saber escrever. Dizia ele:

«PERDE a gente as regras de concordância e escreve com liberdades de poeta. Dizem que o redator da sopa dá pontapés na sintaxe. Que importa, se o faz com o coração! Quem sabe?, talvez seja precisamente por não ter arte

²⁸ RAMOS, José da Rocha – *Padre Américo místico do nosso tempo*, p. 29

que esta sopa tem artes de tocar os corações de quem na lê!..»²⁹

Américo exerceu grande influência tanto nos seminaristas como nos professores e no próprio ambiente do Seminário. «Acostumado a um ambiente evoluído, fruto da convivência em África com gente de todos os quadrantes ideológicos, culturais, educativos e religiosos, sobretudo os ingleses, com os seus hábitos de higiene e de *fair-play*, vai recomendar aos seus superiores normas e remodelações nas instalações sanitárias antigas do Seminário, além de contribuir para a melhoria na alimentação e hábitos de higiene e de limpeza pessoal.»³⁰

Foi para os seminaristas mais do que um colega. Chegava a reuni-los, incitando-os a assumirem as suas responsabilidades pessoais e disciplinares. Foi um aluno aplicado, com algumas dificuldades de aprendizagem, mas sabia incutir uma boa relação pedagógica e um bom ambiente disciplinar nas aulas.³¹

Não só na vida do Seminário como em toda a vida sacerdotal o Padre Américo dá-nos um grande exemplo de caridade e também de humildade, nomeadamente ao reconhecer as suas fraquezas nos estudos:

«É um padrezinho que fez os seus estudos nas mangas benevolentes dos mestres, que troca os casos no latim, que apanhou uma gata a gregoriano; que não tem família,, nem bens, nem nome e dorme por esmola dos seu Prelado nas palhas do Seminário.»³²

Recebeu as várias ordens menores, que nesse tempo estavam em vigor e finalmente recebeu o Subdiaconado no Seminário de Coimbra em finais de 1928.

E, no dia da sua ordenação de subdiácono, fez, por livre e espontânea vontade, um voto de pobreza, publicado pela primeira vez nas colunas do *Correio de Coimbra* a 2 de Agosto de 1956:³³

Seminário de Coimbra. Outubro de 28.

Dia em que fui admitido ao Subdiaconado:

Voto de pobreza: Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, o

²⁹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed. Paço de Sousa : Casa do Gaiato, 1986, p.65

³⁰ MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo: O destino de uma vida* , p. 91

³¹ Ibidem. p. 93

³² AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª ed. Paço de Sousa : Casa do Gaiato, 1986, p.53

³³ CORREIO DE COIMBRA – *O segredo de uma vida*, Ano XXXV, n. 1737(2 de Agosto. 1956), p.1 e segs.

grande Mendigo que me tem cumulado de riquezas sem conta, nem peso nem medida, declaro solenemente, humildemente, que nada desejo possuir, nem saber nem pregar, senão a verdadeira riqueza que o mundo ignora e que se chama altíssima Pobreza do meu Senhor Jesus Cristo. E assim, com a consciência clara e visão segura das dificuldades, privações e responsabilidades da vida futura, quero ligar-me a ela por um voto de Pobreza “sub gravi” que hoje juro, humildemente, nas mãos do meu Prelado, renunciando desde já a tudo quanto possuo ou venha a possuir, obrigando-me a viver pobremente do meu trabalho de cada dia e a entregar ao meu legítimo superior tudo quanto sobrar do meu legítimo sustento e decente vestuário.

Américo Monteiro de Aguiar

Voto de obediência. «*Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se fez obediente até à morte para me dar esta vida divina que nos consome, declaro solenemente e humildemente que de hoje para o futuro desejo viver ligado à vontade do meu Prelado na renúncia inteira da minha vontade, pelo que, humildemente, juro nas mãos, nesta data, voto de obediência inteira “sub gravi”.*

Américo Monteiro de Aguiar.»³⁴

Este dia foi determinante para ele e foi o início de uma vida de total consagração à vida sacerdotal e aos pobres a quem dedicou toda a sua vida. Nesta mesma altura entregou ao Prelado todo o dinheiro que possuía, as sobras do que ganhara em África.

A 23 de julho de 1929 foi ordenado sacerdote tendo continuado a residir no Seminário com a segunda prefeitura a seu cargo. O Padre Américo, como não tinha ainda concluído o curso de teologia, prosseguiu os estudos, em ritmo consentâneo com a sua idade, no ano letivo de 1929-1930. Em Abril termina exausto o curso, mas sentia-se *prisioneiro* na solidão do seu quarto. Continuava inquieto e não se sentia ali realizado.³⁵

O Bispo de Coimbra, no verão de 1930, nomeia-o pároco de uma pequena freguesia dos arrabaldes de Coimbra – S. Paulo de Frades, onde se dedica às famílias e às crianças que pouco a pouco o seguem. Entretanto, nas suas horas livres, dedica-se a visitar doentes, pobres e presos da Penitenciária de Coimbra.

³⁴ CORREIO DE COIMBRA – *O segredo de uma vida*, Ano XXXV, n. 1737(2 de Agosto. 1956), p.1 e segs. Conferir ainda o Anexo IV

³⁵ Cf. MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo: O destino de uma vida*, p. 94-95

A verdade, porém, é que Padre. Américo não pôde tomar conta do lugar paroquial. Sentia-se fragilizado por um *cansaço cerebral*, atribuído ao esforço que despendera ao fazer, já fora do tempo *normal*, um curso de Teologia. Num espírito de dedicação total, *esgotara-se*; tinham-lhe sobrevivendo persistentes dores de cabeça e não se sentia com saúde para a responsabilidade que uma paróquia exigia. Continuava a sentir-se insatisfeito. Era um admirador de Cristo, mas de um Cristo vivo. Pediu ao seu Bispo a missão de visitar os pobres.³⁶

Vendo-o insatisfeito, o Prelado reconsiderou essa decisão, e como “*ele não prestava para mais nada*” mandou-o tratar da *Sopa dos Pobres* a partir de 1932,³⁷ conforme ele próprio refere:

«A *Sopa dos Pobres*, criação do senhor D. Manuel Luís Coelho da Silva, foi inaugurada por ele no dia 19 de março de 1932. Nessa data andava eu enfermo e, como não pudesse trabalhar, roguei ao então meu prelado que me deixasse ao menos visitar pobres e cuidar da sopa deles, serviço este compatível com as minhas dores de cabeça de então.»³⁸

Aí descobre a verdadeira vocação: *recoveiro dos pobres*, como gostava de se intitular. Já antes, nos tempos de Vilariño de la Ramallosa e no Seminário de Coimbra, colocava a caridade como primeira opção.

O Padre Américo era um homem de acção e de coração e sobretudo de muita confiança em Deus e na generosidade das pessoas. Quando um dia o seu Bispo lhe pediu contas a resposta foi esta:

«eu digo-lhe que não as tenho nem as faço. Resposta pronta e textual: “A sua vida é um mistifório”. E nunca mais me interrogou.»³⁹

1. A situação política vigente

Havia muitos pobres nesse tempo. O mundo ainda não estava recomposto dos males da guerra. Para muitos a comida era racionada, quando havia. Na terceira década do século passado o mundo acabara de sair da I Guerra Mundial e a fome ainda se fazia sentir neste país de rostos desfigurados e lares destroçados. Nesta altura, as grandes cidades (especialmente Lisboa, Porto e Coimbra) receberam legiões de esfomeados, vagabundos e doentes. Em Portugal vivia-se então uma grande crise política que levaria

³⁶ Cf. LOPES-CARDOSO, Maria Manuela – *Américo Monteiro de Aguiar: Dimensões antropológicas*, p. 104

³⁷ Cf. MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo: O destino de uma vida*, p. 96

³⁸ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed. p. IX

³⁹ *Ibidem*. p. X

à ascensão de Salazar. A grande crise de 1929 colocou na miséria milhares de famílias e muitos deixaram os filhos ao abandono. Perante este lamentável caos, o Padre Américo, devido à sua sensibilidade para os problemas sociais, relata o contacto inicial com os mais desfavorecidos:

«Comecei por uma toca no Largo da Trindade onde habitava uma mulher prostituída, com quatro filhos de outros tantos pais; a qual mulher falecia pouco depois à minha beira, roída de doença e de pecado, a pedir perdão e a perdoar.»⁴⁰

O Padre Américo iniciou a sua atividade social e caritativa em pleno regime do chamado *Estado Novo*. Este regime ditatorial veio na sequência de uma revolução levada a efeito por uma ditadura militar a 28 de maio de 1926, que pôs termo à primeira República Portuguesa. Foi assim implantada a auto-denominada Ditadura Nacional, depois transformada, já com Oliveira Salazar, após a aprovação da Constituição de 1933, em Estado Novo, regime que se manteve no poder em Portugal até à Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974.

A própria expressão Estado Novo tem a ver com a nova ordem que Salazar quis implantar com uma nova Constituição. Ele defendia com intransigência uma rotura total com o passado em que a Assembleia da Nação já não era constituída por deputados dos partidos, mas por representantes das estruturas naturais em que os indivíduos se integram sob o aspeto social, económico, regional, etc.

É um facto indesmentível que o novo regime se consolidou no poder pela força, recorrendo à repressão. Destacados republicanos, mações e anarco-sindicalistas conheceram a violência da primeira vaga de prisões, deportações, supressões de empregos, etc. O partido comunista, à medida que ampliava a sua influência, veio a tornar-se no alvo preferencial, mas não exclusivo, das perseguições políticas.

Outro facto inegável é que, apesar da oposição republicana, que aliás nem no exílio, como resistente, conseguiu ultrapassar as suas divergências, apesar da oposição sindical, o Estado Novo conseguiu na sua fase inicial uma vasta base de apoio. Ela não se fica a dever apenas ao temor e à repressão. Nem se deve ao “alívio” pelo restabelecimento de um regime de ordem, que Salazar sintetizou nesta frase que se tornou célebre: *Sei muito bem o que quero e para onde vou, mas não se me exija que chegue ao fim em poucos meses. No mais, que o País estude, represente, reclame, discuta, mas que obedeça quando se chegar à altura de mandar.* Nem tão-pouco à

⁴⁰ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª ed. Paço de Sousa : Casa do Gaiato, 1999, p.85

adopção de uma clara opção política. Monárquicos, integralistas, republicanos de diversos matizes apoiaram o novo regime. A década de 30 será ocupada numa lenta e cuidada clarificação ideológica.⁴¹

A par com essa clarificação, Salazar como Ministro das Finanças desde 27 de abril de 1928, começou por exigir que toda a administração pública estivesse na sua dependência, vedando aos ministros aumentarem as despesas sem o seu acordo, e pediu ainda ao povo confiança e obediência. Para ele havia que definir a ordem de prioridade nos problemas nacionais. Essa ordem era, a seu ver, a seguinte: problema financeiro, problema económico, problema social e problema político. Sem finanças sólidas não há economia sã, sem boa economia não há paz social, sem sociedade em paz de balde se procura equilíbrio político.

A reorganização das finanças públicas veio reforçar muito, nos anos de 1928 a 1930, o prestígio de António de Oliveira Salazar. Em 1 de agosto de 1928 foi publicado o primeiro orçamento sem défice. O orçamento de 1929 apresentava um *superávit* significativo.⁴² Refira-se que em 1927 a grande preocupação era a situação financeira do País, que o governo dos militares agravara consideravelmente. «Compra de armamento, elevação dos soldos, despesas com as revoluções, aumento dos quadros, tinham conduzido a uma emergência grave de que o governo não via maneira de sair senão pelo recurso ao empréstimo externo. Pensou-se assim em negociar uma operação de grande envergadura (12 milhões de libras) com a qual se esperava sanear as finanças e fazer despesas urgentes.»⁴³

De facto a austeridade imposta por Salazar trouxe ao país uma época de recuperação económica, após um longo período de estagnação e de carestia com a falta de matérias primas e bens essenciais de toda a espécie.

Efetivamente, após a guerra de 1914-1918, a economia portuguesa era uma economia estagnada. A população passou privações durante muitos anos. O pão faltava e a sua importância como base da alimentação, era à data enorme. Faltava o gás, o consumo da luz restringiu-se, assim como a circulação normal dos elétricos. As fábricas paravam, porque não havia como transportar carvão, algodão, lã, folha de flandres, etc.

⁴¹ Cf. *HISTÓRIA de Portugal*. Dir. José Hermano Saraiva. Vol 3. Toledo (Espanha): Artes Gráficas Toledo, SA. 1983, p.541

⁴² Cf. *Ibidem*, p.542

⁴³ Cf. *Ibidem*, p.539

A quebra de produtividade provocara ao patronato prejuízos e ao operariado uma vaga de desemprego. Desemprego e quebra de poder de compra provocado pela inflação, vão provocar violentos confrontos entre operariado e patronato. A carência de géneros alimentares e o aumento especulativo do seu custo provocam nuns, e acentuam noutros, a miséria e a fome das camadas populares, sobretudo em Lisboa, onde o crescimento da população operária fora significativo.

Havia, por isso, uma grande abundância de pobres e crianças vadias e esfomeadas que vagueavam pelas ruas e que despertaram a atenção do Padre Américo. Muitos desses pobres eram rurais ou operários desempregados, que gastavam o pouco que tinham em tabernas e esquinas contraindo vícios. Isto levou a que baixasse o crescimento demográfico em virtude de não haver recursos suficientes para alimentar os filhos.

Segundo Mário Leston Bandeira, a percentagem média do crescimento demográfico entre 1911 e 1920 foi quase nulo, segundo os dados do Taxas Médias de crescimento intercensitário(TMCI). O mesmo autor afirma que entre 1920 e 1940 o crescimento demográfico da população em Portugal conheceu uma dinâmica excecional(+1,24% entre 1920 e 1930 e +1,28% entre 1930 e 1940), segundo os mesmos dados das TMCI.⁴⁴

Entre 1907 e 1930, o peso numérico dos operários aumentou significativamente a nível nacional. O seu número multiplicou-se três vezes e meia. Se se tentar avaliar, por estimativa, já que não existem estatísticas que o permitam fazer com rigor, a sua expressão numérica, como classe social, ascende, entre esses mesmos anos, de 214 mil a 750 mil. Para isso calculou-se a população não ativa que dele depende como agregado familiar. Mas é sobretudo nas cidades de Lisboa e Porto, com maior incidência ainda na capital, que o seu crescimento ganha um maior significado.

As famílias que iniciaram essa migração não encontraram durante a República a prosperidade que julgavam poder auferir na cidade. Bem pelo contrário. A guerra acabara por agravar as suas já difíceis condições de vida. A miséria e mesmo a fome acompanharam o desenvolvimento das cinturas operárias.

O ano de 1917 marca o auge dos assaltos a estabelecimentos, que atingiram foros de sublevação. Pilhou-se e saqueou-se o que pôde. Era uma revolta de miséria, mas

⁴⁴ BANDEIRA, Mário Leston – *Demografia e modernidade: Família e transição demográfica em Portugal*. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, D.L. 1996, p. 150

também um protesto violento contra os açambarcadores, muitos dos quais viram as suas fazendas e haveres roubados ou destruídos em plena via pública.

Por outro lado a pobreza estendia-se também ao mundo rural já que uma grande parte do país era constituída por agricultores que, ou eram rendeiros, ou eram pequeníssimo proprietários. «Em 1914-1915, O número de pequeníssimos proprietários era de 771. 325 (57,7%) de pequenos proprietários de 532 124 (39,8%). Os médios e grandes proprietários ascendiam apenas a 27.561 (2,1%) e 5.000 (0,4%), respetivamente.

Os assalariados rurais viviam em condições miseráveis, salários baixíssimos e uma garantia de emprego que rondava os duzentos dias. O seu número engrossava quando crises de superprodução ou os maus anos agrícolas - e foram vários nos primeiros anos da República - arruinavam pequenos rendeiros. A emigração ilegal e clandestina atrai dezenas de milhares destes desgraçados que tentam lá fora destino melhor. Mas a imagem dos que voltam enriquecidos - quase só esses voltam - é a que permanece e atrai.⁴⁵

Para fazermos uma ideia do estado do país a nível social, familiar e habitacional vejamos o que escreve José da Cruz Santos:

Estamos a falar de um país onde a luta de classes, a liberdade sindical e o direito à greve tinham sido liquidados em nome de princípios corporativistas; de um país onde a previdência social tinha um âmbito muito limitado, não havendo, como regime geral, pensões de sobrevivência, de desemprego, assistência clínica ou médica completa ou assistência materno-infantil; de um país onde o salário de um chefe de família dava para pagar apenas 70% das necessidades alimentares e correspondia a pouco mais de um terço do salário diário considerado mínimo! De um país onde o «trabalho certo.» era coisa rara e onde as mulheres (sobretudo na indústria têxtil) e os menores (a partir dos oito nove anos) representavam uma percentagem impressionante força de trabalho industrial.

Subalimentação, doenças crónicas, degradação habitacional, pobreza, mendicidade, prostituição, extravasando as fronteiras das cidades de Lisboa e Porto e

⁴⁵ Cf. *HISTÓRIA de Portugal*. Dir. José Hermano Saraiva. Vol 3, p.586-590

invadindo os centros burgueses das cidades, obrigavam Governo e Câmaras a responder com medidas de repressão ou campanhas regulares de caridade pública.⁴⁶

O Fundador da Obra da Rua, acabado de ser ordenado padre vê à sua volta uma legião de pobres e famintos, muitos dos quais são crianças e fica muito inquieto e perturbado. Sofre com os que sofrem. Chora com os que choram e a sua alma apostólica nunca mais tem descanso.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, em face dos registos dos boletins de família, preenchidos no dia 1 de Dezembro de 1930, ano do recenseamento, havia presentes em todo o território do continente e ilhas, 6.823.883 indivíduos, mais 792.892 do que em igual dia e mês do ano de 1920. O crescimento médio anual por 1.000 habitantes, no período decorrido de 1920 a 1930, atingiu a cifra de 13,1%, o mais elevado índice que se regista depois de 1864, cerca de dez vezes o valor calculado para o período de 1911-1920, perfazendo nesta década um aumento de 11.418 indivíduos, cifra que, segundo aquele Instituto, deve representar o resultado dos movimentos migratórios da população portuguesa. A falta, porém dos respetivos registos estatísticos não nos permite fazer qualquer verificação.⁴⁷

Nos anos 30, Lisboa e o Porto entraram numa nova fase de desenvolvimento económico e de crescimento demográfico, baseados fundamentalmente em atividades especulativas e na expansão do comércio externo, mais do que no desenvolvimento industrial. A ameaça de guerra na Europa e o conseqüente aumento do investimento estrangeiro em Portugal, os lucros crescentes da exportação de produtos para as indústrias de guerra, principalmente o volfrâmio, e os aumentos de preços dos produtos coloniais nos mercados internacionais criaram um excesso de liquidez, muito do qual veio a ser investido no setor imobiliário e da construção. De 1920 a 1930 a população do Porto aumentou de 27.500 habitantes, aumentando novamente de 28.800 habitantes entre 1930 e 1940, enquanto que o crescimento populacional entre 1911 e 1920 tinha sido de apenas 10.400 habitantes. De 1920 a 1940 construíram-se no Porto 19.300 novas habitações. Em Lisboa verificaram-se idênticas taxas de crescimento. A sua população aumentou de 107.300 habitantes entre 1920 e 1930 e de 102.500 habitantes entre 1930 e 1940, enquanto de 1911 a 1920 tinha crescido apenas 52.900 habitantes. O

⁴⁶ Cf. SANTOS, José da Cruz – *O Padre Américo e a Obra da Rua*, Lisboa: Alêtheia Editores, 2006, p.40

⁴⁷ INSTITUTO Nacional de Estatística- *Censo da População de Portugal, Dezembro de 1930. Relatório*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1934, p.10

número de fogos construídos em Lisboa de 1920 a 1940 atingiu os 54.700. Politicamente, este período coincide com o golpe militar de 1926 e a instauração do Estado Novo em 1933, regime que se definia como um Estado nacionalista, social e corporativo.⁴⁸

Por todos estes motivos se vê que, quando o Padre Américo iniciou a sua atividade quer em Coimbra, quer no Porto tinha havido um surto de desenvolvimento em vários sectores que não foi suficientemente acompanhado por iniciativas sociais que combatessem a pobreza e a degradação de muitos que haviam procurado a cidade em busca de melhores condições de vida.

2. A situação da Igreja em Portugal

Os piores tempos para a Igreja já tinham passado. Não havia já a perseguição do tempo da instauração da República. Havia um novo enquadramento legal e tinham sido restabelecidas as relações diplomáticas com a Santa Sé.

Para tal foi muito importante o Presidente Sidónio Pais. A 5 de dezembro de 1917 partiu para a conquista do poder e três dias depois tinha-o alcançado. Era o fim de uma época de terror para a Igreja. Afonso Costa era destronado e o povo católico respirava de alívio.

Após a chegada ao poder, um dos primeiros atos de Sidónio é anular os desteros dos bispos. D. António Barroso regressa ao Porto a 20 de dezembro de 1917; o cardeal patriarca regressa de Gouveia; D. Manuel Vieira de Matos não chegara a sair de Braga, nem D. Augusto Eduardo Nunes de Évora. Os sacerdotes podem também em liberdade celebrar nas catedrais, nas Igrejas paroquiais e outros templos.⁴⁹ Em todo este período foi decisivo para a Igreja o papel do Centro Católico.⁵⁰

Sidónio Pais foi assassinado a 14 de dezembro de 1918 e o seu funeral a 21 e dezembro foi uma profunda manifestação de pesar. Até 1926 seguiram-se sete anos e meio conturbados em que Portugal teve quatro Presidentes da República, cinco parlamentos e trinta governos. A 28 de maio de 1926 eclodiu em Braga uma revolta

⁴⁸ TEIXEIRA, Manuel C. – *Análise Social*, O Estado Novo. Políticas de habitação nas décadas de 1920 e 1930, vol. XXVII (115), 1992, p. 15

⁴⁹ Cf. SEABRA, João – *O Estado e a Igreja em Portugal no início do séc. XX*, 1.ª Ed. Cascais: Ed. principia, 2009-p.250

⁵⁰ O Centro Católico Português (CCP) foi fundado num congresso realizado em Braga em 8 de Agosto de 1915 e foi originado por uma Instrução pastoral colectiva do Episcopado, de 22 de Janeiro de 1917, apela para a acção política da União Católica.

⁵⁰ Cf. SEABRA, João – *O Estado e a Igreja em Portugal no início do séc. XX*, p.271

militar que tomou rapidamente o poder sem encontrar resistências. Assim foi derrubada a República. Não foi disparado um tiro e não morreu ninguém. Carmona achou-se Presidente da República e Salazar presidente do conselho.

A tomada do poder por Salazar fez-se paulatinamente. Começou por ser ministro das Finanças. De 1928 a 1932 foi ministro das Finanças de três presidentes do Conselho: mas cada vez mais quem manda é ele, pois está decidido a acabar com o déficit do Estado. Ao fim de quatro anos, tanto Carmona como os militares sabiam que quem mandava no Governo, na ditadura militar e nos militares da ditadura, em suma, era Salazar.⁵¹ A Constituição de 1933 pôs termo à ditadura. Salazar apresentou a Carmona a demissão do Governo e, sem surpresa, foi reconduzido ao cargo de presidente do conselho com a missão de formar o primeiro governo constitucional. A nova Constituição não foi ainda tão audaz como desejariam alguns católicos, que esperavam de Salazar um gesto mais clamoroso: a revogação do decreto de 8 de outubro de 1910 contra as ordens religiosas, das leis da família e da *Lei da Separação*. Mas nada disto aconteceu. Só com a Concordata de 1940 a situação da Igreja católica será regulada em termos conformes com a liberdade religiosa.⁵²

Como podemos constatar toda a juventude do Padre Américo, bem como o início da sua atividade sacerdotal foram marcados por muita turbulência a nível do governo e, sobretudo, muita hostilidade contra a Igreja, que só seria atenuada no tempo de Sidónio Pais e depois com a Concordata de 1940.

A sua vasta obra social contestada por alguns, mas apoiada pela grande maioria do povo português, inclusivé pelos governantes, consta de várias etapas conforme os horizontes e as necessidades se lhe vão abrindo. Começou pela *Sopa dos Pobres*, cuja responsabilidade o Bispo de Coimbra lhe confiara. Compadecido de um número considerável de rapazes que viviam pelas ruas numa vida de miséria e abandono, teve a ideia de os ajudar. Para eles organizou colónias de campo fora da cidade e em contacto com a natureza em S. Pedro de Alva, Vila Nova do Ceira e Miranda do Corvo.

Porém as suas preocupações iam mais além. As crianças não podiam sair, apenas por uns dias, da miséria onde viviam. Era necessário criar laços familiares para quem não os tinha. Foi assim que a 7 de janeiro de 1940 deu início à primeira *Casa do Gaiato* em Miranda do Corvo, próximo de Coimbra, onde alojou alguns desses rapazes que,

⁵¹ Cf. SEABRA, João – *O Estado e a Igreja em Portugal no início do séc. XX*, p.273

posteriormente viriam a colaborar também na fundação da *Casa do Gaiato* de Paço de Sousa três anos depois, 24 de abril de 1943. Com idênticas finalidades fundou a *Casa do Gaiato* de Santo Antão do Tojal (Lisboa) em 1948 e, a 1 de julho de 1955, a *Casa do Gaiato* de Setúbal (um ano antes da sua morte). Outras casas idênticas foram surgindo por toda a parte e estão hoje dispersas um pouco por todo o país e também em África. Muitos destes rapazes acolhidos acabaram por apelidá-lo de *Pai Américo* e foi este o nome que se estendeu a todas as casas.

Retratando um pouco o ambiente nesse tempo refere José da Cruz Santos:

«É pois num cenário de pobreza e miséria generalizada que Américo, “apóstolo das ruas”, assume as suas funções “Recoveiro dos pobres”. Assumindo, ele próprio, um estilo vida fiel ao «espírito da pobreza.», na esteira de São Francisco de Assis e São Vicente de Paulo, colabora com beneméritos de Coimbra (como a Condessa do Ameal, Maria Carolina Sousa Gomes e as *Criaditas dos Pobres*, responsáveis pela «Cozinha Económica.»), e partilha com os miseráveis o pouco que possui. *Canta aos ricos a Pátria Celeste, pedindo esmola para os pobres*».⁵³

O passo seguinte era ajudar os mais crescidos a encontrar um emprego fora da casa que os acolheu. Com essa finalidade nasceram os Lares criados nas cidades, onde mais facilmente os rapazes encontrariam trabalho. Esses Lares seguiram a mesma metodologia: São *obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes*. Também aqui, como nas outras casas, os chefes são eleitos pela comunidade. O primeiro lar da *Obra da Rua* nasce no Porto a 3 de fevereiro de 1945 e logo depois o de S. João da Madeira. Na cidade de Coimbra, funda também o Lar do ex-pupilo dos reformatórios em janeiro de 1941. Este lar acabou por passar para os Serviços Jurisdicionais de Menores do Ministério da Justiça em 1950.

O coração do Padre Américo continuava a sofrer com quem sofria. Chocado com o abandono a que eram condenados os doentes incuráveis fundou o “O Calvário”, obra na qual tinha muita estima e que era, por assim dizer, a *menina dos olhos dele*. A Capela da *Casa do Gaiato* de Beire (Paredes) foi inaugurada dois dias antes do acidente que vitimou o Fundador. Iniciada em 1954, numa quinta doada para esse fim, o Calvário é um autêntico monumento à dignidade do doente incurável.⁵⁴

⁵³ SANTOS, José da Cruz – *O Padre Américo e a Obra da Rua*, p.40

⁵⁴ Cf. RAMOS, José da Rocha – *Padre Américo místico do nosso tempo*, p. 43

As suas constantes visitas aos locais onde viviam os pobres, antros de miséria e de pobreza, fizeram-no despertar para outra urgência. Era necessário que todas as pessoas tivessem uma habitação condigna. Ora nesse tempo de tanta pobreza, as famílias eram numerosas e as casas insuficientes. Por isso, tomou a iniciativa de construir casas para os pobres. O problema da pobreza e da habitação despertaram nele o desejo de levar por diante o *Património dos Pobres*, uma iniciativa nascida na década de cinquenta e que se prolongaria até hoje. O seu sonho era o de cada família ter a sua casa com um pequeno jardim, que pudesse ser cultivado e com muito sol. Esta preocupação por casas para os pobres levou-a ele a todos os recantos do país e, em pouco tempo foram construídas centenas.

Mais faria ainda pelos rapazes e pelos pobres se a vida não lhe fosse arrebatada, em consequência dum acidente de automóvel em S. Martinho do Campo, Valongo. Acabou por falecer no Hospital Geral de Santo António no Porto, a 16 de julho de 1956. A notícia do desastre que levou o P. Américo à cama dum hospital e dali para a eternidade, encheu de consternação Portugal inteiro. O seu funeral foi acompanhado por imensa gente de todas as classes sociais. Os seus restos mortais repousam em campa rasa na capela da *Casa do Gaiato* de Paço de Sousa.⁵⁵

O processo da sua beatificação foi introduzido em 22 de março de 1986, constituindo-se agora a *Obra da Rua*. A 18 de outubro 1997, foi publicado o decreto de validade da Causa de Canonização do Servo de Deus.

⁵⁵ No final deste trabalho podemos ler vários anexos, que relatam a morte, o funeral e a grandeza do Padre Américo.

CAPÍTULO II

1. O valor do trabalho

O Padre Américo bem cedo percebeu a dimensão formativa do trabalho e, por esse motivo, teve sempre como lema a ocupação dos rapazes. E fazia isto porque queria que cada um, pela sua profissão, desempenhasse um trabalho útil à sociedade.

Diz João Paulo II: «O primeiro fundamento do valor do trabalho é o mesmo homem, o seu sujeito. E relaciona-se com isto imediatamente uma conclusão muito importante de natureza ética: embora seja verdade que o homem está destinado e é chamado ao trabalho, contudo, antes de mais nada *o trabalho é para o homem* e não *o homem para o trabalho*. E por esta conclusão se chega a reconhecer justamente a preeminência do significado subjetivo do trabalho sobre o seu significado objetivo. Partindo deste modo de entender as coisas e supondo que diversos trabalhos realizados pelos homens podem ter um maior ou menor valor objetivo, procuramos todavia pôr em evidência que cada um deles se mede sobretudo *pelo padrão da dignidade* do mesmo sujeito do trabalho, isto é, da pessoa, *do ser humano que o executa*. Por outro lado, independentemente do trabalho que faz cada um dos homens e supondo que ele constitui uma finalidade — por vezes muito absorvente — do seu agir, tal finalidade não possui por si mesma um significado definitivo. De facto, em última análise, *a finalidade do trabalho*, de todo e qualquer trabalho realizado pelo homem — ainda que seja o trabalho mais humilde de um *serviço* e o mais monótono na escala do modo comum de apreciação e até o mais marginalizador — permanece sempre o mesmo homem.»⁵⁶

O *Fundador da Casa do Gaiato* teve sempre a preocupação de preparar os rapazes para uma vida de trabalho a fim de que pudessem ter a sua casa e levarem uma vida digna. Porque, segundo ensina, o trabalho dignifica o homem e, por isso, fez do trabalho para todos a sua luta. E porquê? Porque é um instrumento eficaz contra a pobreza. Onde há trabalho há riqueza. Um dos elementos da sua pedagogia é exatamente o trabalho de sol a sol:

«Quem não trabalha não come.», repetia ele aos gaiatos.»⁵⁷

⁵⁶ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1981- (JOÃO PAULO II) – *Laborem Exercens: Carta Encíclica* – n. 6. AAS - Commentarium Officiale (Vaticano 1981)- An. et vol. LXXIII 5 Novembris 1981 N. 9

⁵⁷ AMÉRICO, Padre – *Viagens*, 2.^a Ed. Paço de Sousa : Casa do Gaiato, 1973, p. 72

Na actuação do *Fundador da Obra da Rua* está uma grande objectivo: fazer de cada rapaz da rua um homem útil à sociedade, ganhando o pão com o suor do seu rosto e cultivando também os grande valores morais. E este objectivo é procurado precisamente por meio de trabalho de cada rapaz. O trabalho é formador de personalidades. Diz o Padre Américo:

«Nós somos trabalhadores de primeira linha; trabalhamos mais de oito horas por dia. O nosso sistema exclue todo e qualquer pessoal auxiliar. Os orientadores são em muito pequeno número e a sua acção é agachada. De forma que esta primeira quinta será o local do primeiro desdobramento da Casa do Gaiato. A seu tempo irão obreiros de Paço de Sousa, como vieram para cá os de Miranda do Corvo, fundar. Eles hão-de trabalhar, dirigir, zelar aquilo que é deles, para eles, por eles.

Enquanto o Governo não nos proporcionar meios de vida nas colónias, como se espera que ele o faça em tempo oportuno, estas e outras possíveis quintas servem o nosso propósito de ocupar, com interesse próprio, o ex-vadio da rua.

É necessário deitar por terra os velhos métodos da Assistência, aonde não falta quem vá dirigir os rendimentos interesses das Casas - nem sempre a bem e para bem dos dirigidos. Afigura-se-me que o rendimento social, é formar escolher, de entre os que necessitam de nós, os futuros mestres de vida. Há-de ser a massa.

Virá tempo, cuidado eu, em que me hão-de pedir encarecidamente para aceitar quintas para a Obra e pode muito acontecer que eu as recuse. Se não tiver rapazes para trabalhos, e enquanto os não tiver, não as aceito. A nossa moeda forte, o nosso estímulo de vida, a nossa defesa da miséria, é justamente o trabalho e este das nossas mãos.»⁵⁸

1.1 Como meio de combate à exclusão e à pobreza

A educação pelo trabalho e pela responsabilidade, de acordo com a idade de cada um, mas ninguém está dispensado de trabalhar, mesmo os mais pequeninos. Ele acha que ninguém se pode sentir no direito de não trabalhar e de viver à custa dos outros.

Sendo um direito fundamental, o trabalho é também uma necessidade para o homem e para que este possa formar e manter uma família. Um dos grandes sonhos do Padre Américo era o de ver cada rapaz *retirado da lama* constituir a sua família e ter a sua casa. O trabalho contribui para a pessoa viver com dignidade.

«Vamos que este rapaz, por ter sido um dos de perigo moral-vamos que ele, digo, tivesse sido posto ao serviço de uma das variadas casas de assistência pública, em vez de ser conduzido para aqui? Não falava. Não escolhia. Não era

⁵⁸ AMÉRICO, Padre –*Obra da Rua*, 3.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1983, p. 99

senhor do seu nariz. O mundo não se regozijava ao saber salva a ovelhinha que andava perdida; e não dava glória a Deus porque não tinha de quê.»⁵⁹

O trabalho ajuda as pessoas a viver com dignidade mas, infelizmente, algumas famílias vêm-se atiradas para a pobreza em virtude de circunstâncias variadas sendo obrigados a viver numa condição que nunca foi a sua. Padre Américo era sensível a essa pobreza envergonhada:

«Famílias inteiras, ontem na abundância, hoje temem as horas de comer nem fogo no lar, nem pão na despensa e lágrimas nos olhos. Pobreza retraída de gente distinta.»⁶⁰

O trabalho honesto, que gera riqueza, leva à partilha resultante da generosidade mútua. Dizia o Padre Américo:

«Mesmo entre nós, no meio do nosso bom povo, encontramos a mesma verdade, nos que são honestamente pobres, vivendo do seu trabalho: repartem do seu pouquinho, alegremente, generosamente, num tu cá tu lá mui respeitoso, sentados à mesma altura.»⁶¹

O apóstolo dos rapazes estava bem consciente de que a solidariedade, que une todos os seres humanos e os torna membros de uma só família, impõe aos mais ricos, que dispõem com exuberância de meios de subsistência, o dever de não permanecerem indiferentes diante das famílias cujos membros lutam contra as dificuldades da indigência, da miséria e da fome, e não gozam dos direitos elementares da pessoa humana. Por este motivo alertava constantemente as consciências para a necessidade de *abrirem os cordões à bolsa* e partilharem do que lhes sobra.

Considerando que numa casa de família o trabalho deve ser dividido por todos para que não fiquem uns mais sobrecarregados do que outros o *Pai Américo* procurava que cada rapaz tivesse a sua ocupação na casa. O trabalho era sabiamente distribuído por todos ao longo do dia, de acordo com as tarefas a desempenhar e a idade de cada um. Alguns ocupavam-se do trabalho de cozinha, outros do refeitório, outros dos trabalhos agrícolas, outros dos animais, etc.

Cada um era responsabilizado pelo *Pai Américo* pela comunidade perante a qual tinha que responder. Havendo horários diversos e atividades diversas cada um e cada

⁵⁹ AMÉRICO, Padre – *O Barredo* . 1.º Vol.2.ª ed. Paço de Sousa : Casa do Gaiato, 1974, p. 96

⁶⁰ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed., p. 29-30

⁶¹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª ed., p. 25

grupo tinha de ser responsável e executar o seu trabalho, mesmo que outros estivessem em recreio. Esta pedagogia da responsabilidade educa o rapaz para no futuro exercer uma profissão com responsabilidade em qualquer setor de atividade.

1.2 Como meio da libertação humana

A *Casa do Gaiato* é como que uma escola de valorização humana. Os rapazes são educados de tal modo que, chegados à idade adulta, sejam capazes de seguir com inteira responsabilidade a sua vocação, incluindo a sagrada, e escolher um estado de vida; e, se casarem, possam constituir uma família própria, em condições morais, sociais e económicas favoráveis.

Para alcançar tais objectivos o *Fundador da Obra da Rua* proporcionava aos rapazes uma educação da liberdade e uma formação para a autonomia e para a responsabilidade. As Casas do Gaiato funcionam praticamente em autogoverno, que assenta num princípio da responsabilidade pessoal do gaiato, sem descuidar a função comunitária dessa responsabilidade.

Segundo afirma Romanini «Os "gaiatos" andam de um lado para o outro, vão das suas casas para o campo e para as oficinas e destas para aquelas sem ninguém que vigie, sem o tutor que dá ordens ou marca horas. Não há portas. Entra-se e sai-se quando se quer. Não é um reformatório, nem um hospício, nem um colégio: é uma aldeia. O que quer estar, pode andar sem qualquer formalidade, sem autorização, por onde lhe apetecer.»⁶²

Com efeito, na *Casa do Gaiato*, parece reinar a anarquia porque, no mesmo horário, podem ver-se grupos de rapazes que fazem coisas diversas como trabalhar na oficina, na agricultura, na cozinha, no refeitório e em qualquer outro sítio. Todos sabem o que devem fazer e são responsabilizados pelas tarefas a desempenhar. Pode sair da casa quando quiser. Nem portões de ferro, nem muros impedem que os rapazes possam sair. É verdade que alguns abandonam a casa, mas mais tarde regressam.

«Esta experiência viva de sentir-se responsável, num ambiente em liberdade, permite a convivência ordenada, a participação, as relações de amizade e, ainda, molda os comportamentos. Se há infracções, existe a assembleia, onde são castigados ou consciencializados os infractores da falta cometida, despertando e gerando sentimentos de responsabilidade. Na verdade, o

⁶² ROMANINI, Luigi – *Il movimento pedagogico all'estero em La Scuola*. Brescia. Vol II, 1959, p.123.

papel da formação moral é importante no âmbito da educação integral do rapaz.»⁶³

Toda a pessoa humana para ver reconhecida cabalmente a sua dignidade deve ser livre de pensar e de agir de acordo com a sua consciência. Assim, e porque a *Casa do Gaiato* é uma escola de oração e de trabalho são dadas linhas orientadoras para que todos possam crescer como homens educados, trabalhadores e responsáveis. O trabalho e a oração, bem como o recreio, têm as suas horas marcadas. Cada um, sabe qual é a sua tarefa e todos são responsabilizados pela mesma. Caso não a cumpram são sujeitos ao “tribunal” da comunidade e aí devem assumir os seus erros e procurar emendar-se.

O Padre Américo gosta de sentir a liberdade que dá aos rapazes. Um caso que serve de exemplo é o seguinte:

No dia 6 de janeiro de 1952 é dia de eleições para Chefe, no Lar do Gaiato da cidade do Porto, e o Padre Américo dirige-se lá para assistir. São dezasseis votantes e o Carlos é eleito por catorze votos a favor. O Padre Américo comenta:

«O Carlos é duro. O Carlos é um rapaz severo... Estão de parabéns os rapazes do Lar. Digo mais: está de parabéns a cidade do Porto. Quanto a mim, digo a palavra interior: Bendito Deus nas Suas obras!

Carlos levanta-se ao saber do resultado. Outro qualquer produziria um extenso discurso. Ele não. Ele diz apenas, voltado para mim e com voz firme: “*Pai Américo* tenha confiança em nós”. E Eu digo ao mundo: Homens da atualidade, tenham confiança!»⁶⁴

O *Fundador da Obra da Rua* gosta de educar para aquela liberdade, que é dom de Deus dado à pessoa humana, donde nasce o amor e o respeito por cada um que, na ordem prática se actualizam numa conduta de repulsa e negação da série, da tutela e da escravidão, refere Evangelista Loureiro. Citando o Padre Américo refere ainda que «por isso os dois gaiatos, António e Amadeu, educados neste princípio, foram sós ao Porto, com dinheiro, quando antes roubavam, para uma cidade com muitos atractivos, eles que estavam numa "idade curiosa". E o mesmo autor acrescenta: «Poder-se-á falar de autêntica liberdade, portanto, quando ela se exerce independentemente de qualquer influência tutelar, moral ou física, e com o conhecimento pleno do objecto da possível transgressão e dos princípios éticos que regem o comportamento moral humano. Nestas condições é livre o que não transgride, não porque não transgride, mas porque não

⁶³ MARTINS, Ernesto Candeias – *O Projecto Educativo do Padre Américo: O ambiente na educação do rapaz..* 1ª ed. Lisboa : Temas e Debates, 2004, p.365

⁶⁴ AMÉRICO, Padre – *Notas da Quinzena*, 1.ª Ed. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1986, p.266-267

transgride podendo transgredir; é libertino o que transgride, não porque transgride senão porque transgride, podendo não transgredir. Ao primeiro será devido o prémio e ao segundo o castigo, como fruto natural de liberdade. Tal concepção de liberdade penetrou na teoria educativa do Padre Américo. Exactamente por isto, o princípio da liberdade, tal como o entendeu, é uma das normas fundamentais do sistema educativo da *Obra da Rua*.»⁶⁵

Sem liberdade não há dignidade. Se a pessoa vive prisioneira da miséria e dos vícios não vive a sua dignidade a que tem direito. A libertação de todas as amarras que impedem a pessoa de ter uma vida digna é fundamental. E o Padre Américo sabe bem da importância da liberdade na educação dos rapazes, pelo que procura sempre inculcar no espírito dos mesmos a noção do uso da liberdade com responsabilidade. Ele parte de uma base de amor e de confiança. Para tanto procura responsabilizar os mais velhos pelos mais novos, responsabilizando uns e outros pelo seu próprio bem estar:

«Confiança. Gosto da força que esta palavra tem. Antes quero a derrota da confiança do que o triunfo da vigilância. Asneiras que eles façam por si mesmos são lições.»⁶⁶

Nas Casas do Gaiato, a educação desenvolve-se da liberdade para a responsabilidade, mediante o sistema de autogoverno, o que supõe, da parte do padre da rua, ter muita confiança nos seus rapazes, que eles manifestem espontaneamente os seus desejos e o que são, sendo ao mesmo tempo, secundados pela sua orientação ou conselhos.⁶⁷

A liberdade, que o Padre Américo defende e ensina, nada tem a ver com a libertinagem. Muitos dos rapazes que acolhe, levam realmente uma vida de libertinagem vadiando pela ruas e pelas feiras e procurando meios de sobrevivência por meios que frequentemente os levam a casas de correcção. Infelizmente, alguns acabam muitas vezes por fugir à vigilância dos responsáveis, para voltarem de novo para a rua. O mesmo sucede com outros, que entram na *Casa do Gaiato*. Habitados, como estão, à vida da rua, sem regras, têm muita dificuldade em aceitar o ambiente de trabalho e de educação que lhes é ministrado na *Casa do Gaiato*. Muitos regressam arrependidos à Casa que os acolhe de braços abertos como família. Faz-lhes falta, além do *bafo* da mãe,

⁶⁵ LOUREIRO, João Evangelista – *Um grande educador português do Século XX.*, p. 83

⁶⁶ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1977, p.180

⁶⁷ MARTINS, Ernesto Candeias – *O Projecto Educativo do Padre Américo*, p.362.

como diz o Padre Américo, o conforto do lar da *Casa do Gaiato* já que não têm outro. Aquela casa é a deles.

Pela prática do *Fundador da Obra da Rua*, podemos deduzir que aquela Obra é uma obra social de grande envergadura, pois segue uma Pedagogia e uma doutrina social própria, ou seja formar homens livres e responsáveis e dignos.

Diz o Padre Américo:

«Quem dera que se propague a doutrina social das Casas do Gaiato, para o bem da multidão de crianças atualmente autómatas de um complicado maquinismo, em lugar de almas livres, de uma Obra simples. Tão adoravelmente simples, que os mais desgraçados tornam-se num instante os mais felizes! Dois rapazes que foram das ruas conduzem 60 garotos da rua. À distância, uma senhora e um cavalheiro orientam.»⁶⁸

O amor, a alimentação, o conforto de um lar, o carinho, o acompanhamento e a dedicação permanente aos rapazes faz com que eles se sintam em casa apesar de, por vezes, não gostarem das tarefas que lhes são pedidas. Assim têm ocasião para o exercício da liberdade. O Padre Américo diz-nos o segredo:

«As nossas armas são o carinho, a justiça e a verdade, alimento adequado à criança do solavanco do mundo. Durante os quatro anos de existência que a Casa tem, só quatro nos fugiram e quantas dezenas deles se não prenderam voluntariamente à Obra!

O nosso cárcere é às avessas dos mais: não os prendemos; são eles que se prendem.»⁶⁹

O Padre Américo estava consciente que, o exercício da liberdade, é uma exigência inseparável da dignidade da pessoa humana, sobretudo em matéria moral e religiosa da pessoa humana. Procurando basear toda a educação dos rapazes na formação moral e religiosa dava-lhe, no entanto, uma certa margem de liberdade.

Alguns, em nome da liberdade religiosa, pretendem poder dizer e fazer tudo acabando por atentar contra a liberdade dos outros e, por consequência, contra a dignidade humana. Governos que não reconheçam, nem defendam a liberdade tornam-se rapidamente ditaduras iníquas.

O Padre Américo apresenta-se como um grande defensor do direito à liberdade e é em liberdade que se exprime, mesmo se, por vezes, não é compreendido e até por vezes criticado. Porém consegue manter-se superior a todas as críticas e proclama sem medo as suas convicções:

⁶⁸ AMÉRICO, Padre –*Pão dos Pobres*, 4.º Vol. 1.ª Ed, p.164

⁶⁹ AMÉRICO, Padre –*Pão dos Pobres*, 4.º Vol.1.ª Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1984, p. 172

«Acoimam-me pr'aí de poeta: «Só sabe pintar lérias e pedir!».» Como se não tivéssemos o direito de usar com liberdade os dons que Deus nos concede! Pois não é o próprio Jesus de Nazaré a mandar que cada um faça render os seus talentos? E se eu não tenho outros, como posso esconder este de ser poeta das almas e mendigo de Deus? Se com isto faço mal, que me digam onde está o erro. Se bem, porque me apedrejam?!»⁷⁰

2. O respeito à pessoa

O *Fundador da Casa do Gaiato* aborda também os diversos aspetos em que a *Obra da Rua* se tem de valorizar. Em primeiro lugar o *respeito pela pessoa* como tal.

Porque é profundamente atento ao valor da pessoa humana dedica tanta atenção aos mais desfavorecidos. O Salmo 8 e sobretudo aquela passagem da Epístola aos hebreus que exalta o valor do ser humano eram-lhe muito familiares:

«Que é o homem, para que te recordes dele, ou o filho do ser humano para que cuides dele? Fizeste-o por um pouco inferior aos anjos, coroaste-o de honra e de glória, submeteste tudo aos seus pés.»(Heb 2,6-8)

Isto leva-o a refletir sobre a atitude de algumas pessoas que desconhecem esta realidade e procuram a felicidade onde ela não está, desconhecendo onde estão os verdadeiros valores:

«O ponto mais fraco que o homem tem, é desconhecer-se. Andamos uma vida inteira por casas estranhas à cata de quem nos diga o que somos e até, para maior desgraça, vamos buscar segredos às chamadas pessoas de virtude! Mas as avisadas não; essas sabem que nós «somos pouco menos do que os anjos.» Nesta certeza repousam, por ser uma verdade eterna-e vivem.

Sim. «Pouco menos do que os anjos.»⁷¹

Segundo ele muitas dessas pessoas acabam por se descobrir a si mesmos na leitura do jornal “O Gaiato”:

«Andavam perdido no mundo, fugidos de si, a pedir chuva de fogo, como outrora os discípulos ao Mestre – e agora não! A ocasião da leitura, revelou-os. Acharam-se. Começam a saber de que espírito são. Paulo minus ab angelis.»⁷²

Em nome do bem comum, o Padre Américo considera que os poderes públicos são obrigados a respeitar os direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana e nomeadamente das crianças da rua. Todos têm direito àquilo que a sociedade lhes negou, uma família, amor e carinho e condições de vida dignas.

⁷⁰ AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 1.º Vol. 3.ª Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1985, p. 58

⁷¹ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 89

⁷² AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 90

Em segundo lugar *o bem estar social* para que a criança da rua e o jovem possa levar uma vida verdadeiramente humana e que abrange: alimento, vestuário, saúde, trabalho, educação e cultura, informação conveniente, direito de fundar um lar etc. Para isso tem a preocupação de orientar os rapazes para uma vida profissional, em que cada gaiato se sinta realizado.

Para além disso, toda a sua Obra tem em vista “arrancar estes rapazes ao banco dos réus”, evitando que estes rapazes devidamente integrados na sociedade possam contribuir para uma sã convivência, em que cada um tenha o seu lugar.

Por isso, o *Fundador da Casa do Gaiato*, quer fazer desta iniciativa uma *Obra de rapazes, por rapazes e para rapazes*, fazendo com que todos se sintam solidários e responsáveis pelo bem comum. Os rapazes são frequentemente chamados a intervir voluntária e livremente nas decisões que lhe dizem respeito, mesmo quando se trata de castigos que merecem. Este dever passa também pelo trabalho consciencioso e responsável, através do qual cada um participa no bem dos outros e da casa. Neste aspeto convém salientar que, ninguém está dispensado de participar nos trabalhos da casa, desde os mais pequeninos até aos mais crescidos, todos realizam tarefas de acordo com as suas capacidades e por essas tarefas têm que responder. O Padre Américo nunca se cansa de repetir:

«Todo aquele que for fiel nas coisas pequenas, também, o será nas grandes.»⁷³

A dignidade da pessoa humana fundamenta-se no facto de o homem ser criado à imagem e semelhança de Deus. Para haver dignidade humana é necessário partir desse pressuposto. A pessoa humana tem uma dignidade, que lhe vem do facto de ser criada à imagem e semelhança de Deus. Tudo o que for feito com as pessoas tem que partir deste princípio. Toda a sociedade deve, por isso, defender, promover e proteger a dignidade humana.

Há *valores fundamentais* que devem orientar toda a vida social para que a dignidade humana seja respeitada. Estes valores são: A verdade, a liberdade e a justiça. Qualquer destes valores tem de estar presente ao falar de dignidade humana. Todo o ser humano tem direito à verdade, à liberdade e à justiça. Estes valores são direitos e deveres ao mesmo tempo. A verdade tem a ver com a honestidade, a transparência e a

⁷³ AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1987, p. 24

confiança recíproca. A liberdade diz respeito não ao capricho de fazer o que quer, mas o que lhe ordena a razão e a consciência bem formada. A justiça, Segundo São Tomás de Aquino, consiste na *vontade perpétua e constante de dar a cada um o que lhe é devido*. Isto faz parte de um direito natural e fundamental do ser humano.

Ora aqui está um princípio muito sagrado para o Padre Américo e toda a atividade da Obra dele se resume a dar a cada rapaz e a cada pobre aquilo a que ele tem direito. Na prática deste princípio a liberdade da pessoa e da Instituição nunca pode ser coartada, mesmo a troco de futuras ajudas. O Padre Américo prezava muito a independência da Obra e a defesa daqueles princípios:

«Eu podia, efetivamente, construir um pavilhão para vadios ricos e tirar daí receitas para vadios pobres. Podia, que assim se tem feito e assim se faz, com os améns do clero, da nobreza e do povo; não no caso de vadios, que a *Casa do Gaiato* não tem par no País, mas sim com outras obras de assistência social.

A tese apresentada para justificar estas anomalias é que o rico paga para o pobre; mas a verdade toda está precisamente na tese contrária: vê-se o pobre a pagar para o rico.

Primeiramente, porque o tal senhor que paga, o que vem auxiliar a obra existente e decadente, aninha-se naquilo que fora feito e destinado ao bem do Pobre por alguém que gizou e dotou a Instituição.

Depois, uma vez instalados os tais *senhores* que pagam e auxiliam, marca-se imediatamente limite à liberdade dos reais *senhores da Obra*, de tal sorte que esta fica sendo mais um campo de concentração de inválidos, velhos e doentes, do que uma organização deles para eles. Já não passeiam no jardim nem se deleitam na cerca nem entram nas dependências da casa, como dantes faziam, por causa do benfeitor que chegou: Paga o pobre para o rico.»⁷⁴

O facto de a sociedade se tranquilizar só porque dá umas esmolos e faz umas quantas festas de caridade é duramente censurado pelo Padre Américo já que esse não é o verdadeiro sentido da Caridade. A sua denúncia é profética:

«A sociedade trabalha para que nada lhes falte. São as sopas dos quartéis, a pedincha das ruas, os tostõezinhos das igrejas e, nos dias mais solenes, há a grande parada dos bodos. Nessas ocasiões acode em peso a população dos alfobres, rica de maneiras, gestos, palavras - feras da selva quando lhes cheira a sangue».⁷⁵

Todo o trabalho desenvolvido com os pobres e a favor dos pobres não pode ter o peso do pecado e não pode ser fruto do pecado. Caso contrário aquilo que deveria ser um ato de caridade passará a ser um ato de pecado:

«A Caridade não aceita o fruto do pecado. A Justiça é expressão sublime

⁷⁴ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 154

⁷⁵ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 109

do Amor. Regressou a pecadora sem confusão nem arrependimento. Melhor sorte teve a do Evangelho por ter topado Jesus: «Anda ver; encontrei o Messias.»⁷⁶

O respeito à pessoa passa por uma atitude simples que, o *Fundador da Obra da Rua*, gostava muito de recordar aos rapazes é aquele princípio de fazer aos outros o que gostamos que nos façam a nós. Este mesmo princípio recorda ele aos patrões e empregados, pois esse é um bom princípio de justiça:

«O patrão tem obrigação de tratar o operário como gostaria que lhe fizesse, se ele fosse operário e o operário tem obrigação de tratar o patrão como gostaria que lhe fizesse, se ele fosse patrão.»⁷⁷

As injustiças da sociedade, os baixíssimos ordenados mensais e a pobreza em que tantos vivem levavam-no muitas vezes ao Ministério da Justiça falar das injustiças, que via e sentia na sociedade:

«Desde que me instalei com o Lar nunca mais me foi possível dar um fato; eu tinha de vestir os meus rapazes que eram pobres e não pude nunca mais vestir um Pobre! «Bem aventurados os que sofrem por amor da justiça.» diz o Senhor.»⁷⁸

Entre todas as cartas que recebia nem todas lhe teciam elogios, antes pelo contrário, mas rejubilava quando alguém lhe escrevia a defender a causa da justiça e dos pobres:

«Cartas azedas não podemos publicar, conquanto todos os dias elas nos cheguem à mão – Não podemos. Mas deste teor, sim. Fazem bem aos que escrevem; bem aos que lêem. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça!»⁷⁹

E todos aqueles que lhe escreviam a dar conta das suas preocupações com a miséria alheia o Padre Américo sabia dar uma palavra de orientação e apoio algumas vezes acompanhada por uma Bem-aventurança:

«Bem-aventurados os que choram por amor da Justiça. Estas cartas choram.»⁸⁰

Esta bem-aventurança é aplicada também aos que sofrem de outras maneiras por causa da justiça:

⁷⁶ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 4.º Vol. 1.ª Ed., p. 112

⁷⁷ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., pp. 74-75

⁷⁸ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., 48

⁷⁹ AMÉRICO, Padre – *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed. p. 188

⁸⁰ *Ibidem*, p. 205

«Bem-aventurados os que padecem desgostos e sofrem perseguições por amor da justiça, disse o Mestre.»⁸¹

O drama dos pobres e dos seu sofrimento traz-lhe à lembrança aquele lugar especial que os pobres tinham no coração de Jesus também Ele, como os pobres. Frequentemente recorda a parábola do rico avarento e repete:

«Se os Anjos, no dizer do Evangelho, levaram ao seio de Abraão o pobre Lázaro, esse, pelo muito que sofreu, também deve ter sentido as mesmas mãos carinhosas a transportá-lo ao reino dos Pobres: «Beati Pauperes.»⁸²

Todos os que sofriam tinham no seu coração um lugar especial fosse qual fosse o motivo do sofrimento, mas sobretudo atormentava-o o sofrimento dos pobres, dos doentes, das crianças e das viúvas e aos visitar o hospital do Outão deixa mais uma Bem-aventurança:

«Estive no sanatório de Outão onde soprei ao micro duas palavras de conforto a quatrocentos doentes: «Bem-aventurados os que sofrem.»⁸³

Há, no entanto, uma Bem-aventurança proclamada por Jesus e que não se encontra no tradicional grupo das Bem-aventuranças. Aquela que Jesus disse a Tomé depois da ressurreição por ele ter visto e acreditado. Isto a propósito daqueles que não acreditavam na *Obra da Rua*, aos quais ele fazia questão que vissem com os seus próprios olhos para que cressem:

«No regresso, deu-me contas. Viu. Acreditou. Bem aventurados os que não vêem e acreditam.»⁸⁴

Uma outra vertente, em que se empenha profundamente, na formação dos rapazes é a do amor, a procura e a defesa da verdade e o direito a ser informado sobre a verdade procurando-a com todas as suas capacidades. O *Apóstolo dos Gaiatos* revela-se sempre um grande defensor da verdade, quer em si mesmo, quer em todos aqueles que lhe foram confiados. Detesta a mentira:

«A mentira é um grande mal. O demónio é o pai da mentira. Vós quereis ser do partido do demónio?!

A verdade é um bem. A verdade livra-nos de todos os males. Deus é a Verdade. Quem diz sempre a verdade é do partido de Deus.»⁸⁵

⁸¹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p. 170

⁸² AMÉRICO, Padre – *O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 147

⁸³ AMÉRICO, Padre – *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 1.ª Ed., p. 29

⁸⁴ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 118

⁸⁵ AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, p. 30

O grande educador dos rapazes tinha como sua preocupação a de que os seus rapazes dissessem sempre a verdade, a vivessem e a procurassem como caminho para a felicidade. Este é, sem dúvida, um dos aspetos em que mais insiste é, sem dúvida, sobre a necessidade de os rapazes dizerem a verdade e enfrentarem a verdade porque:

«A mentira, por mais que se pinte, é sempre mentira. Tem fraco pai. É Satanás! A verdade é de natureza incriada. Deus é a Verdade.»⁸⁶

A afirmação da verdade, mesmo a reconhecer os próprios erros, era premiada e os mentirosos eram facilmente descobertos, ou porque se acusavam ou porque alguém os denunciava. Diz o Padre Américo:

«Nós aqui enaltecemos a verdade. Jamais se perde a ocasião de premiar os que a dizem. É um verdadeiro culto que se lhe presta. E que muito, se Deus é a Verdade?!»⁸⁷

2.1 Defesa da justiça social e do desenvolvimento

A Justiça Social fazia parte das suas preocupações como pode constatar-se do seguinte texto:

«A nossa verdadeira fonte de receita é a justiça. Esta supõe a ordem. A ordem é pôr cada um no seu lugar. Dentro da *Obra da Rua*, o Farrapão é o primeiro.»⁸⁸

Porém, com tudo isso, não podemos afirmar que o Padre Américo professasse uma doutrina social. E ele não era muito de teorias, nem de doutrinas, mas sobretudo de práticas. O ideal dele, era que os pobres se erguessem acima da pobreza e da miséria e melhorassem as suas condições de vida, não porque conhecesse muita doutrina social da Igreja, mas sobretudo porque a punha em prática. Neste ponto estava de acordo com Leão XIII, que orientou o seu pontificado na defesa das classes mais exploradas.

Nos seus escritos, o Padre Américo critica fortemente a falta de princípios éticos na sociedade civil, uma das grandes causas dos problemas sociais. Refere, nomeadamente, alguns princípios que deveriam ser usados na procura de justiça na vida social, económica e industrial, como por exemplo a melhor distribuição de riqueza, a intervenção do Estado a favor dos mais pobres e desprotegidos e a caridade do patronato aos trabalhadores. Para isso recorreu com alguma frequência aos ministérios para que o ouvissem e lhe desse colaboração na promoção e defesa dos mais pobres.

⁸⁶ AMÉRICO, Padre – *Notas da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 208

⁸⁷ AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 1.º Vol. 3.ª Ed., p. 71

⁸⁸ AMÉRICO, Padre – *Notas da Quinzena*, Ed., p. 84

Ora muitos destes pontos já tinham sido abordados por Leão XIII na célebre encíclica *Rerum Novarum* que, como dissemos, abriu novos horizontes da sociedade sobre os operários explorados e a miséria em que viviam.

Para o *Fundador da Obra da Rua* o trabalho, o salário e a justiça são valores invioláveis, que não podem estar sujeitos a caprichos pessoais:

«Ora o trabalho, o salário, a justiça são valores depositados nas mãos dos homens, sim, mas de maneira nenhuma sujeitos aos seus caprichos; antes, devem eles sujeitar-se ainda que com sacrifício pessoal dos interesses e até da própria vida. Assim está certo.»⁸⁹

Como apóstolo da justiça aponta a necessidade de todos a praticarem desde os governantes aos que são governados. E, no seu entender, a justiça só será verdadeira se for igual à justiça de Deus:

«Não há solução fora da Justiça! - fome e sede de Justiça no peito de cada mandante e no peito de cada mandado! Justiça igual à do Mestre, pedra de toque do Seu zelo, do Seu caráter, da Sua personalidade. Tenho sede!..»

Cuidas tu, oh infeliz prudente, que pondo a recato os teus supra-haveres, salvas alguma coisa? Pois tu não compreendes que a Justiça de Deus não prescreve e, por isso mesmo, o rio de sangue humano e inocente que hoje corre aos teus pés, há-de necessariamente fertilizar, fecundar a Humanidade, a seu tempo? Ou cuidas, porventura, que fica tudo na mesma e tu posto em sossego, a colher o doce fruto da tua prudência?!

Nunca ninguém te avisou que as tuas sobras são da Comunidade?»⁹⁰

Um dos aspetos abordados na sua pregação e escritos é a justiça de Deus. E ao falar de justiça refere-se antes de mais a uma das virtudes que faz parte da essência de Deus que é a de ser infinitamente justo em tudo aquilo que faz. Nomeadamente é citado o julgamento de cada um na hora da morte, que procede da mesma justiça divina que dará a cada um conforme as suas obras. São focados de modo particular os julgamentos de quantos em vida desprezaram os pobres e viveram uma vida regalada enquanto aqueles não tinham o necessário para viver:

«Ai desgraçado!, disse eu comigo mesmo antes que o homenzinho chegasse; oh infeliz, que também nada recebes! Sim; porque a medida que cada um fizer agora ao seu semelhante, essa mesma medida há-de encontrar feita a si mesmo, à hora da morte. Se não fora esta verdade, toda a morte seria péssima; mas não. Ele há mortes preciosas, com medidas coaguladas.»⁹¹

⁸⁹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., pp. 114-115

⁹⁰ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 3.ª Ed., p. 159

⁹¹ Idbidem, p. 193

No mesmo sentido vão as suas palavras quando diz:

«E para responder aos homens que chamam egoísmo ao desejo desta recompensa, nós dizemos que os porcos não sabem o que são pérolas; a qual recompensa não é buscada por ser recompensa, nem de maneira nenhuma procede da nossa vontade, mas sim da Justiça imanente de Deus.»⁹²

Ainda acerca deste assunto apraz-nos citar mais um bonito excerto, que conjuga com arte várias passagens da Sagrada Escritura em que aborda a questão da justiça:

«Numa terra e num tempo em que o trabalho mendiga, há seguramente graves injustiças de quem manda trabalhar. As quais injustiças atraem fatalmente sobre si a justiça de Deus, imensa confusão de Babel, batida em fluxo permanentemente contra a cidade de Genebra dentro de cujas muralhas ninguém soube ainda pôr o dedo na verdadeira ferida.

Senhor, o mundo partiu as Tábuas da Lei aos pés do bezerro de ouro; e com elas foi-se o primeiro Mandamento —por isso tem o que merece!»⁹³

O direito à propriedade privada também não pode colidir com a justiça, já que Deus criou a terra para todos e ninguém pode ser privado dos bens da terra, quando outros a usurpam em seu proveito em prejuízo dos demais.

«Como íamos a dizer, o direito de propriedade é indiscutível quando não vai de encontro a um outro que também se não discute, o de cada um viver com decência. Ninguém pode dizer ao vizinho: retira-te do meu sol. Ninguém, que ele nasce para todos como afirma a sabedoria do povo; e o Pai Celeste faz chover a Sua chuva nos campos de toda a gente, segundo os ensinamentos do Evangelho. Se hoje faltam muitas coisas dentro das nossas moradas, mesmo das de quem pode comprar, é porque falha a Justiça. Procura acima de tudo o Reino de Deus mai-la Sua Justiça e com ela terá tudo.»⁹⁴

Sem justiça social não há desenvolvimento e o Papa Paulo VI viria a defender que as pessoas procuram hoje: «ser libertos da miséria, encontrar com mais segurança a subsistência, a saúde, um emprego estável; ter maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situação que ofendam a sua dignidade de homens; ter maior instrução; numa palavra, realizar, conhecer e possuir mais, para ser mais: tal é a aspiração dos homens de hoje, quando um grande número dentre eles está condenado a viver em condições que tornam ilusório este legítimo desejo.»⁹⁵

⁹² Idbidem, p. 135

⁹³ AMÉRICO, Padre —*Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p.93

⁹⁴ AMÉRICO, Padre —*Pão dos Pobres*, 4.º Vol. 1.ª Ed. p.17

⁹⁵ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1967- (PAULO VI) - *Populorum Progressio*: Carta Encíclica n.º 6 AAS Commentarium Officiale(Vaticano 1967). An.et vol. LI X 15 Aprilis 1967 N. 4

Estas são algumas linhas do pensamento e acção do Padre Américo: libertar da miséria proporcionando melhores condições de saúde e subsistência dando a cada pessoa um emprego estável.

«A beleza da justiça. Cada casal em sua casa com meios suficientes de possuir, gozar, alimentar e educar os seus filhos, na sua condição.»⁹⁶

Ao desenvolver deste modo a sua acção correspondia às aspirações de muitos que estariam condenados a morrer de doença ou a viver na miséria.

Padre Américo não desejava apenas o crescimento económico. Ele entendia que todo o crescimento, para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo.

O desenvolvimento depende de um conjunto de aptidões e de qualidades que cada um é chamado a fazer render. Este tema foi bem abordado na pedagogia do Padre Américo, já que aproveitava as aptidões e *talentos* de cada um para obter dele o melhor e o maior rendimento para fazer dele um homem útil à sociedade. Dotado de inteligência e de liberdade, cada rapaz é responsabilizado tanto pelo seu crescimento como pela sua formação, como pela sua salvação. Ajudado, por vezes constringido, por aqueles que o educam e rodeiam, sejam quais forem as influências que sobre ele se exerçam, o gaiato permanece o artífice principal do seu êxito ou do seu fracasso.

Diz o Papa Bento XVI:

«Ao considerar os problemas do desenvolvimento, não se pode deixar de pôr em evidência onexo direto entre pobreza e desemprego. Em muitos casos, os pobres são o resultado da violação da dignidade do trabalho humano, seja porque as suas possibilidades são limitadas (desemprego, subemprego), seja porque são desvalorizados « os direitos que dele brotam, especialmente o direito ao justo salário, à segurança da pessoa do trabalhador e da sua família.»⁹⁷

Foi este um dos aspetos mais abordados e combatidos pelo Padre Américo, ou seja, a relação direta entre a pobreza e o desemprego, que tem como consequência o aumento da miséria e da fome.

⁹⁶ AMÉRICO, Padre –*De como eu fui...: Crónicas de viagem*, p. 302

⁹⁷ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1967- (BENTO XVI) –*Caritas in Veritate*: Carta Encíclica. n.º 63. AAS Commentarium Officiale (Vaticano 2009). An. et vol. CI 7 Augusti 2009 N. 8

CAPITULO III

Homem da Bíblia

1. Duas linhas mestras

O Padre Américo era o homem do Evangelho, não o Evangelho teórico, mas o Evangelho da vida. Profundamente conhecedor do Evangelho, trazia o sempre com ele e sabia mesmo muitas passagens de cor e aplica-as indistintamente nas suas pregações e nos seus escritos. Não consegui saber qual era exactamente a Bíblia que teria, mas, nesse tempo a única utilizada na Igreja era a do Padre Matos Soares, que começou a editar-se a partir de 1930, segundo me informou a Difusora Bíblica. Segundo pudemos apurar, junto de fontes ligadas à *Casa do Gaiato*, o Pai Américo trazia sempre, como manual, o Novo Testamento e é este que ele cita frequentemente.

O quotidiano do Padre Américo era, portanto, pautado por duas linhas mestras: Palavra e acção. A força da palavra encontrava-a ele na leitura assídua da Bíblia, pelo que acabou por saber de cor muitas passagens que utilizava de uma maneira fluente e sempre aplicada à prática da acção. Pela força da Palavra fustigava frequentemente ricos e instalados para que olhassem pelos pobres. Pela força da acção seduzia as pessoas a abrirem mão dos seus recursos para socorrerem a causa da *Obra da Rua*. Palavra e acção sempre de mãos dadas fizeram dele o grande apóstolo dos abandonados. Há quem diga que o Padre Américo não era piedoso, mas cabe então perguntar a esses críticos donde viria a força da acção do Padre Américo se não fosse a piedade. É que ele não só vivia a piedade como também incutia nos seus rapazes esse mesmo espírito. Aliás, ele considerava a oração como a primeira arma na educação dos rapazes:

«A outra, que devia ter sido posta como primeira, mas que sendo a última, é sempre a primeira: Os Sacramentos. A oração e os Sacramentos. Mas os sacramentos pedidos pelo rapaz.»⁹⁸

As passagens bíblicas, sobretudo do Evangelho e das Cartas apostólicas, estão presentes, quanto trata dos mais diversos assuntos, mas sobretudo quando aborda a questão dos pobres, das crianças e das mulheres. Naquele tempo era grande a quantidade de pobres, pedintes, vagabundos e criminosos e o Apóstolo da Rua vivia insatisfeito com a situação e procurava por todos os meios ao seu alcance acordar a

⁹⁸ AMÉRICO, Padre – *Viagens*, 2.ª Ed., p. 59

⁹⁸ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 3.º Vol. 1.ª Ed., p. 182

sociedade para essa realidade que muitos teimavam em não ver. Para ele, os rostos de crianças, atingidas pela pobreza desde o seu nascimento, que viam as suas possibilidades de realização entravadas por deficiências mentais e corporais irreparáveis; crianças vagabundam e muitas vezes são exploradas, fruto da pobreza e desorganização das respectivas famílias. Via operários, muitas vezes mal pagos, que experimentavam todas as dificuldades para se organizar e defender os seus direitos e sustentar a sua família, por vezes, numerosa. Via muitos jovens frustrados, que não encontravam um lugar digno na sociedade pela falta de trabalho. Via muitas destas pessoas a viver em bairros de lata e pequenas *ilhas* no meio da cidade vivendo numa promiscuidade doentia. Via também muitos idosos postos de lado pela sociedade por causa da doença ou da idade. Enfim, via todas estas coisas e sofria. Era preciso acordar a sociedade para que os pobres tenham a casa, o pão e a saúde a quem têm direito. Para ele a pobreza em que essas pessoas viviam é contrária à mensagem cristã e negadora do Deus, que se revela na Bíblia como amor.

Gutiérrez afirma: «Todos os exegetas pensam que a mensagem das bem-aventuranças é efetivamente um mensagem religiosa. Mas, os que estudam a questão mais cuidadosamente opõem-se àqueles que acreditam que a melhor maneira de pôr em relevo este aspeto religioso é defender que que as bem-aventuranças se referem exclusivamente, em primeiro lugar aos *pobres espirituais*. Com medo de canonizar um grupo social determinado, estamos a colocar-nos sobre uma pista falsa e, por outro lado, a revelar desconhecimento dos próprios textos bíblicos. Pelo contrário, afirmar que a mensagem própria e original das bem-aventuranças se refere em primeiro lugar aos *pobres materiais*, não é em nada humanizar ou politizar o seu sentido, mas reconhecer simplesmente que, Deus é Deus e que ama os pobres com toda a liberdade e gratuidade; não porque eles sejam melhores ou piores que os outros, mas porque são pobres (aflitos e esfomeados) e porque esta situação é contrária à sua condição de rei, de Go'el⁹⁹, de defensor dos pobres, de “*vingador dos humildes*”¹⁰⁰

A este propósito convém aprofundar o sentido daquela expressão do sermão da montanha:

«Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu.» (Mt 5,3).
Os pobres em espírito ou pelo espírito são aqueles que, mediante as provações

⁹⁹ Go'el é uma palavra hebraica. Significa "redimir", pode significar, também, "redentor"-
Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Goel>

¹⁰⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo – *La force historique des pauvres*, Paris: Les éditions du Cerf, 1986, p.131

de ordem material e espiritual, aprenderam a confiar apenas em Deus (Sl 34,19; 40,18). A evangelização dos pobres era, com os milagres, um dos sinais indicados por Jesus aos discípulos do Baptista, pelos quais poderiam reconhecer o Messias.»¹⁰¹

O Padre Américo explica o que entende por *Espírito de Pobreza*:

«Para irmos já direitinhos às coisas, convém elucidar que, por “pobres em espírito” devemos compreender os homens que, não tendo fortuna, também a não desejam; ou que possuindo, não são possuídos dela; ou ainda os que, sendo de facto pobres, não se queixam do seu estado. Daqui se conclui, desde já, que pobreza e miséria não são do mesmo sangue. Nunca o amor à pobreza gerou miséria em ninguém - nunca. O amor das riquezas - sim. Espírito de pobreza quer dizer suficiência na comunidade.»¹⁰²

A paixão pelos pobres levava-o a considerar que eles são uma benção de Deus, não pela miséria em que vivem, mas por tudo o que nos podem ensinar do amor de Deus:

«Eu tenho que eles são da classe que o Senhor nos recomendou e a tal ponto ama, que jamais os tira do mundo: «Haveis de os ter sempre.»¹⁰³

Os pobres são, pois, declarados bem-aventurados porque o Deus da Bíblia é o Deus da justiça e dos pobres. Assim o entendia o *Pai Américo*, ao considerar que as injustiças cometidas pelos homens, sobre os pobres só poderiam ser compensadas pela justiça de Deus.

O respeito do Padre Américo é tão grande, que o leva a escrever sempre com maiúscula o nome de *Pobre*. A paixão pelo pobre fê-lo ir beber à fonte autêntica e genuína da Palavra de Deus. Para ele o evangelho é vida. E não há vida como a de Jesus para nos indicar os melhores exemplos a seguir. É sobretudo a proximidade prática de cada pobre que o leva a ver em cada um o rosto de Jesus. Aquela passagem do Evangelho, (Mt 25,31-46) em que Jesus se identifica com qualquer pessoa, era constantemente abordada nos seus escritos e pregações para convencer os ouvintes a porem em prática aquele mandamento: *Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.*(Mt 25,40. Assumir a causa dos pobres é assumir a causa de Cristo. O serviço do pobre e o compromisso com ele, são a *medida privilegiada da nossa marcha ao encontro de Cristo*. Isto exige uma conversão e uma purificação permanente de todos os cristãos para chegarem a uma identificação

¹⁰¹ Cf. Nota de rodapé da Bíblia Sagrada – 5.ª Ed. Fátima: Difusora Bíblica, 2008

¹⁰² AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p.75

¹⁰³ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p.103

plena com Cristo pobre e com os pobres¹⁰⁴. É no Evangelho que o Padre Américo encontra o verdadeiro exemplo de pobreza e diz:

«A pobreza é o sinal: «Ide a Belém!»¹⁰⁵

O *Fundador da Obra da Rua* ensina, que quem se quiser dedicar aos pobres tem de fazer-se pobre como Cristo. Todos quantos imitam o Mestre no despojamento e na pobreza, acabam por receber bem mais do aquilo que dão. Os exemplos da pobreza de Cristo, quer no Seu nascimento, quer na Sua morte e sepultura, assim como do Evangelho estão sempre presentes. A passagem seguinte consta de um belo arranjo de factos da vida de Jesus, que indicam claramente a facilidade com que o *Fundador da Casa do Gaiato* utiliza o Evangelho:

«Tens a fala do Nazareno, por isso te manifestas.»! Quem dera que todos os leitores desta coluna de amor pudessem saborear nela, muito baixinho, dentro de seus corações, o mesmo que os do átrio do Pontífice encontravam no falar de Pedro: o jeito e a toada de Jesus Nazareno! O Qual, sendo infinitamente rico, deu ao mundo a grande lição da Pobreza; e fez-Se Pobre para ser a parte escolhida de uma grande multidão.

A notícia e o sinal que na terra O indicam, é a penúria do Seu nascer e no fim da vida não foi mais feliz, porquanto a sepultura foi esmola de José de Arimateia.»¹⁰⁶

O exemplo do Mestre, que nasceu, viveu e morreu pobre, deve ser seguido por todos aqueles que quiserem lançar-se a trabalhar com os pobres, pois todo o trabalho será em vão se não for acompanhado pelo testemunho de vida:

«A primeira condição que se exige aos que quiserem trabalhar em Obras deste teor, é uma isenção absoluta de qualquer interesse material. O discípulo tem de ser igual ao Mestre.»¹⁰⁷

Algumas passagens do Evangelho, citadas pelo Padre Américo de um modo quase literal, referem a necessidade de dar testemunho de Jesus, mesmo no meio das dificuldades e dos adversários.

Embora a fé do *Fundador da Obra da Rua* esteja mais centrada na Ressurreição, não deixa, porém, de referir frequentemente os sofrimentos de Cristo prolongados nos mais pobres e nos doentes, que costumava visitar e acarinhar com frequência:

¹⁰⁴ Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo – *La force historique des pauvres*, p.134

¹⁰⁵ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 3.º Vol. 1.ª Ed., p. 182

¹⁰⁶ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p. 206

¹⁰⁷ AMÉRICO, Padre – *Notas da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 96

«A dor é um mistério necessário e divino. Sem efusão de sangue não há beleza moral, nem remissão de pecados.»¹⁰⁸

A aceitação do sofrimento por cada um dos cristãos faz dele um corredentor com Cristo, pois que completa em seus membros a Paixão de Jesus:

«Cristo expiou pelos nossos pecados, mas quis mais do que tudo que não ficássemos parados, à espera da nossa entrada no Céu pela remissão que Ele nos fez. Ele determinou que prolongássemos em nossos membros a Sua Paixão. Que pelos séculos dos séculos fôssemos vivendo a Sua Paixão em nós mesmos. Não é o discípulo mais que o Mestre.»¹⁰⁹

O cristão também tem de dar testemunho no meio da doença e do sofrimento porque, se assim não for é como o sal que não salga:

«Se o sal não salga para que presta?!»¹¹⁰

Não é fácil enfrentar situações muito difíceis mas, pela graça de Deus, conseguiremos vencer com a força de Jesus:

«Não tenhas medo dos que podem fazer mal ao corpo. Do Evangelho.»¹¹¹

A dor e o sofrimento dos abandonados e rejeitados pela sociedade nas encostas da Sé faziam-lhe constantemente lembrar Jesus Cristo sofredor amarrado à cruz e abandonado por todos:

«Depois duns momentos em S. Domingos onde se desenrolam as comemorações da Paixão do Pobre-«Tenho sede! Pai, Porque me abandonaste?.»-dirigi meus passos para o calvário das Curraleiras....»¹¹²

O próprio exemplo de Jesus Cristo, que sofre injustamente a Sua Paixão com todo o sofrimento, humilhação e morte por causa dos nossos pecados são motivo para o Padre Américo apresentar ao mundo uma nova compreensão do mistério da dor. Na verdade, Jesus amou e perdoou aos que Lhe fizeram mal e é essa a lição e o exemplo de Jesus. Todos quantos nos fazem mal devem ser amados por nós, como manda o Evangelho:

«Ama os teus inimigos; faz bem aos que te querem mal. Do Evangelho...»¹¹³

¹⁰⁸ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 3.ª Ed., p. 45

¹⁰⁹ AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p. 134

¹¹⁰ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 3.ª Ed. p. 119

¹¹¹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 3.ª , p. 113

¹¹² AMÉRICO, Padre – *O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 203

¹¹³ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 3.ª Ed., p. 129

A preocupação pelos que sofriam era uma constante na sua vida e de tal modo se identificava com o sofrimento dos outros, que acabava por sofrer com eles. E falando da *Obra da Rua* apresenta-a como seguidora da missão de Jesus fazendo bem a todos os que sofrem, abrindo fronteiras, soltando grilhões para levar a felicidade a todos:

«Os coxos andam. Os cegos vêem. Os surdos ouvem. Os oprimidos recebem a Boa Nova; e felizes os que se não escandalizam com aquilo que nós fazemos e dizemos.»¹¹⁴

A incompreensão e a crítica de muitos nunca o fizeram desanimar nem perder a esperança sabendo, no entanto, que tinha de estar preparado para o sofrimento e sempre esteve disposto a enfrentar todas as dificuldades para levar por diante tão grande Obra:

«O que sobretudo importa à Igreja docente, se Ela quiser escrever páginas gloriosas e revelar ao neo-paganismo «as riquezas inenarráveis de Jesus.», é fazer à moda dos primitivos apóstolos: Conquistar «sem oiro nem prata, com muita paciência nos trabalhos e nas tribulações; com a palavra da verdade e as armas da justiça, à direita e à esquerda; entre a infâmia e o bom nome; como tristes, mas sempre alegres; como pobres mas enriquecendo a muitos; como não tendo nada, mas possuindo tudo a fim de que o nosso ministério não seja vituperado.» e nos chamem, com razão, padrecas!»¹¹⁵

Estas e muitas outras passagens do Evangelho revelam que o Padre Américo tinha um jeito especial de citar o Evangelho dizendo as mesmas verdades por outras palavras e até acrescentando, por vezes, uma ou outra novidade. Este fato torna-a sua escrita muito fluente e fácil de entender.

Por conseguinte o Padre Américo defende constantemente a partilha de bens com os mais pobres e faz o elogio de todos aqueles que se preocupam com a pobreza e tudo fazem para combatê-la através da partilha do que Deus lhes dá:

«O desconhecido não dá só para a *Casa do Gaiato*. Outras centenas de contos vão alegrar, na roda do ano, pessoas e instituições que vivem da Pobreza. Este senhor é modelo. É mestre dos ricos porque aprende no Evangelho. “Não alarga as suas tulhas. Não compra mais vasilhas”. Enche todos os anos as que tem e do que lhe sobra, reparte. Reparte. Eis!»¹¹⁶

¹¹⁴ AMÉRICO, Padre –*Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., p. 173

¹¹⁵ AMÉRICO, Padre –*Notas da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 17

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 253

Sempre que vem a propósito recorda a acção de Jesus na partilha e convida todos a imitar o Mestre que, com poucos pães e poucos peixes saciou uma multidão:

«Ora eu gosto muito de ver muito pão à minha frente. Do resto, não se me dá; mas de pão, sim. Gosto de quadraçar uma boroa das que faz o «Rio Tinto.» e dizer à malta: «Aí tendes; comei.» Tanto que sobraram cestos e cestos dele, como nos revelou o Evangelista naquela maré em que o Mestre deu pão aos que tinham fome. A Pobreza é assim. Dá sem fingimento.»¹¹⁷

Para o *Fundador da Obra da Rua* a partilha de bens com o pobre, é uma maneira de participarmos da vida dele ajudando-o, e de imitar o Pai Celeste distribuindo migalhas aqui e acolá:

«Andamos assim, a semana inteira, com as mãos a tenir e o coração doente; não que a gente queira enriquecer os Pobres, mas sim queremos ajudá-los, associando-nos à vida deles, deixando cair migalhas aqui e além, como faz o Pai celeste aos passarinhos, que o fardo levado por dois pesa menos a cada um.»¹¹⁸

No seu Evangelho está sempre presente uma grande respeito pelos pobres e, no seu entender, eles têm tanto o direito a tudo como qualquer pessoa e realça isso mesmo com exemplos tirados do Evangelho e da prática de Jesus:

«E se aqui não fosse sítio de calar nomes, eu havia de berrar muito alto o daquele simpático moço que deu uma caixa de vinho fino para os Pobres da Sopa. Estão atualmente alguns tomando gotas do precioso vinho, em camas, convalescentes e desamparados.

E porque não vinho fino aos Pobres? Não sei que doutrinas derrancadas por aí giram, dizendo que para eles côdeas e cacos é que basta. Mentira! Jesus ensina o contrário: «Quando deres algum jantar, não chames os que podem retribuir, mas sim os Pobres, os aleijados, os sem-pão, para que toda a paga venha do Pai Celeste.»¹¹⁹

Segundo o Padre Américo os pobres dão lições. Do pouco fazem muito. Dão lições de paciência, de resignação, de sofrimento, etc. São mestres a quem temos de estar atentos:

«Mestres de Teologia aprendida e saboreada na Cruz, estes Pobres escondidos e ignorados são aquela *pretiosa margarita* de que fala o Evangelho, por amor da qual muita gente tem dado tudo quanto era seu para a possuir e gozar eternamente.»¹²⁰

¹¹⁷ AMÉRICO, Padre – *De como eu fui...: Crónicas de viagem*, 1987, p. 103

¹¹⁸ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed., p.276

¹¹⁹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed. p.153

¹²⁰ Ibidem, p.203

Mas a paixão pelos pobres leva-o mais longe, pois considera que os pobres são uma riqueza, uma vez que nos levam a praticar a caridade vendo neles o próprio Cristo:

«Se não fosse a promessa de Cristo – “haveis de ter sempre Pobres na vossa companhia” – a vida seria insuportável na terra; porquanto toda a beleza que ela encerra está escondida no seio dos Pobres, de cuja sorte se cuida.»¹²¹

A atenção e a preocupação pelos Pobres leva-o a recordar sempre o evangelho e, neste aspeto, recorda que, a ajuda aos pobres, é uma maneira de se fazer penitência pelos próprios pecados:

«A esmola cobre a multidão dos pecados.», ensinam os Livros santos e só eles têm palavras de Vida Eterna... Felizes os que usam de misericórdia para com os Pobres do mundo, porque esses alcançarão Misericórdia.»¹²²

O testemunho de solidariedade dado pelos pobres a favor de outros pobres era algo que o tocava profundamente e, com passagens da Bíblia refletia essa ação solidária de apoio mútuo e realça também todo o apoio recebido de pessoas generosas, que querem ajudar a combater a pobreza. As lições do Mestre estão sempre presentes no Evangelho:

«Pelo caminho, mergulhei na lição de confiança e de solidariedade que me deu aquela gente pobre, onde palpitam corações generosos, amigos do bem que se faz aos da sua igualha: «Leve-os todos, Padre.» Sim; confiança em um Deus Vivo e Providente que eles, os Pobres, querem ver e querem conhecer em obras vivas. E esse dogma da Providência pregado no mundo pelo Mestre, no comer dos passarinhos e no vestir das flores, realiza-se hoje, como dantes, nas generosas ofertas que me deixam na Auto-Industrial, na Gráfica, nas lojas; em sacos, em cestos, em cartuchos, em envelopes; das Beiras, do Norte, do Sul, do Ultramar.»¹²³

2. Valores exaltados e defendidos

2. 1. Apologia da fé, da esperança e da caridade

Apologia da Fé

O *Fundador da Casa do Gaiato* é um homem de muita fé, que coloca toda a sua confiança em Deus, porque a *Obra da Rua* é dele. Acredita firmemente nesta verdade e quer que todos acreditem como ele, conforme refere com passagens retiradas diretamente do Evangelho:

¹²¹ Ibidem, p.221

¹²² Ibidem, p.225

¹²³ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed., p. 324

«A Deus nada é impossível.»¹²⁴

Tudo pode acontecer a quem tem fé e não há que ter medo do mar quando Cristo vai no barco:

«Ele há certos discípulos de Jesus que têm medo do mar mesmo quando o Mestre vai na barca mais eles, Não é por mal; é ignorância do poder e do saber do Timoneiro-«homens de pouca fé.»¹²⁵

Todavia, por vezes, sentindo que as forças lhe faltavam na aventura de acreditar nos rapazes ou na força de Deus e vinham-lhe à memória aquelas palavras de Jesus:

«Homem de pouca fé, porque duvidas?»¹²⁶

Foi pela força da fé que ele conseguiu vencer tão grande aventura com poucos meios, mas à medida que foi trabalhando e confiando, os meios sempre foram aparecendo dia a dia até que a Obra se tornou uma árvore frondosa à sombra da qual muitas crianças se abrigaram:

«Ele há outra força maior: é a do grão de mostarda do evangelho!... Basta um homem, em cada século, que tenha fé do tamanho de um grão de mostarda.»¹²⁷

E a propósito da fé, aprez-me citar um excerto, onde ele faz uma bela oração que é simultaneamente uma profissão de fé:

«Eu quero que tu faças um ato de fé; mas fé divina que levanta obstáculos, que faz girar mundos, que acredita no impossível. A fé que ganha tudo quando tudo está perdido. Sim, eu acredito que Tu és o Cristo e tens palavras de Vida Eterna.»

Este mais nada é forma de bem manifestar e de bem pedir que o tempo não tem desgastado nem tu aborrecido.

- Senhor de Infinita Bondade, eu não acredito na minha arte nem no meu jeito nem no meu saber; tampouco nos meus sucessos. Não acredito nem escuto o que a meu respeito se diz, seja bem, seja mal. Não acredito, Senhor, porque acredito em Vós. E assim, este mais nada que a *Obra da Rua* consagrou desde remotos tempos, será espanto para os profanos e louvor para quem Vos merece, meu Deus!»¹²⁸

Como tinha muita fé, sofria por encontrar tanta falta de fé, não só em Deus

¹²⁴ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., p. 243

¹²⁵ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 39

¹²⁶ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., pp. 219 e 220

¹²⁷ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 218

¹²⁸ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 3.ª Ed., p. 152

como também na sua obra, e atreve-se a pedir às pessoas que tenham mais fé e, à maneira do Mestre diz:

«Fareis prodígios maiores do que Eu, se tiverdes fé em Mim.»¹²⁹

Segundo ensina o Padre Américo a fé sem obras é morta, como já dissera o Apóstolo Tiago(Tg 2,14-16). A fé anda de mão dada com a fidelidade. Quem tem fé deve ser fiel a Deus mas, ao mesmo tempo acreditar em Deus e na Sua fidelidade.

E ao falar de unidade nas famílias e nas instituições, referia-se igualmente à unidade que existe entre o amor de Deus e o amor do próximo pois, segundo a Escritura, não pode haver um sem o outro:

«Aqui há só um crer. Uma só fé. Um só Deus. Um só Baptismo. Um só destino. Uma só fé. Todos, por toda a parte, têm dito e afirmado que o amor do próximo é semelhante ao amor de Deus.»¹³⁰

A fé em Deus pode levar a pessoa a enfrentar grandes obstáculos e a fazer grandes prodígios. Jesus garantia que os prodígios aconteceriam se as pessoas tivessem fé. É isto que o Padre Américo anuncia:

«Sim, alegrai-vos; não por amor dos sucessos, mas sim por terdes o vosso nome escrito no Céu.», dizia o Mestre.

Ora é precisamente neste mesmo espírito que eu venho contar ao mundo como os montes marcham e os elementos obedecem: “Fareis prodígios maiores do que Eu, se tiverdes fé em Mim”....

Não peço dignidades à Igreja nem comendas ao Estado nem ao Mundo opinião; maldito seja quem procura agradar. Não peço, que a promessa divina me basta: Ego ero merces tua nimis.»¹³¹

O poder da fé assume uma tão grande importância que, quem, se lança a grandes obras tem que forçosamente acreditar que é de Deus que vem o maior auxílio. Quando a pessoa tem uma grande fé consegue fazer coisas inacreditáveis:

«Os montes marcham. Do Evangelho.»¹³²

«Nada é impossível aos homens de fé. Do Evangelho.»¹³³

Há mesmo casos em Deus pede coisas bem simples e o nosso dever é fazê-las

¹²⁹ AMÉRICO, Padre –*Obra da Rua*, 3.ª Ed., p. VIII

¹³⁰ AMÉRICO, Padre –*Viagens*, 2.ª Ed., p. 293

¹³¹ Cf. AMÉRICO, Padre –*Obra da Rua*, 3.ª Ed., p. VIII

¹³² AMÉRICO, Padre –*Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 150

¹³³ *Ibidem*, p. 137

que logo Deus fará o resto. Também neste caso os exemplos da Bíblia não são esquecidos embora de um modo adaptado:

«Não faças como o outro que não se quis lavar no Jordão e ficar curado da lepra, por lhe ser demasiado simples a cura.»¹³⁴.

Para ele a fé é muito importante, e quem não tiver fé terá de se salvar pelas obras para que a fé lhe venha, isto é, se ajudar os necessitados chegará mais facilmente à fé:

«O que ainda não tem fé, dê do que é seu, para que a fé lhe venha. Tem necessidade de dar para se apresentar no Tribunal do Pai Celeste com a «lâmpada cheia.», segundo a parábola do Evangelho.»¹³⁵

A todos os que ainda não acreditavam na *Obra da Rua* o Padre Américo apelava a que tivessem mais fé, uma vez que nunca faltou o pão na *Casa do Gaiato* apesar de a *Obra da Rua* não estar dependente de ninguém a não ser de Deus:

«Oh mundozinho sem fé, quando te resolves a olhar para o maná que cai do céu, em vez do milho que vem do chão?!»¹³⁶

O exemplo do grão de mostarda serve-lhe de exemplo para despertar a fé dos mais cépticos. Para ele a força da Obra deve-se exclusivamente à força de Deus e, apesar de começar de uma maneira quase insignificante tornou-se uma grande Obra e, se houvesse mais fé os problemas sociais seriam mais facilmente resolvidos. A mesma parábola continua presente ao lamentar a falta de fé de alguns:

«Ai que se a tua fé fosse menos do tamanho de um grão de mostarda, havias de acreditar n'Ele!»¹³⁷

E, a propósito da missão do padre e de tudo o que ele poderá fazer se tiver fé o Padre Américo garante:

«Ele (o sacerdote) é a sigla das obras divinas, penhor da sua mistérios irradiação: «Haveis de fazer coisas que Eu não fiz, se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda.»¹³⁸

Os sacerdotes devem ser os primeiros a dar exemplo e o Padre Américo tem o prazer de apresentar alguns que se apressaram a repartir com quem não tinha:

¹³⁴ Ibidem, p. 202

¹³⁵ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 3.º Vol. 1.ª Ed., p. 233

¹³⁶ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 122

¹³⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 3.ª Ed., p. 92

¹³⁸ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 4.º Vol. 1.ª Ed., p. 50

«Os fiéis escutam e seguem e conhecem a voz dos seus pastores. Também eles são tudo. Fazem tudo. Dão tudo.»¹³⁹

O Padre Américo, pela confiança ilimitada que tinha na Divina Providência e seguindo as Palavras do próprio Evangelho, defende que quem dá aos outros acaba sempre por receber muito mais:

«E finalmente a realização do Mandamento: «Date et dabitur.» vista, apalpada e sentida por todos os corações.»¹⁴⁰

A sua grande fé anda aliada a uma grande confiança em Deus e é isto que defende e ensina. O exemplo de Jesus pobre e humilde é a regra de vida que é proposto pelo *Fundador da Obra da Rua*. Ele próprio começou por se despojar de todos os seus bens e abraçou a pobreza a fim de dedicar toda a sua vida aos mais pobres. Quem quiser servir os pobres tem que ser como eles confiar apenas em Deus e depositar n'Ele toda a confiança:

«O diretor da Obra há-de ser pessoa a quem doa a dor do Pobre, capaz de cobrir o que falta com o seu próprio sangue-acção supletiva. Deve mendigar. E, se lhe disserem que não, passe à frente, atire-se ao mar, como fez Pedro - e Jesus dá-lhe a mão.»¹⁴¹

A sua total confiança em Deus fizeram dele um grande defensor da fé já que incutia nos seus ouvintes, quer nos rapazes, quer nas pessoas para quem escrevia uma grande confiança em Deus¹⁴². Fala constantemente de fidelidade nas suas pregações: fidelidade aos princípios, fidelidade na fé ao Senhor, fidelidade matrimonial, fidelidade na economia, fidelidade nas tarefas, fidelidade no dinheiro, fidelidade em toda a espécie de relações. No que toca aos rapazes, que lhe eram confiadas procurava confiar em cada um de acordo com a sua idade e capacidade e tentando a hora educá-los para a responsabilidade.

Quem quer dedicar-se aos outros tem de ter total confiança em Deus que o chama e ser uma pessoa desprendida de si mesmo e também desprendida de bens. Não pode estar preso a nada. O testemunho nunca será completo se não houver desprendimento. Por este motivo o Padre Américo, começando ele próprio pelo

¹³⁹ AMÉRICO, Padre –*Doutrina*, 3.º Vol. 1.ª Ed., p. 45

¹⁴⁰ AMÉRICO, Padre –*Doutrina*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 280

¹⁴¹ AMÉRICO, Padre –*Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 3.ª Ed., p. 105

¹⁴² AMÉRICO, Padre –*Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., pp. 219 e 220 e 243

despojamento, quis que a *Obra da Rua* fosse também uma obra desprendida, não aceitando quaisquer heranças para ser totalmente livre e poder lutar por outros ideais.

O *Fundador da Obra da Rua* era um homem de muita confiança em Deus e, mesmo quando lhe faltavam as forças e os homens o desiludiam, era para Deus que ele se voltava com refúgio seguro e porto de abrigo. Esta atitude era a mesma que propunha aos que o ouviam ou liam. Quem fé tem muito menos obstáculos à sua frente e mesmo o que parecem intransponíveis serão ultrapassados. Esta confiança absoluta em Deus levava-o a lançar-se em novas aventuras com a certeza de pisar terreno firme. Quando a obra é de Deus é o próprio Deus que a conduz com firmeza. Tal como o Apóstolo Pedro diz o Padre Américo:

«Para ti, Senhor, irei, que mais ninguém tem palavras de Verdade!»¹⁴³

A *Obra da Rua* é de Deus e é necessário confiar nele, mesmo quando as coisas parecem ruir à nossa volta. Quando a situação económica das casas se tornava muitas vezes insustentável virava-se para Deus, na certeza que era de Deus que lhe vinha a resposta para cada situação aflitiva e, mais tarde ou mais cedo, a situação aflitiva era resolvido com a oferta de algum benemérito. Todos esses factos lhe deram imensa confiança. Por isso dizia:

«Sim; para onde havemos de fugir, a que porta havemos de bater, se somente Tu, Senhor, tens palavras de Vida eterna?! A Ordem, a Rádio - de tudo faço altar. «Pregai sobre os telhados!» Quem tiver ouvidos de ouvir que oiça.»¹⁴⁴

Fé e Caridade sem oração são mortas. Segundo o seu pensamento toda a acção da Igreja deve ser enraizada em Deus, pois de outro modo não resultará. A força da oração e da meditação e o contato com Deus deram-lhe a força interior capaz de enfrentar todas as dificuldades e contratempos que se lhe depararam:

«Tudo quanto for plantado fora e longe da vinha de Meu Pai será destruído porque quem não semeia Comigo, desperdiça.»-e que desperdiçar!»¹⁴⁵

O tempo da oração é precioso. Para ele, orar é um estado. Há, todavia, no seu dia-a-dia, momentos fortes de encontro com Deus: a oração da manhã e a da noite são dois pólos importantíssimos. Estes dois momentos desempenham aliás um

¹⁴³ AMÉRICO, Padre - *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p.197

¹⁴⁴ AMÉRICO, Padre - *Pão dos Pobres*, 4.º Vol. 1.ª Ed., p. 100

¹⁴⁵ AMÉRICO, Padre - *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 58

papel relevante na vida de oração de Jesus Cristo¹⁴⁶. Tudo o que era dedicado a Deus nunca era perdido, mas valorizado, porque Deus tudo merece já que é Ele que nos dá tudo. Isto levava-o a afirmar:

«Ai de mim, se não desse a Deus aquilo mesmo que é de Deus.»¹⁴⁷

A importância que ele dá à oração reforça uma convicção muito importante da sua parte, que sem a união com Jesus toda a obra se desmorona, porque lhe falta o fundamento:

«Quem não semeia comigo, desperdiça.»¹⁴⁸ E sublinha ainda «Sem Mim, nada podes fazer.»¹⁴⁹

Ele próprio afirma-se discípulo muito próximo de Jesus por outras palavras que retira da Bíblia à semelhança do Apóstolo Paulo:

«Eu escrevo de cor. Nunca li, nem quero ler, tratados de doutrina social; antes quero dizer ao mundo de hoje como dizia o Apóstolo aos seus do seu tempo: «Aquilo que vos ensino, aprendi de Jesus Cristo.»¹⁵⁰

Porém a união com Jesus passa pela união com os seus mensageiros, com todos aqueles que são enviados a evangelizar, a anunciar a Boa nova em nome do Senhor. Recebê-los é receber Jesus, desprezá-los é desprezar Jesus:

«Quem vos despreza a MIM Mesmo despreza.»¹⁵¹

A oração do *Fundador da Obra da Rua* reveste vários aspetos importantes. Um deles é o louvor e o agradecimento da obra de Deus. O Padre Américo é um homem profundamente crente e em tudo vê a obra de Deus. Por isso tudo lhe serve para entrar em louvor e acção de graças:

«Oh profundidade das riquezas e da sabedoria de Deus; quão incompreensíveis são os Seus juízos e imperscrutáveis os Seus caminhos! Quem conhece o pensamento do Senhor? Ou quem foi o Seu conselheiro? Ou quem Lhe deu alguma coisa primeiro, para que tenha de receber em troca? A Ele seja dada toda a glória!»¹⁵²

¹⁴⁶ RAMOS, José da Rocha – *Padre Américo místico do nosso tempo*, p. 103

¹⁴⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 229

¹⁴⁸ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p. 261

¹⁴⁹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., 1999, p. 97

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 124

¹⁵¹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p. 292

¹⁵² AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 223

Toda a criação é convidada a louvar o Senhor e não apenas a humanidade. Até os elementos da natureza são convidados a louvar o Senhor:

«Chuvas e ventos bendizei o Senhor.»¹⁵³ e «O ai mais adequado perante o tempo que faz, é o “chuvas e frio louvai o Senhor”- como vem nos livros santos!»¹⁵⁴

O Padre Américo regozija-se perante a natureza, mas também com os muitos donativos que vai recebendo e com os progressos de cada rapaz no caminho da perfeição. Ele é um apaixonado por Deus e, por isso, tudo é motivo de louvor e de agradecimento:

«Desde o dia em que eu cheguei, tenho sido mealheiro. Um grande mealheiro. Aproximam-se e dão sem nada dizer. Admirável! Como se isto fora pouco, um senhor levanta-se, forma comissões e vão todos pelos hotéis e pensões e outros sítios aonde há gente congregada. Resultado: muito dinheiro. Deus é admirável nas Suas obras!»¹⁵⁵

O louvor a Deus prossegue quando vê que um Presidente de Câmara toma em mãos a causa dos pobres fugindo à vulgaridade dos restantes:

«Este homem afasta de si os carros blindados. As espadas ficam na bainha. Discursos e banquetes não têm lugar. A Mentira foge dele. Se fosse em missão oficial a qualquer parte do mundo, não eram as paradas; eram, sim, almas a murmurar: Bendito o que vem em nome do Senhor.»¹⁵⁶

E, ao tratar-se da *Obra da Rua*, mostra interesse que ela cresça ainda que, à semelhança de João Baptista, ele possa ficar diminuído.

«A Obra é o facho. O Fundador, a sombra. É preciso que ela cresça, que ela seja e se faça cada vez mais nossa. Estas palavras traduzem o pensamento de todos quantos puxaram pela carteira e deixaram cair migalhas nas sacas dos meus companheiros. Bendito seja o Senhor Deus de Israel!»¹⁵⁷

Esta expressão do Novo Testamento era muito querida ao Padre Américo. Aparece com muita frequência nas suas obras e patenteia uma pessoa orante e agradecida. Muitas vezes solta esta expressão deleitando-se com a Obra de Deus dizendo: “*Bendito seja o Senhor Deus de Israel!*”. Só na obra “*O Barredo*” a expressão é repetida uma meia dúzia de vezes¹⁵⁸.

¹⁵³ AMÉRICO, Padre –*Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p. 264

¹⁵⁴ AMÉRICO, Padre –*Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 18

¹⁵⁵ AMÉRICO, Padre –*De como eu fui...Crónicas de viagem*, 1.ª Ed., p. 223

¹⁵⁶ AMÉRICO, Padre –*Doutrina*, 3.º VOL. 1.ª Ed. Paço de Sousa: Ed., p. 111

¹⁵⁷ AMÉRICO, Padre –*De como eu fui...Crónicas de viagem*, 1.ª Ed. Paço de Sousa: Ed., p.166

¹⁵⁸ Cf. AMÉRICO, Padre –*O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed. pp. 21, 40, 50,116, 117, 159 e outras.

A oração é um dom do próprio Deus. E o verdadeiro orante tem plena consciência de que o Senhor lhe fala através das realidades criadas. Todas as obras celestes são dons gratuitos da Divina Sabedoria. E se é certo que a admiração das maravilhas do criador não é propriamente oração, não podemos esquecer que esta atitude é absolutamente indispensável para aí podermos chegar. Padre Américo parte, muitas vezes da contemplação das realidades terrestres, das belezas criadas¹⁵⁹. Por isso com frequência ele fica extasiado perante a criação e exclama:

«Deus é admirável nas Suas Obras!»¹⁶⁰

Além destas, poderíamos acrescentar muitas outras citações do Evangelho à letra, já que as suas obras estão cheias de Evangelho constituindo mesmo um autêntico manancial de meditação que não é de desprezar. Em todas essas passagens o Padre Américo apresenta a doutrina do Evangelho tal como Jesus a ensinou e viveu e nenhum assunto lhe é indiferente como a misericórdia, o perdão, a justiça, a ganância, o sofrimento, os pobres, etc. etc. Tudo serve para refletir. São autênticos retalhos de vidas que constituem a vida da *Obra da Rua*.

Portanto, quando procuramos Deus de todo o coração e Lhe confiamos a nossa vida, Ele nunca nos vai faltar com a Sua divina Providência:

«Procure-se em tudo a Justiça, que o mais vem por acréscimo.»¹⁶¹

Ele prega constantemente a fidelidade de Deus às Suas promessas. Deus não falha, mesmo quando os homens falham. E não adianta a preocupação com os bens materiais porque Deus sabe bem do que precisamos. Só temos de confiar n'Ele. Os exemplos do Evangelho são apresentados com abundância sobretudo quando se fala de pobreza e de despendimento total num apelo à confiança absoluta em Deus.

A fidelidade de Deus estende-se também às realizações humanas, mas não podemos ver logo os frutos do nosso trabalho, mas devemos saber esperar o tempo e a Hora de Deus:

«Nós plantamos. Nós regamos. E não fazemos mais nada. O crescimento é obra de Deus.»¹⁶²

¹⁵⁹ RAMOS, José da Rocha— *Padre Américo místico do nosso tempo*, p. 85

¹⁶⁰ AMÉRICO, Padre — *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 124

¹⁶¹ AMÉRICO, Padre — *Doutrina*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 26

¹⁶² AMÉRICO, Padre — *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed., p. 105

Acima de tudo o Padre Américo tem a certeza de que Deus está sempre presente, e, quem quiser fazer algum trabalho válido com os mais pobres e com as crianças da rua, não pode cair em pessimismos e derrotismos:

«A todas e a todos, repito a palavra forte e vivificante: «Eu sou a Ressurreição e a Vida.» Nunca tão perto como quando parece ausente.»¹⁶³

Para confirmar o que diz, convida as pessoas a meditarem sobre os diversos exemplos da Bíblia, que nos apontam que é Deus quem providencia o pão necessário para as necessidades do povo. Com exemplos do Antigo e do Novo Testamento desperta as pessoas para a fé em Deus que nunca falta a quem confia n'Ele:

«Para que havemos de ser desordenadamente solícitos do que se há-de comer ou do que há-de vestir amanhã? Maná e codornizes foram, um dia, alimento do Povo de Deus. Todos os dias caía o suficiente para cada dia e cada homem.»¹⁶⁴

E quando surge a falta de donativos, a incerteza, as dúvidas, as inseguranças daquilo que há-de vir o Padre Américo volta-se para Deus como única solução para as carências de pão e de felicidade. Ele tem consciência de que a *Obra da Rua* como Obra de Deus só poderá subsistir se tiver Cristo como pedra angular. Que ninguém pense colocar outro:

«Aqui, particularmente, Cristo Jesus é a Pedra Angular. Que ninguém edifique de outra maneira.»¹⁶⁵

Esta é uma verdade como tantas outras em que acredita como fundamentais e, por isso, a repete com insistência:

«Toda a Obra construída sobre a Pedra Angular frutifica e perdura. Do Evangelho.»¹⁶⁶

Ele estava bem consciente que, quando a Obra é de Deus, é também Deus que a conserva e a guarda contra toda a adversidade pois, se assim não for, todo o trabalho será em vão:

«Deus é quem guarda a cidade.»¹⁶⁷

¹⁶³ Ibidem, p. 209

¹⁶⁴ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 141

¹⁶⁵ AMÉRICO, Padre – *Obra da Rua*, 3.ª Ed., p. 205

¹⁶⁶ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p. 222

¹⁶⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 239

Tinha uma confiança absoluta na Divina Providência de tal modo que houve dias em que não tinha comida para dar aos rapazes da Obra, mas no dia seguinte aparecia sempre algum benfeitor para resolver o problema. Era Deus:

«Estas esmolas são a espinha dorsal da Obra e o penhor da sua continuação. Cerro os olhos da cara para assim ver melhor o sítio donde elas vêm; e, ao abri-los, tal como no Tabor, Pedro, Tiago e João, eu não vejo mais ninguém senão somente Jesus-nisi solum Jesum.»¹⁶⁸

Assim como devemos ter fé e confiar em Deus, devemos igualmente ter confiança nas pessoas e merecer também a confiança delas. Era isto que o *Fundador da Obra da Rua* ensina nos rapazes. Fala constantemente de fidelidade nas suas pregações: fidelidade aos princípios, fidelidade na fé ao Senhor, fidelidade matrimonial, fidelidade na economia, fidelidade em toda a espécie de relações. Procura confiar em todos os que lhe são confiados de acordo com a sua idade e capacidade e tentando na hora educá-los para a responsabilidade através da fidelidade:

«Vejam lá, meus filhos, como é preciso ser fiel nas coisas pequenas, para não cairmos mais tarde nas grandes.»¹⁶⁹

Apologia da esperança

O *Fundador da Casa do Gaiato* é também um grande apóstolo da esperança contra todos quantos desacreditam na melhoria das condições e das próprias pessoas. Nomeadamente no que respeita às injustiças sociais, à exploração dos mais pobres, e particularmente das mulheres. Atua como profeta, na esperança de ver mudar as coisas e as pessoas. Assim como denuncia com frequência a exploração dos pobres, condena igualmente a usura, a luxúria, o alcoolismo, a prostituição, a fornicação, etc. Tudo é denunciado:

«Por isso mesmo Deus abandona os homens a sentimentos depravados, cheios de toda a ainiquidade, malícia, luxúria, avareza; soberbos, altivos; sem lealdade, sem benevolência, sem lei, sem misericórdia.»- como diria Paulo de Tarso aos romanos de hoje, se cá estivesse e fosse mais eu.»¹⁷⁰

Um dos aspetos que mais aborda é exatamente o problema das mulheres adúlteras que, segundo ele, não são as principais culpadas, mas sim aquele que as fez cair. Aqui também o exemplo de Jesus é apresentado e o Evangelho é norma :

¹⁶⁸ Ibidem, p. 210

¹⁶⁹ AMÉRICO, Padre –*Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p. 38

¹⁷⁰ AMÉRICO, Padre –*Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 3.ª Ed., p. 178

«Cheias de anos e de desenganos, estas pobres almas foram apedrejadas pela vida fora, na opinião injusta de quem julga coisas e pessoas, como haveria sido apedrejada, outrora, a adúltera do Evangelho, se o Mestre não houvesse falado alto e a tempo, aos mestres de Israel! Porque naquele mesmo lugar em que se pretendia apedrejar a mulher que caiu, ali mesmo deveria ser também apedrejado o homem que a fez cair.»¹⁷¹

A esperança do Padre Américo é que a vida dessas mulheres seria bem diferente se seguissem o caminho de Jesus e *bebessem* de outra água:

«Camas de miséria onde a sotaina não tem lugar; mulheres que nunca foram buscar água ao poço de Jacob!»¹⁷²

Considerando-se ele próprio um pecador e não isento de erro, tem como princípio condenar o pecado, mas compreender e amar o pecador já que muitas vezes essas pessoas não têm a consciência do pecado em que vivem, e outras, por sua vez foram empurradas para essas situações pelos verdadeiros culpados:

«Não me tenho por mais do que os outros. Também eu peço muitas vezes por pensamentos, palavras e obras e se alguém diz que não peço, esse mente. Não me tenho por melhor, sim, mas não me posso calar. Falariam as pedras da rua, se eu não proclamasse os direitos do Senhor.»¹⁷³

No mesmo sentido e compreendendo a sua indignidade perante a obra que realiza e as maravilhas que Deus opera por meio dele exclama:

«Agora é que eu sei qual a força daquele que o Filho do Homem veio trazer à terra. Agora eu sei que a palavra «incendiário.» convém e traduz adequadamente a missão dos pregadores do Evangelho. Quanto a mim, à vista dos prodígios inenarráveis que Deus vem operando no meio deste povo, eu quedo assombrado e procuro viver e compreender as palavras do Príncipe dos Apóstolos: «Retira-te de mim, Mestre, que sou um homem pecador.»¹⁷⁴

Acredita na recuperação das prostitutas, dos alcoólicos e das famílias destroçadas, cujas crianças são deixadas na “pedincha”. Acredita na recuperação de todas essas crianças. E, considerando que cada criança recuperada é menos um futuro criminoso, gosta de recordar parábolas do Evangelho que falam de filhos perdidos e encontrados, de ovelhas perdidas e recuperadas, de moedas perdidas e encontradas.

¹⁷¹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p. 121

¹⁷² *Ibidem*, p. 80

¹⁷³ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 158

¹⁷⁴ AMÉRICO, Padre – *Viagens*, 2.ª Ed., p. 281

Como homem de esperança acredita também na mudança de atitudes, sobretudo por parte de todos aqueles que não acreditam na *Obra da Rua* ou simplesmente criticam a Igreja. Há uma referência em que o Padre Américo não cita diretamente a passagem Bíblica, mas indiretamente:

«Quando o mundo se fartar da bolota dos porcos, há-de regressar à Santa Madre Igreja. Há-de vir pelo seu pé, movido por uma outra convicção, arrependido de tanto galhofar.

Enquanto assim não for, a pequenina *Obra da Rua* vai recebendo em seu seio aqueles seres humano que o progresso rejeita, ensinando-os a perdoar: «Perdoai-nos, assim como nós perdoamos.»¹⁷⁵

Apologia da Caridade

E, sobretudo, o Padre Américo é um grande apóstolo de caridade. O capítulo 13 da 1.ª Carta do Apóstolo Paulo aos Coríntios é um dos mais citados e quase por completo, embora nem sempre seguido, mas com frases destacadas aqui e acolá a propósito de um assunto determinado. Este é um tema, que gosta de falar e desenvolver sobretudo quando está convencido que a fonte da Caridade é Deus:

«O miolo da verdadeira Religião é este: amor. «Deus é amor.» Verdade eterna.»¹⁷⁶

Desprezar os pobres, as crianças e as viúvas são grandes faltas de caridade, grandes pecados que bradam aos céus e, utilizando as palavras do Apóstolo Paulo, o Padre Américo refere que, não é verdadeiramente religioso, quem não cuidar daqueles. A dignidade da pessoa humana e o Evangelho são sempre as normas pela quais se rege. Pela Caridade tudo é possível porque a Caridade vence todos os obstáculos e, pelo amor são vencidas todas as barreiras e, dificuldades e sofrimentos:

«A Caridade não chama ninguém a contas, porque benigna; «tudo desculpa, tudo espera, tudo suporta.»¹⁷⁷
Porque «é solícita.»¹⁷⁸ e necessária, a «Caridade nunca há-de acabar.»¹⁷⁹

A justiça, considerada substrato da Caridade, há-de estar sempre presente quando, aquele que foi beneficiado deve por sua vez beneficiar outros. O Padre

¹⁷⁵ AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 1.º Vol. 3.ª Ed., p. 88

¹⁷⁶ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 1.º Vol.. 2.ª Ed., p. 178

¹⁷⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 50

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 238

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 234

Américo lembra com frequência àqueles a quem fez bem, a obrigação de fazerem o mesmo com outras pessoas que necessitem:

«Salvaram-te? Pois vais tu agora salvar. Os teus companheiros da rua estão à tua espera. Põe à ordem deles a tua inteligência, a tua capacidade e o teu valor, que nisso te valorizas mais. E cumpres o Evangelho: «Faze aos outros como gostas que te façam a ti.»¹⁸⁰

A Caridade é solícita e atenciosa levando cada pessoa a tratar os outros como irmãos sempre numa linha de proximidade de tal forma que façamos aos outros tudo aquilo que queremos que nos façam, pois esta é a “regra de ouro” do Evangelho ensina o *Pai Américo*:

«Somos muito felizes por não termos as responsabilidades sociais dos que governam e a quem cabe o principal cuidado da solução destes problemas. Mas o que não podemos é furtar-nos às contas d’Aquele que deixou como regra sem excepção: «Amarás ao teu Próximo como a ti mesmo!»¹⁸¹

O acompanhamento de quem sofre, também faz parte da caridade e toda a pessoa que quer dedicar-se aos outros terá que fazer suas as dores e sofrimentos alheios:

«Quem está doente, que eu também não esteja? Quem, há aí que sofra e eu não?»¹⁸²

Acompanhar a dor de quem perdeu um filho ou o marido era também uma das qualidades do *Fundador da Obra da Rua*. O sofrimento de qualquer pessoa nunca lhe era indiferente:

«Chorar com os que choram é caridade.»¹⁸³

E a este propósito gosta de recordar de vez em quando que está reservada uma grande felicidade na vida eterna junto de Deus para todos aqueles que forem fiéis à Caridade:

«Servi, amai e obedecei, na pessoa dos que sofrem, a este único Senhor que dá torrentes de Paz já nesta vida, e depois... nunca os olhos viram nem o coração dos homens jamais sentiu.» o que Ele tem preparado aos que O ama e servem com amor, sem medida.»¹⁸⁴

¹⁸⁰ AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p. 33

¹⁸¹ AMÉRICO, Padre – *O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 193

¹⁸² AMÉRICO, Padre – *O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 124-126

¹⁸³ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed. p.41

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 48

E, já que o Evangelho manda fazer bem a quem nos faz mal, o *Pai Américo*, além de praticar essa regra, procura ensiná-la aos seus rapazes:

«Lembro-me como se tivera sido ontem! Apresentei-me na cela do condenado e as grilhetas caíram!...

Passámos um guarda, outro guarda, Outro guarda. O derradeiro quis galhofar e obrigou-me a ir atrás por qualquer documento. Fui. Iria de rastos. «Caminha mais mil passos se te fizerem andar cem por Minha causa.» Estava ali a aplicação. Eu era o discípulo do Mestre. Por isso caíram as grilhetas do condenado! O guardazinho gozou fartamente; eu mais, por razões diferentes. Quem é que conhece a alegria daquelas horas?! Gaudete!»¹⁸⁵

Citando alguém, que já viveu faustosamente e hoje vive empobrecida e que lhe escreve a mandar-lhe uma quantia importante para a Obra, mas que O Padre Américo recusou por achar muito, respondeu ela: “Tome padre. Guarde. Nós precisamos de dar”. Continua ele:

«Nunca assim tinha falado nos tempos da abundância. Então era uma vida grandiosa e inútil. Foi preciso que a roda desandasse; e, pela desgraça aparente, veio a felicidade. “Nós precisamos de dar”. Vida fecunda.

«Aqui e além, vê-se nela o dedo do Mestre. Do Pastor que alimenta e dá a vida pelas Suas ovelhas.»¹⁸⁶

O Evangelho da caridade continua presente ao apresentar por palavras suas a “regra de ouro” de Jesus apresentada em Lucas (Lc 6,31) e em Mateus (Mt 7,12).

O Padre Américo, pela confiança ilimitada que tem na Divina Providência, e seguindo as Palavras do próprio Evangelho, defende que quem dá aos outros acaba sempre por receber muito mais.

Muitas pessoas até dão esmolas a instituições e mesmo aos próprios pobres, mas quantos o farão com humildade? Não é verdade que tantos se vangloriam do que fizeram por alguém, como se isso se devesse ao seu poder? Como manda o Evangelho, quem pratica a Caridade há-de procurar ser discreto e não dar nas vistas, não apregoando sobre os telhados porque, se assim fizer, perdeu todo o valor perante Deus:

«Já recebeste a tua recompensa. Do Evangelho.»¹⁸⁷

Muitas vezes dá rasgados elogios a quem lhe dá ofertas anónimas. São pessoas que assinam apenas por *alguém*, ou então colocam apenas iniciais, ou simplesmente,

¹⁸⁵ AMÉRICO, Padre –*Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p. 42

¹⁸⁶ AMÉRICO, Padre –*Doutrina*, 1.º Vol. 2.ª Ed. p. 250

¹⁸⁷ AMÉRICO, Padre –*Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p. 115

entregam um envelope discretamente. Aprecia quem dá de maneira anónima e sem propaganda. Este é um dos pormenores mais presentes na sua pregação e nos seus escritos:

«Dá bem, que o valor da esmola não se tira do quanto, mas sim do como. Esconde-te da mão esquerda, muito agachadinho, não vá ela bisbilhotar - ela, a mais traiçoeira, porque mais perto do coração! A esmola assim escondida é sacramento de que tu mesmo és ministro da matéria, da forma e da intenção. Que os mais publiquem nomes e listas; a *Sopa* segue a lição do *in abscondito - luz do Evangelho* onde o Pai Celeste vê tudo.»¹⁸⁸

E dá muito valor a todos quantos acreditam na Obra e se empenham a sério nela formando comissões e promovendo peditórios em diversos sítios e depois entregando-lhe as ofertas recatadamente. Por outro lado, defende que ninguém deve estar à espera de recompensas ou agradecimentos humanos apresentando como exemplo o caso do Evangelho em que Jesus curou dez leprosos e apenas um voltou para agradecer. Quem faz o bem não pode estar à espera que lhe reconheçam, como aconteceu com Jesus, porque as pessoas são sempre iguais.

O Evangelho é a fonte, onde ele vai beber a sua inspiração para despertar consciências adormecidas e corações empedernidos. Um cristão que não põe em prática a Caridade tem uma religião estéril. É pela Caridade que si distinguem os discípulos de Jesus. O nosso testemunho para ser verídico deve ser acompanhado de boas obras. Diz o *Pai Américo* citando o Evangelho:

“A luz é para estar em cima do alqueire!¹⁸⁹” e poder iluminar todos os que estão à volta. O cristão ilumina pelas boas acções e «uma árvore boa não pode dar frutos maus.»¹⁹⁰

A este propósito o Padre Américo faz uma longa citação à letra de uma passagem bíblica sendo, talvez a mais extensa de todas as referências que faz à Sagrada Escritura. Porque fará ele tão grande citação? Não sabemos, mas tudo leva a concluir que teria ido ao Ministério por causa do jornal e terá sido recebido com alguma frieza ao apresentar o jornal *O Gaiato* e desatou

«a falar àqueles senhores: que era preciso dizer a verdade toda. E disse e disse e disse. Os senhores não abriram a boca. Não fizeram um gesto. Mandaram-me esperar. Retiraram-se do gabinete, deixando-me ali sozinho! Já sei, disse eu para mim mesmo. Falei demais. Vou ser preso. Adeus jornal.

¹⁸⁸ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p.24

¹⁸⁹ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 129

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 82

«Portemo-nos como ministros de Deus nas tribulações, nas angústias, nos cárceres.»¹⁹¹

A aceitação pública do jornal era muito importante para que o mundo ouvisse a “verdade toda” e não aquela que, por vezes, os responsáveis querem fazer crer. A referida passagem da Carta aos Coríntios transcrita na íntegra é a seguinte:

«Não demos a ninguém ocasião alguma de escândalo, para que não seja vituperado o nosso ministério; antes em todas as coisas nos portemos como ministros de Deus, com muita paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nos cárceres, nas sedições, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns; com castidade, com ciência, com longanimidade, com mansidão, com o Espírito Santo, com caridade não fingida, com a palavra da verdade, com a virtude de Deus, com as armas ofensivas e defensivas da justiça; por honra e por desonra; por infâmia e por boa fama; considerados como sedutores mas verdadeiros; como desconhecidos mas conhecidos; como morrendo e eis que vivemos; como castigados mas não amortecidos; como tristes mas sempre alegres; como pobres mas enriquecendo a muitos; como não tendo nada mas possuindo tudo.»¹⁹²(2.ª Cor 6, 3-10)

E a propósito das Conferências Vicentinas e da sua maneira de ser e de atuar junto dos pobres ele recomenda linhas mestras que são retiradas da doutrina de Paulo aos Romanos (Rm 12,15): «Temos de chorar com os que choram.»¹⁹³

As citações do evangelho referentes à Caridade, nas obras do Padre Américo são abundantes. Na verdade outra coisa não era de esperar já que toda a sua acção está baseada na prática da Caridade. Deste modo, apela à prática da esmola como modo de obter o perdão dos pecados, conforme refere a Sagrada Escritura (1Pd 4,8):

«A multidão dos nossos pecados cobre-se com a esmola dada a tempo e a horas.»¹⁹⁴

A citação das obras de misericórdia é feita em passagens do Evangelho, por ele adaptadas:

«Somente alcançará misericórdia aquele que, por misericórdia, se compadece da sorte dos irmãos pobres. Isto chama-se Caridade.»¹⁹⁵

¹⁹¹ AMÉRICO, Padre –*Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., p. 126

¹⁹² Ibidem, pp. 124-125

¹⁹³ AMÉRICO, Padre –*O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 166

¹⁹⁴ Ibidem, p. 162

¹⁹⁵ AMÉRICO, Padre –*Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p.120

Uma das suas parábolas preferidas é a do bom samaritano e, também sobre ela, faz algumas adaptações bem conseguidas sempre que quer desenvolver assuntos como compaixão ou a misericórdia ou a caridade em geral:

«O caso do Rego de Água! A Pobre, ferida de lepra e outros males sem conta, a estender a mão à misericórdia de quem passa! Ou haverá ele ainda sacerdotes da antiga Lei, irmãos dos que deixaram o Pobre na valeta, cuja acção, para vergonha deles e lição nossa, ficou eternamente viva na letra do Evangelho?!»¹⁹⁶

A mesma parábola serve de pano de fundo, quando fala do juízo final e das contas que devemos a dar a Deus pelo desprezo que damos aos mais pobres:

«Tu que guardas nos teus cofres ou que desbaratas o património dos Pobres, tu hás-de ser chamado à lição!»¹⁹⁷

O Padre Américo gosta muito de apelar à consciência das necessidades dos outros, para que cada um pense nas necessidades dos outros como se fossem suas. Também neste ponto está subjacente a doutrina do Corpo místico:

«Socorre como se fossem tuas as necessidades dos outros. S. Paulo.»¹⁹⁸.

Apóstolo incansável da Caridade, foi também um grande pedagogo do amor. O autêntico amor, segundo o *Fundador da Obra da Rua*, aprende-se com Cristo. Citando o exemplo de S. Paulo, que inaugurou uma nova maneira de evangelização considerando como filhos aqueles que ele gerara na fé e no Baptismo, o Padre Américo retoma esse exemplo e essa pedagogia aplicando-a à vida fazendo a necessária adaptação:

«Se tiveres mil pedagogos, nenhum é pai como eu sou.», dizia o Apóstolo aos do seu tempo.»¹⁹⁹

Como grande apóstolo do amor, desenvolve com os rapazes uma educação pelo amor e não pela repressão, pela liberdade e pela responsabilidade e não pela libertinagem despertando em cada rapaz um homem de valor para a sociedade, para a Igreja e para o mundo. Aos mais velhos, a quem já confiava tarefas de mais responsabilidade preparando-os para a vida, orientava-os como um verdadeiro pai,

¹⁹⁶ Ibidem, p. 113

¹⁹⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 103

¹⁹⁸ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p. 252

¹⁹⁹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 187

chegando mesmo a escrever no jornal *O Gaiato* uma série de artigos que se destinavam à leitura e formação desses rapazes. Muitos desses artigos, agora reunidos em livro, espelham bem as preocupações do *Pai Américo* em dar uma formação integral aos rapazes, que tratava como filhos, e sobretudo fazer-lhes compreender a necessidade de criar um espírito de amor em ordem às gerações vindouras da *Obra da Rua*. A passagem que se segue inclui duas referências ao Evangelho, muito bem trabalhadas num arranjo harmonioso:

«É a soma de tudo isto, que se traduz no dinheiro que corre para ai, para a *Casa do Gaiato*, das orações que vos são oferecidas, do pão que cada vez alimenta maior número, num milagre idêntico ao de Nosso Senhor.

Rapazes, fazei-vos homens, mas tende sempre no espírito o amor dos rapazes que atrás de vós virão para a *Casa do Gaiato*.

Os que sofreram como eu, e hoje, com a Misericórdia Deus, têm de dizer o que sentem e dizem-no ou devem dizê-lo, sem respeitos humanos, sujeitos até a serem considerados loucos!»²⁰⁰

Como não há amor sem perdão, o Padre Américo, ensina aos rapazes que terão de aprender a perdoar sempre, pois é essa a lei do Evangelho se quiserem obter o perdão de Deus. A propósito de uma zaragata em que estiveram envolvidos dois rapazes aproveita para transmitir doutrina:

«O Mestre ensina-nos a dizer ao Pai que nos perdoe a nós, assim como nós perdoamos aos que nos fazem mal; se tu não perdoas, como queres ser perdoado?!»²⁰¹

Já que o exemplo é fundamental para quem tem fé pratica a caridade o *Fundador da Casa do Gaiato* ensina que, quem tem fé, deve dar testemunho de vida. O testemunho do pregador é essencial para o bom êxito da Palavra de Deus que anuncia. Por isso, o Padre Américo acha fundamental que, quem pregue, viva aquilo que Jesus ensinou para que as suas palavras não sejam desacreditadas pelo seu exemplo:

«Ai que se nós, os pregadores do Evangelho, fizéssemos como dizemos e acreditássemos naquilo que ensinamos; se assim fosse, havíamos de fazer coisas mais prodigiosas do que o Mestre, que Ele assim prometeu!»²⁰²

E quando se trata de evangelizar o ideal é que, aquele que é evangelizado se torne por sua vez um evangelizador à semelhança da Samaritana do Evangelho que,

²⁰⁰ AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p. 135

²⁰¹ AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p. 26

²⁰² AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 144

após ter conhecido Jesus, vai dá-lo a conhecer aos seus conterrâneos que, por sua vez, se assumiram como crentes em Jesus, e também eles capazes de levar a Boa Nova. Neste ponto, como em outros, o Apóstolo da Rua é verdadeiramente um antecipador de doutrinas que o Concílio Vaticano II iria lançar:

«Os pequeninos mestres de hoje, como outrora Nicodemos, ensinam mas não sabem. Aquele “bem haja pela esmola que me fez à alma.» é o triunfo de todas as Obras sociais da Igreja que assentam na Pobreza do Evangelho: «não queiras duas túnicas'.» Sim; vem lá o Natal. Oferece o Pão dos Pobres ou o *Obra da Rua* às pessoas das tuas relações. Por muito que se fale daqueles que desejamos encarecer, é sempre um pálido arremedo; nada como o original. Assim declaram os homens de Sicar à Samaritana, depois de terem ouvido com os seus próprios ouvidos o que Jesus lhes dissera: «Já não é pelo que ouvimos de ti que a gente acredita.»²⁰³

A defesa da coerencia passa pelo exemplo que se dá. no que respeita à fé, à esperança, à caridade e às demais virtudes. Quem prega deve começar por dar exemplo:

«Não vá eu cair nas mesmas faltas. Das Epístolas de S. Paulo.»²⁰⁴

O testemunho da caridade deve sempre ser acompanhado do testemunho da humildade, considerando que haverá sempre alguém quem faça mais e melhor. A humildade é, pois, um virtude que deve acompanhar toda a acção apostólica em favor dos outros, ou seja, quanto mais dedicação aos outros mais humildade e mais dignidade:

«Tenho de me agarrar com unhas e dentes àquilo que realmente sou e que na verdade valho; tenho de admirar com sincera convicção os que no mundo realizam mais e melhor; e tenho, finalmente, de tomar como dirigida a mim a palavra quente do Apóstolo - «que tens tu, ó homem, que não hajas recebido de Deus?.» - e colocar-me no meu posto com dignidade.»²⁰⁵

Essa humildade requer muitas vezes coragem perante os sacrifícios, as dificuldades, as canseiras, as críticas e zombarias sabendo que também os Apóstolos também tiveram de enfrentar muitas dificuldades para levarem por diante a obra da Evangelização:

«Suporta os trabalhos; faze obra de apóstolo.» Das Epístolas de S. Paulo²⁰⁶

²⁰³ Ibidem, p. 242

²⁰⁴ Ibidem, p. 181

²⁰⁵ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 181

²⁰⁶ Ibidem, p. 153

Sem humildade não há caridade verdadeira segundo os escritos e pregação do Padre Américo. Ele prega a caridade na humildade com palavras simples e exemplos tirados do Evangelho, nomeadamente quando se trata da esmola que se dá e do modo como se dá. Tudo deve ser feito sem vaidade como manda o Senhor: “*Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita*”(Mt 6,3).

Os seus exemplos e citações do Evangelho são por vezes muito curiosos, porque, não alterando o sentido do Evangelho utiliza outras comparações que resultam muito interessantes. No que respeita a ofertas recebidas escreveu um dia:

«Temos esta semana a registar a soma de 2.000\$00 deixados na capela de Fradelos e mais metade no Banco Espírito Santo, de um anónimo. Há muita nobreza neesta maneira de dar, por ser preceito do Evangelho: não toques a buzina!»²⁰⁷

A propósito da oração também o Evangelho do Padre Américo condiz com o do Mestre, como outra coisa não era de esperar de uma pessoa que se identificou muito com Jesus. dizia o Padre Américo :

«Gosto de meditar e refletir sobre aquelas duas pessoas que duma vez entraram no templo: Uma delas foi lá p'ra cima, pró alto, a dizer solenemente que fazia e acontecia. A outra pessoa ficou em baixo, ao fundo, a murmurar que não fazia nem acontecia. Ambas, na presença de Deus, deram ao mundo lições, cada uma a seu modo.»²⁰⁸

Toda a sua obra é recheada de acontecimentos com os quais ele rejubila, nomeadamente com os progressos feitos com os rapazes mais novos nos quais deposita confiança e lamenta que algumas pessoas não entendam, porque:

«Deus esconde estas coisas aos soberbos e revela-as aos humildes.»²⁰⁹

Em momentos de solidão, de tristeza e dificuldade são os pequenos, os pobres e os humildes, que lhe dão alguma consolação e força interior para seguir em frente:

«Eu estava ali tão triste! Tão desconfortado! Tão só! Não era o pedir; era a maneira de o fazer - exposto, discutido: «Olha! Ele é aquele.» Estava ali tão triste, digo, quando aparece à minha beira um anjo a dulcificar! Era uma pessoa de condição humilde, rasteirinha, confundida com os mais. Assim tinha de ser. Deus resiste aos soberbos.»²¹⁰

²⁰⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 4.º Vol. 1.ª Ed., p. 99

²⁰⁸ AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p. 84

²⁰⁹ AMÉRICO, Padre – *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed., p. 92

²¹⁰ AMÉRICO, Padre – *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 1.ª Ed., p. 128

No Evangelho do Padre Américo entram todas as questões, que sejam inspiradas pela humildade e pelo serviço. A lei do Evangelho é a lei da igualdade. Discorda de todas as desigualdades e distinções operadas entre as pessoas e aqueles que detêm mais autoridade devem ser os primeiros a servir:

«Às oito horas, o maioral bate as palmas. Sopa na mesa. Trinta e cinco pratos a fumar. São carpinteiros. São mecânicos. São tipógrafos. São alfaiates. São estudantes. Somos Padre Manuel e eu, ambos padres. «Agora não há servos nem senhores, mas somos todos irmãos.» Doutrina de S. Paulo.»²¹¹

A humildade era para o *Fundador da Obra da Rua* uma virtude essencial para quem quisesse verdadeiramente imitar o Mestre. Sobretudo quando, nas suas várias deslocações a Lisboa e tinha necessidade de andar de Ministério em Ministério em busca de apoios para a sua obra já sabia que sem humildade nunca conseguiria alcançar os seus objetivos, pelo que media cada atitude e cada palavra para que pudesse convencer os governantes da urgência e necessidade da sua Obra:

«A primeira arma que a gente tem de brandir nos Ministérios, é a Humildade; tanto mais necessária quanto maior for o nome que o mundo nos der. Humildade do coração que se não desvaneca de si mesmo nem teme a grandeza daqueles a quem fala. Humildade que escuta a toda a hora, na presença dos grandes do Mundo, o murmúrio interior da terrível sentença eterna: Lembra-te que és poeira, ó tu.»²¹²

A sua atitude perante as autoridades não sendo de subserviência, não era nada arrogante. Antes, pelo contrário, apresentava-se com humildade perante quem tinha autoridade e, por vezes, eram essas autoridades que o engrandeciam e lhe davam um lugar superior:

«Agora pasmava eu; uma tribuna! Um nadinha antes, enxotados pelas escadas abaixo: «Não pode entrar.» Agora postos no píncaro: «Tem aqui uma tribuna.» Dá tudo certo. É do Evangelho. Quem se humilha será exaltado.»²¹³

Grande praticante da caridade foi também um grande pregador e defensor da humildade com o Evangelho sempre presente com frases nem sempre citadas à letra, mas sempre oportunas:

«Grande, verdadeiramente, é mas é o que se humilha.»²¹⁴

²¹¹ Ibidem, p. 143

²¹² AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 223

²¹³ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., p. 203

²¹⁴ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 66

A respeito da humildade na caridade o Padre Américo aprecia e valoriza os gestos e as coisas mais pequenas porque, segundo afirma, o Reino de Deus começa com coisas pequenas e, também neste aspeto, o Evangelho é citado e a *Obra da Rua* realçada como coisa pequena, mas capaz de se tornar grande e abrigar muita gente à sua sombra:

«Até aqui todos entendem. São elementos visíveis. Mas eu quero subir mais alto. Quero pregar a mostarda, o grão de mostarda da parábola. Sem parábola Jesus não abria a boca; e delas tirava todas as coisas desde a consituição do mundo. Nós somos a bola de neve para os descrentes e somos o grão de mostarda para os crentes. Semente tão pequenina que pode, no entanto, vira a dar umas planta aonde passarinhos do céu se podem abrigar.»²¹⁵

A humildade pregada e vivida pelo Padre Américo no seu Evangelho é uma virtude incarnada no dia e que vai até à renúncia a toda a vaidade, a toda a pompa e ostentação, mas valorizando o despojamento, o escondimento e o apagamento. Gosta muito de citar determinadas parábolas, que dizem respeito à humildade como a da Viúva pobre, a do grão de trigo e outras. Não se envaidece com os elogios da *Obra da Rua*, como não teme ser aniquilado por amor dessa mesma Obra, que ele tanto amou:

«Se o grão de trigo ficar à vista não dá pão....»

«O Padre Américo tem de morrer e o nome dele ficar nos alicerces da *Casa do gaiato*, escondido: Se o grão de trigo ficar à vista não dá pão. Não é modéstia; é amor à Criança abandonada. É política...do Pai Nosso. Torna-se necessário que ele desapareça para que a Obra cresça.»²¹⁶

Porém a humildade anunciada pelo Padre Américo como atitude Evangélica necessária para a prática da caridade, deve ser também vivida no dia mesmo nas coisas que se pensam, nas atitudes ou até nas decisões que se tomam. Os exemplos de Jesus no próprio Evangelho são abundantes nos seus escritos. Tudo serve como exemplo de humildade: as palavras do Mestre, as atitudes do Mestre, o Seu nascimento e a Sua morte. O *Fundador da Casa do Gaiato* aproveita as próprias celebrações da Semana Santa para apresentar a grande lição de humildade dada por Jesus, Ele que era Mestre, baixou-se e lavou os pés aos discípulos apontando esse exemplo para O seguirmos:

«Não há dia nenhum no mundo que tenha mais força ou que mais te obrigue do que este: Quinta-Feira Santa. O amor de Deus por ti, estimado leitor, neste dia, troca o nome e a condição; faz-Se Vítima e chama-se Sacramento! Escolheu Jesus esta Quinta-Feira Maior para escrever o Testamento - o Novo Testamento - e deixar-te herdeiro total, a ti mesmo, de toda a Sua Fortuna. Antes de o fazer, depõe o manto puído do tempo e das mãos que Lhe tocavam. Abaixa-

²¹⁵ AMÉRICO, Padre – *Obra da Rua*, 3.ª Ed., pp. 186 – 187

²¹⁶ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 4.º Vol. 1.ª Ed., p. 32 e 34

Se, humilha-Se até ao chão na forma de Servo; e exara no teu coração a Sua última vontade: «Amai-vos, como Eu vos tenho amado.»²¹⁷

E, quando acontecer que algumas pessoas ou populações não queiram receber a mensagem, o Padre Américo aconselha os seus seguidores a fazer o que Jesus ensinou. Ele não obrigou ninguém a segui-Lo. Tem muito orgulho em ser andarilho dos pobres dando testemunho de Jesus com uma vida de pobreza e de desprendimento imitando Cristo e os Apóstolos:

«Sacudir a poeira das sandálias por amor do Evangelho, é dar testemunho de Cristo; ora este testemunho inquieta.»²¹⁸

Quem pratica a Caridade deve seguir as pisadas de Cristo até à cruz, se for necessário, acompanhando a Paixão de Cristo que se prolonga muitas vezes nos mais pobres, os mais oprimidos da sociedade.

Referindo-se ao jornal *O Gaiato*, dirigido por si mesmo, ensina que o jornal só pode ser como a luz e como o sal, para que cumpra a sua missão de defender os oprimidos:

«Se no cabeçalho aparece o nome dum padre, que outra coisa não há-de ser o jornal senão um púlpito? Quem há-de ele defender senão os Oprimidos? Que outra coisa podia ensinar fora do que diz o Mestre? Para que serve o sal se não salga?»²¹⁹

Afeiçoado como está ao Evangelho, vai colhê-lo das próprias palavras dos doentes que, no meio da pobreza e do sofrimento recordam o próprio Jesus na cruz:

«Fel e vinagre. O café sem açúcar é melhor de tomar do que o fel que o meu Jesus tomou.»²²⁰

Nas suas frequentes visitas aos mais pobres vai recordando a Paixão de Jesus na Paixão do Pobre. Embora ensinasse que os pobres e os doentes prolongavam a Paixão de Cristo, no entanto volta-se mais para o Ressuscitado:

«Mais do que de Portugal, eu era ali um embaixador de Cristo. Pudera tê-lo pregado morto e sepultado, que era boa doutrina; mas não. Preguei Cristo vivo, Cristo ressuscitado.»²²¹

²¹⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., pp. 291- 292

²¹⁸ AMÉRICO, Padre – *Viagens*, 2.ª Ed., p. 21

²¹⁹ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 1.º Vol.. 2.ª Ed., p. 171

²²⁰ AMÉRICO, Padre – *O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 164

²²¹ AMÉRICO, Padre – *Viagens*, 2.ª Ed., p. 42

De facto, o Cristo que o Padre Américo anuncia, não é o Cristo de pietismos desenraizados da vida, um Cristo crucificado e morto. Ele prefere pregar um Cristo vivo palpitante, atuante e exigente:

«Pregar Cristo vivo! Eu não quero pregar Cristo morto... e sepultado, coitadinho!... Morreu por nós...

Tanto amor... Eu quero pregá-lo VIVO! Não quero pregar Cristo poeta! O Nazareno, que lindo poeta, que disse coisas lindas e depois morreu... Amou tanto, amou tanto...Eu quero pregar Cristo exigente!»²²²

Este Cristo exige de cada um dos seus seguidores um testemunho autêntico semelhante ao d'Ele, um testemunho de dedicação total, de desprendimento, de pobreza, de total confiança em Deus:

«Parecendo que não, é muito duro e penoso ser-se na terra embaixador de Cristo; só uma idade moça e grande resistência física, de contrário não se pode.»²²³

2.2 Apologia da igualdade, da dignidade e da compaixão

Apologia da igualdade

Uma das verdades mais defendidas pelo *Fundador da Obra da Rua* é a da igualdade fundamental de todos os seres humanos. Criados à imagem e semelhança de Deus, somos filhos de Deus e constituímos uma grande família na qual todos somos irmãos:

«Meus senhores e minhas senhoras: Nestes pequeninos nada prova-se doutrina revelada, a do do «agora já não há servos nem senhores, mas somos todos irmãos.»²²⁴

Essa igualdade deve observar-se ainda mais quando se trata de pobres segundo refere:

«Mais fácil e mais cómodo é o fazer-se desta gente uma casta à parte. Já tenho sido censurado por homens de bem: «Você leva a crápula para Paço de Sousa!».» A crítica dos bons é simplesmente terrível.

Sim, temos considerado casta o que é, por força do Evangelho, uma classe de irmãos nossos.

«Agora já não há romanos nem judeus, não há ricos nem pobres, não há senhores nem escravos - mas todos somos irmãos.» Esta doutrina perdeu-se.»²²⁵

²²² Ibidem, p. 60

²²³ Ibidem, p. 322

²²⁴ AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 1.º Vol. 3.ª Ed., p. 242

²²⁵ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 15

A respeito desta igualdade recorda a doutrina do Corpo místico de Cristo para explicar não há razão para as desigualdades existentes:

«Em pequenina, na pia do Baptismo, esta de quem falo agora tornara-se herdeira e entrou, sem favor nosso, para a família cristã. Foi Cristo Jesus que a fez Sua e, por isso mesmo, nossa. Desde aquele momento, admitida à mesa comum, é um membro do corpo nosso.»²²⁶

A igualdade fundamental está baseada na verdade de que há um só Deus e Pai de todos e que todos somos irmãos:

«Ninguém diz «Pai meu.», mas sim «nosso.» quando falamos a Deus. Pai nosso!»²²⁷

E para acentuar melhor esta doutrina o Padre Américo aponta o exemplo de Jesus:

«P’ra tudo há comissões reguladoras, só pró luxo é que não! O amor é dado ao nosso semelhante. Semelhante pela alma espiritual. É precisamnete nisso e por isso que todos somos semelhantes a Deus. “O Verbo de Deus fez-se carne”. Aqui começa a cartilha do verdadeiro amor. Fez-Se o que não era, sem jamais deixar de ser O que é.»²²⁸

A melhor maneira de seguir Jesus passa pela imitação dos Seus gestos. O Verbo de Deus fez-se semelhante a nós: “O Verbo de Deus fez-se carne”. Esta é a Verdade, que ninguém pode desmentir e que todos devem praticar, ensina o Padre Américo.

A justiça social fundamenta-se na igualdade essencial entre todos os homens e na dignidade de cada pessoa humana, porque criada à imagem e semelhança de Deus.

O *Fundador da Casa do Gaiato* observou à sua volta imensas desigualdades e, em toda a sua vida, foi um defensor da justiça social combatendo essas desigualdades. Insurge-se contra o espetáculo degradante e humilhante das *Sopas dos Pobres* defendendo que eles deveriam ser ajudados em casa:

«Oh, nós não deveríamos nunca expor os nossos Irmãos ao injusto e imerecido espetáculo das Sopas, mas sim cada um sacrificar-se para que eles tivessem de que a fazer dentro da sua morada; eles, carne da nossa carne, em tudo e por tudo semelhantes a nós, excepto na fortuna! E tu cuidas que vales mais, só porque és mais afortunado - tu, infeliz!

A verdadeira hierarquia não destrói a igualdade baseada, como é, na identidade do ser. As categorias do Universo dão beleza ao mundo, como as sociais dariam justiça aos homens se estes se não afastassem e tomasse cada um o seu lugar. «Já não há gregos, nem romanos nem escravos nem livres nem ricos nem pobres; mas todos somos um, alimentados por um mesmo pão.» -

²²⁶ AMÉRICO, Padre – *O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 120

²²⁷ AMÉRICO, Padre – *Viagens*, 2.ª Ed., p. 179

²²⁸ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 147

ensina o Apóstolo.»²²⁹

Custava-lhe muito a segregação e o desprezo a que os pobres era deixados e sempre pugnou pela igualdade de todos e contra qualquer divisão de classes, uma vez que todos somos irmãos e é essa a doutrina de Cristo:

«Não há classes. Somos irmãos e membros de um só Corpo-Jesus Cristo Senhor e Redentor nosso.»²³⁰

Apóstolo como foi da igualdade, sempre pregou contra as desigualdades como fonte permanente de pobreza e apresenta com frequência os exemplos do Evangelho que dão razão ao que anuncia. A respeito disso gosta de citar a parábola do rico avarento e do pobre Lázaro para ilustrar como é diferente a sorte dos explorados e dos exploradores:

«Entre nós há um abismo que ninguém pode atravessar.», ensina o Mestre, na parábola de Lázaro.»²³¹

A sua pregação constante é contra o muro que separa ricos e pobres, quando aqueles fogem destes como de criminosos se tratasse:

Os ricos «não querem a aproximação. Assim aconteceu com o rico da parábola do Evangelho, o qual «se vestia de púrpura e todos os dias se banqueteava.»²³²

O Apóstolo da Rua estava consciente de que é muito difícil aos afortunados compreender a obrigação que têm de repartir com os mais pobres e, para isso, gostava de citar outra passagem do Evangelho:

«Como muito bem dizia aquele moço engenheiro em uma carta ultimamente aqui publicada, é muito difícil aos bem herdados sentir a penúria dos seus irmãos pobres. «Mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha!»²³³

Falando contra as desigualdades não era muito a favor das chamadas *Festas de Caridade* que, para ele, são uma boa maneira de esconder as injustiças praticadas pelos ricos em vez de praticarem a verdadeira partilha cristã, que deveria levar verdadeiramente à igualdade:

²²⁹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p.97

²³⁰ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 3.º Vol. 1.ª Ed., p. 169

²³¹ AMÉRICO, Padre – *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed., p. 151

²³² AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 1.º Vol. 3.ª Ed., p. 83

²³³ AMÉRICO, Padre – *De como eu fui... Crônicas de viagem*, 1.ª Ed., p. 33

«O que eu não gosto nada, mesmo nada, é que se pretenda dar a Deus aquilo que é de César. Isso é que não está certo; e é isso que acontece com as patuscadas de caridade.»²³⁴

Apologia da dignidade

Toda a missão do *Fundador da Casa do Gaiato* está baseada numa verdade fundamental que é a dignidade da pessoa humana. Antes de mais devemos considerar o ser humano em si mesmo na sua individualidade, na sua especificidade, que o torna um ser único e irrepetível. A dignidade humana, tomada como valor absoluto, privilegia o indivíduo, na sua perpétua contraposição com a sociedade. É isto que pensa e defende o Padre Américo. Ele privilegia todas as crianças pobres e cada uma em particular. Daí que a dignidade de cada um se limita pela igual dignidade dos restantes ou, em termos equivalentes, a liberdade do indivíduo é limitada pela liberdade dos outros. Assim, em termos absolutos, não pode haver opção entre indivíduo e sociedade. É preciso optar pelos dois, ou seja, defender a dignidade e a liberdade do indivíduo e defender igualmente a dignidade e a liberdade dos que o rodeiam.

A dignidade humana tem assim um fundamento antropológico, que faz de cada um de nós um ser relacional com a sociedade. Porém, a dignidade não é dada pela sociedade, mas reconhecida pela sociedade.

O Padre Américo dava bastante importância à dignidade, à liberdade e ao carácter, como elementos importantes da personalidade de cada indivíduo. E, por se tratar de crianças, condenava todos quantos estavam empenhados em aviltar a criança alimentando-lhe os vícios através da corrupção:

«Sabes o que é formar carácter, à caixeiro? É uma tendência constante à perfeição, em exercício quotidiano da vontade para o bem. E tu, dentro do balcão, pervertes uma criança! Uma criança já de si fraca e doente pela herança que traz! E se ela, por tua causa, volta para a rua? «Melhor te fora não ter nascido!»²³⁵

A imagem divina está presente em cada pessoa. Resplandece na comunhão das pessoas, à semelhança da unidade das pessoas divinas entre si. Este é, pois, o fundamento da própria dignidade humana: ser criado à imagem de Deus. Por este facto, cada ser humano reflete a imagem da perfeição divina e terá tanto mais dignidade quanto melhor refletir essa imagem.

²³⁴ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 44

²³⁵ AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p. 64

«A humanitas Dei, que se dá a conhecer na história de Deus com o Seu povo, outorga ao direito e á justiça a força libertadora que vai em socorro dos pobres, fracos e oprimidos do povo e que visa, na sua dinâmica, à universalidade. Mas os maiores impulsos partem com toda a clareza da compreensão teológica do ser humano como imagem e semelhança de Deus. Esta não se refere nem só á dimensão corporal, nem só à espiritual do homem, mas ao homem inteiro.»²³⁶

Sem liberdade não há dignidade. Se a pessoa vive prisioneira da miséria e dos vícios não vive a sua dignidade a que tem direito. Uma das tarefas mais importantes da obra do Padre Américo é formar as consciências de quem o escuta ou lê. Este é o principal motivo do uso frequente de tantas passagens do Evangelho que, em cada ocasião, ilustram e aconselham determinado comportamento. Assim, por exemplo, ele acha um dever de todos os cristãos dar de comer a quem tem fome como dever de justiça e dever de consciência:

«Não é favor nenhum dar de comer a quem tem fome; é um dever de consciência cristã.»²³⁷

E já que muitos, embora usando o nome de cristãos, esquecem essa dignidade, ele recorda à consciência de cada um essa dignidade que traz agregada o mandamento novo do amor:

«Eu não quero que me dê coisa nenhuma; somente desejo saber que tens consciência da Herança, que compreendes toda a força e toda a responsabilidade d'Ela; e que, finalmente, estás disposto a cumprir a última vontade do teu Senhor até ao sacrifício, que nisso conhecerá o mundo que és verdadeiro discípulo.»²³⁸

Vem a propósito falar dos chamados “tribunais”, que se fazem na *Casa do Gaiato*, que são assembleias da Casa, onde se debatem alguns assuntos e onde se formam consciências sobre diversos valores morais e humanos. Um dos assuntos muitas vezes sujeito a tribunal é a mentira. Nestes tribunais sucede que por vezes o culpado é premiado em vez de ser castigado. O prémio não lhe é dado, evidentemente, porque tivesse transgredido, senão porque soube confessar a sua falta e penitenciar-se publicamente. Conta o Padre Américo:

«Ontem, Mário e António queixaram-se de lhes haver desaparecido uma

²³⁶ BÖCKLE, Franz e HÖVER, Gerhard – Direitos humanos/Dignidade humana. In *DICIONÁRIO de conceitos fundamentais de teologia* dirigido por Peter Eicher. São Paulo: Paulus, 1993, p. 187

²³⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed. , p.18

²³⁸ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed., p. 292

saca com pinhões. À noite indagou-se. Alfredo, o mentiroso de ontem, levanta-se da mesa, vem ao meio e acusa-se tintim-por-tintim. Mal ele sabe a alegria que me causou! Recebeu um pau de chocolate, não por ter ido aos pinhões de outrem, mas pela sinceridade da confissão.

Nós fazemos cavalo de batalha da mentira e vamos buscar os nomes mais feios para a cognominar. Servimo-nos de imagens tenebrosas, de tintas denegridas, tudo quanto possa horrorizar estas crianças geradas nela ... Claro está que esta política de meter medo à mentira, não basta. Isto seria o papão da casa, se a gente não desse às crianças a verdade na mesa, na cama, nas roupas, nas promessas, nos avisos, nos conselhos - nas coisas mais pequeninas. À força de verem a verdade e só porque a vêem, elas começam de a amar e de aborrecer a mentira.»²³⁹

Refere Evangelista Loureiro: «As cenas dos tribunais são quase sempre iguais. Motivo? O pecado da rua que não passa facilmente. O maior castigo é a confissão pública, uma, duas, três ou mais vezes, até que a criança se despoje por completo dos seus males passados e adquira o culto pela prática do bem. E a verdade é que os resultados são ótimos, numa demonstração da eficácia da psicoterapia de grupo e a convidar os estudiosos dessa técnica a explorarem este esplendido campo experimental.»²⁴⁰

O Padre Américo dá muita importância à formação da consciência dos rapazes porque, segundo ele, uma consciência bem formada é como um juiz. Tudo serve para doutrinar e formar, mesmo aquilo que é negativo como a mentira:

«O Tiroliro, assim como os outros nos tempos da *cegueira*, roubava quanto podia e gastava em seu proveito, sem remorsos. Era escuridão. Agora começa a lobrigar:-Tome lá o dinheiro; achei. A mentira aqui é já o agulhão da consciência.»²⁴¹

Ele sabe que a consciência é a norma de conduta do ser humano e orienta retamente os pensamentos e acções de cada ser humano. A formação da boa consciência como norma de conduta é sempre uma grande preocupação do apóstolo dos rapazes:

«Meus filhos: Nunca é demais falar da doutrina da boa consciência, porque é precisamente nesta idade, que cada um de vós deve esforçar-se por achá-la dentro de si mesmo. Se o não fizeres agora, é muito difícil que mais tarde o venhais a fazer.»²⁴²

²³⁹ AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 1.º Vol. 3.ª Ed., pp .40-41

²⁴⁰ LOUREIRO, João Evangelista – *Um grande educador português do Século XX.*, p. 99

²⁴¹ AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 1.º Vol. 3.ª Ed., p. 117

²⁴² AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, p. 15

Segundo o Padre Américo, a consciência é um juiz que está dentro de cada um de nós e que, a toda a hora, aprova ou reprova as acções que fazemos. Como não hesita em condenar a mentira também não se inibia de exaltar a verdade. Referindo-se a um rapaz que espontaneamente se vai acusar de ter roubado um dinheiro disse:

«Não teve medo de mim. Não podia ter. A consciência dizia-lhe, naquele momento, que a sua acção era boa e as acções boas são de premiar...O prémio da sua acção não podia ser dado, porquanto ele já o tinha recebido. Deu-lho a sua própria consciência.»²⁴³

É seguindo esta voz da consciência que o Padre Américo sempre sabe colocar-se no seu lugar sem querer ser mais do que outros, que até fazem obras maiores e melhores que a *Obra da Rua*. Tem realmente consciência do seu verdadeiro valor e quer manter-se sempre com dignidade

Na promoção da igual dignidade de todos, defende que se deve chegar a condições de vida mais justas e mais humanas para todas as pessoas. Exige o esforço de todos, e em especial dos responsáveis das nações, a fim de reduzir as desigualdades sociais e económicas excessivas e levar ao desaparecimento das desigualdades iníquas. Para o Padre Américo não é admissível, que se vejam ainda hoje pessoas a viver em condições infra-humanas, sem o mínimo de condições para uma vida sustentável digna e humana. Por isso, apela à responsabilidade de todos, em especial dos governantes, no sentido de combater as desigualdades, que dão origem à pobreza e à miséria de um grande número de pessoas.

No que respeita à dignidade da pessoa na sua individualidade o Padre Américo defende que o nome de cada pessoa é também essencial. É pelo nome que somos identificados. A Bíblia ensina-nos que Deus chama a cada um por seu nome, pelo que o nome de qualquer pessoa é sagrado. Porque o nome é a imagem da pessoa. Exige respeito, em sinal da dignidade de quem o leva. Além disso, no Baptismo, o nome do Senhor santifica o homem, e o cristão recebe o seu próprio nome na Igreja. Este pode ser o de um santo, isto é, de um discípulo que viveu uma vida de fidelidade exemplar a seu Senhor. Por essa razão o nome de cada um é um nome eterno. «Ao vencedor... o que sair vencedor, dar-lhe-ei também uma pedra branca; na pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhece, a não ser o que a recebe.»(Ap 2,17).

²⁴³ Ibidem, pp. 49-50

Todos os rapazes que entram na *Casa do Gaiato* têm um nome próprio, mas em muitos casos ignora-se o pai ou a mãe ou ambos. Todavia tornou-se um hábito dar a cada rapaz um apelativo que o identifique de alguma maneira, sem que isso signifique menosprezo pelo próprio nome. Daí surgiram diversas *alcunhas* curiosas como: *Periquito*, *Pretita*, *Pírula*, *Rio Tinto*, *Botas*, *Batata nova*, *Cête*, *Zé da Lenha*, *Sapo*, *Xancaxé*, e muitos outros, cujos apelativos aparecem disseminados por toda a obra escrita do Padre Américo. Estes apelativos funcionam quase como nome próprio e é um tratamento de carinho até dos próprios leitores das crónicas do Padre Américo.

No tempo do Padre Américo a Doutrina social da Igreja ainda estava no início. A encíclica *Rerum Novarum*, publicada em 1898 pelo Papa Leão XIII, constituiu um marco histórico importante no despertar dos católicos para a questão social operária. A partir daquela encíclica gerou-se na Europa, sobretudo na Alemanha e na França, um amplo movimento católico com vista a pôr em prática as orientações do Papa. Contudo, segundo Marie-Christine Volovitch:

«no fim do séc. XIX os católicos, que em Portugal procuram organizar-se como força política e social ignoram durante bastante tempo a questão social. E, quando a abordam, fazem-no de modo bastante tímido e, especialmente, na perspectiva da caridade.»²⁴⁴

Os círculos católicos de Operários surgem em finais do séc. XIX, e princípio do séc. XX, como resposta à secularização da sociedade e à degradação moral do operariado juntamente com a sua fraca qualificação e exploração pelas ideias liberais, socialistas e anarquistas.

Juntando a formação do operário à base de princípios cristãos, e tentando dar resposta à crescente insatisfação de muitos operários face à situação em que viviam os círculos operários contribuíram para uma elevação do sentido social e humano dos trabalhadores, proporcionando-lhes atividades de carácter lúdico, recreativo, religioso e social e promovendo a sua auto-consciência de força social na defesa dos seus direitos. Braga da Cruz considera que o movimento dos círculos católicos foi a primeira tentativa de relevo, de criação de um sindicalismo católico em Portugal, ou melhor, de uma presença católica organizada no movimento operário português²⁴⁵. Juntamente com as

²⁴⁴ VOLOVITCH, Marie-Christine – *As organizações católicas perante o movimento operário em Portugal (1900-12)*, Análise Social, Lisboa, Vol XVIII(72-73-74) 1982 – 3.º- 4.º- 5.º, p. 1197 1210

²⁴⁵ Cf. CRUZ, Manuel Braga da – *O Movimento dos Círculos Católicos de Operários - Primeira expressão em Portugal do sindicalismo Católico*, Sep. da Revista: Democracia e Liberdade, 37/38, Abr./Set., Lisboa, 1986, p. 39-59

organizações católicas da juventude, os círculos católicos de operários dão início ao movimento social católico em Portugal, cujo teor redimensiona as primeiras organizações católicas que no nosso país se ocuparam da designada «questão social e operária.», tal o caso da Associação Protetora de Operários fundada por Mendes Lajes em 1878.

A doutrina iniciada pelo Papa Leão XIII, foi desenvolvida pelos Círculos católicos um pouco por toda a parte, mas estava tudo ainda muito em embrião. Não podemos considerar o Padre Américo um teórico em termos de doutrina social, mas sobretudo um marco importante nas práticas sociais em Portugal, sobretudo num período de muita pobreza e degradação especialmente nas grandes cidades de Lisboa, Porto e Coimbra.

No que respeita à pobreza tentou atacá-la na sua origem, ou seja no combate à desigualdade e a exploração da classe operária a qual, muitas vezes, é muito mal paga pelo seu trabalho não dando o seu magro pecúlio para dar de comer à sua família:

«O mundo tem-se esquecido que o operário é digno da sua justa recompensa.»²⁴⁶

A dignidade, a liberdade, o nome e o direito das crianças à vida são, sem dúvida uma das grandes “batalhas” do Padre Américo. Condena qualquer atentado à vida, mas destaca sobretudo a defesa dos inocentes, que vivem à fome acabando alguns por morrer de doença ou de fome. Muitas vezes nas suas frequentes visitas aos pobres e aos doentes tem ocasião de testemunhar a miséria e o sofrimento, em que muitos agonizam nas suas enxergas procurando, por vezes levar medicamentos para aliviar o sofrimento aos moribundos.

Uma vez que toda a vida humana é sagrada e toda a pessoa, por ser pessoa, deve respeitada nos seus direitos o primeiro direito a ser respeitado é o direito à vida. O *Pai Américo* foi um grande defensor das crianças ainda no ventre das mães e prontificava-se a ajudar as mães para que não abortassem, nem se libertassem dos filhos por qualquer outro meio.

A alguém que lhe escreve sobre o nascimento de crianças, que depois não podem ser sustentadas recomenda:

«Deixe vir. Deixe nascer. Não conte as bocas. Conte, sim, com a eficácia da Palavra terna: «Multiplicai-vos e enchei a terra.»²⁴⁷

²⁴⁶ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p.260

Neste contexto, é também um grande defensor do matrimónio e da família estável, que cria filhos e os educa, considerando esta uma verdade eterna correspondente a um mandamento do Criador.

Alguns jovens não casavam pelos mesmos motivos, por receio de mais tarde não poderem sustentar a sua família com os seus magros vencimentos:

«E que dizer dos que esperam melhoria de vencimentos, sem poderem realizar o Mandamento divino: «enchei a terra.»²⁴⁸

Muitos preferem ter um cão, ao qual dão um bom tratamento, em vez de gastar essas economias em minimizar a fome dos pobres. A forma como esses animais são tratados exprime a maior ou menor dignidade humana. Escreve o Padre Américo :

«Nunca foi permitido deixar os filhos à fome e dar de comer a cães. Por mui lindos que sejam. Por fiéis, nobres e dóceis, bem feitos que eles sejam – são cães. Cada coisa no seu lugar.»²⁴⁹

Para o Padre Américo não há outra família senão a família instituída por Deus, homem e mulher unidos pelo sacramento do Matrimónio. É no casamento, assim constituído, que os filhos serão gerados e farão em comum uma família feliz. Também neste domínio a citação bíblica é frequente, embora nem sempre literal:

«Ninguém separe o que Deus junta.»²⁵⁰

A unidade e indissolubilidade são para ele verdades intocáveis, verdades eternas como tanto costume referir:

«Retirei para a casa do meu amigo. Pedi que fossem muito pontuais; e no dia seguinte, às dez precisas, estavam os dois aps pés do altar, na Sé Velha de Coimbra. Que ninguém jamais de atreva a separar as almas que Deus uniu pelo Sacramento do Matrimónio.»²⁵¹

O princípio de toda a acção do Padre Américo é Jesus e a Sagrada Família de Nazaré, que apresenta como modelo:

«A Família de Nazaré é norma.»²⁵²

²⁴⁷ AMÉRICO, Padre – *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed., p. 157

²⁴⁸ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., pp. 264-265

²⁴⁹ AMÉRICO, Padre – *De como eu fui... Crónicas de viagem*, p.73

²⁵⁰ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 3.º VOL. 1.ª Ed., p. 12

²⁵¹ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed. p. 155

²⁵² AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 3.º VOL. 1.ª Ed., p. 28

Para o *Apóstolo dos Gaiatos* a família cristã é, por natureza, procriadora colaborando deste modo com a obra de Deus, porque é essa a vontade do Criador segundo o livro do Génesis citado pelo Padre Américo :

«Eu cá não sou cientista, mas afirmo. Isto é verdade. Porquê Por causa do mandamento «crescei, multiplicai-vos, enchei a face da terra.»²⁵³

Como alguns não casam porque estão desempregados Padre Américo sai mais uma vez em defesa de um direito que é natural, o direito a ter uma família sua.

«Mas o estado de clamores não fica por aqui; vai mais longe e é intenso. Quero-me referir à vida dos casados. Aqui, como acima, também existem elementos que impedem o Mandamento do Senhor: «Crescei.»²⁵⁴

A este propósito o papel de mãe é bastante valorizado e é a mãe que deve ser apoiada pois, segundo ele:

«Ninguém como a mãe para dar aos filhos a criação. Neste, e em casos semelhantes é a mãe que se deve auxiliar.»²⁵⁵

A sua pedagogia é totalmente diversa daquela que praticam nas outras instituições que acolhem crianças, uma vez que estas, como asilos que são, dão uma educação que, no seu entender, não deixa as crianças em liberdade para que possam gozar o ar livre e sentir as aves, os animais e os campos. Mas, sempre que possível a criança deve ser mantida na família e apoiar-se a família como berço natural da educação:

«Isto de empurrar as crianças para os Asilos e para os Reformatórios e até para as Casas do gaiato pode ser o mais fácil, mas não é o mais proveitoso. Eu antes queria que se tentasse o auxílio à família.»²⁵⁶

Para ele a constituição da família é uma questão social que deveria ser resolvida pelos deputados da Nação com leis que protegesse a família e a criança. Por isso ele queria ir ao Parlamento pregar o Evangelho aos senhores deputados, pois existe da parte de todos uma cumplicidade nacional porque não se legisla, por terem, medo da verdade, quando se trata de defender a vida e a família:

«Quanto à posição da criança, não tenho remorsos; tanto vale uma como

²⁵³ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., p. 267

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 265

²⁵⁵ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., p. 273

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 246

outra. Aqui não há distinções. Mas a questão social. A constituição da família. A sua instituição divina. O vínculo.»²⁵⁷

E como não o chamavam para ir à Assembleia falar aos deputados, pede a alguém que fale por ele, dada a gravidade do assunto²⁵⁸.

Não há dignidade reconhecida sem libertação das “amarras”, que prendem a pessoa. Se a pobreza tolhe os movimentos ninguém pode ser livre. Se não tem que comer e se não tem onde viver como pode ter liberdade?

A promoção da dignidade passa, pois, pela libertação de tudo o que impede a felicidade do ser humano. Se o sistema sacrifica esses direitos é contrário à dignidade humana, pensa o Apóstolo da Rua.

Apologia da compaixão

Jesus impressionou toda a gente com a sua aproximação aos marginais, aos indefesos e a todos aqueles que se encontravam em circunstâncias difíceis ou eram necessitados. Acusaram-no de ser um *glutão e bebedor de vinho, amigo de cobradores de impostos e pecadores!* (Mt 11,19) Porém, essa atitude de Jesus revela uma nova maneira de estar e de conviver na sociedade. Jesus não quis segregar ninguém, não quis deixar ninguém de lado. Ele aproximava-se de todos os que a sociedade rejeitava: cegos, coxos, paráliticos, leprosos, criminosos, prostitutas, etc. Jesus conviveu com todos, porque ele veio para salvar a todos. (Mt 9,13)

Seguindo o exemplo de Jesus, o Padre Américo conviveu, de igual modo, com todas as pessoas e não hesitava em denunciar todos os que abusavam dos desprotegidos. A ternura de Jesus é uma ternura de *com-paixão*. Ele compadece-se de quem sofre:

- dos dois cegos de Jericó: «Dominado pela compaixão, Jesus tocou-lhes nos olhos. Imediatamente recuperaram a vista e seguiram-no.» (Mt 20,34);

- de um leproso que grita por ele: «Compadecido, Jesus estendeu a mão, tocou-o e disse: «Quero, fica purificado.» (Mc 1,41);

- de uma viúva que perdeu o filho único: «Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: «Não chores.» (Lc 7,13)

- de uma multidão que O seguia: «Contemplando a multidão, encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor.» (Mt 9,36)

²⁵⁷ Ibidem p. 168

²⁵⁸ Cf. Ibidem, p. 169

- de uma multidão que O seguia há vários dias: «Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e, cheio de misericórdia para com ela, curou os seus enfermos.» (Mt 14,14; 15,32).

É isto que toca o Padre Américo. Nos vários textos citados encontramos a palavra ou o sentido de “*compaixão*”, isto é, Jesus assume o sofrimento de quem sofre e tenta remediar. Assim fez o *Fundador da Obra da Rua*, sempre atento a quem sofria, também ele tinha *compaixão* do pobre, da viúva, do abandonado, do tuberculoso, etc.

Não é por acaso que cita por diversas vezes a atitude do samaritano, pois também ele foi *samaritano*. Também ele, imitando Cristo, primeiro *samaritano*, se baixou junto de quem estava à beira do caminho e cuidou dele:

«O Mestre não ensinou assim. A lição do Samaritano ainda está na mesma página terrível e todos havemos de ser chamados à pedra.»²⁵⁹

Tal como Jesus o Padre Américo também censurava os *fariseus* do seu tempo por não terem *compaixão* no seu coração:

«Mais História. Ao mesmo tempo que na Inglaterra, ardia uma luz nas Hawaii: o Padre Damião²⁶⁰. O Leproso! Enquanto nada fez na ilha deles, correu tudo muito bem. Ele não fazia nada. Mas a certa altura começa a trabalhar. Carpinteiro, trolha, jardineiro, agricultor, médico, enfermeiro e Pai! Ele foi tudo. A notícia corre... Os fariseus não querem que ele cure ao sábado. E, como era padre, não lhe faltaram os perigos dos falsos irmãos. Por fim venceu. A sua Obra está. O samaritano vence sempre...

Tal como a Enfermeira e o Leproso, também nós, distâncias respeitadas, trilhamos o mesmo caminho. Deselegâncias, incompreensões, ciladas, perigos - eis o nosso quinhão. Mas a vitória é nossa. O samaritano é que fica; os outros passam!»²⁶¹

Tal como Jesus, também o Padre Américo viveu a ternura não com palavras, mas factos e atitudes concretas. A ternura revelou-se nele como uma atitude permanente, profunda e ativa. O sofrimento dos doentes e marginalizados enchia-lhe a alma e levava-o também a sofrer e a chorar:

²⁵⁹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 98

²⁶⁰ Padre Damião de Molokai- Molokai é uma ilha do Havai, onde – ao norte – existe uma colónia de leprosos. Foi aí que, por iniciativa pessoal e com licença da autoridade eclesiástica, se estabeleceu o Padre Damião de Veuster numa aventura de coragem e heroísmo, tornando-se assim o mártir da caridade a serviço dos doentes de lepra, doença que ele mesmo contraiu e foi causa de sua morte. Viveu só 49 anos, dos quais 25 como sacerdote. Nasceu a 3 de Janeiro de 1840, em Tremelo (Bélgica) e faleceu em Molokai a 15 de Abril de 1889. Foi canonizado por Bento XVI a 11 de Outubro de 2009. (in http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form_id=4009)

²⁶¹ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 3.º Vol. 1.ª Ed., p. 20

«Quem há aí que sofra que eu não sofra também.»!-dizia o Apóstolo, «naquele tempo.»²⁶²

Tal como Jesus dava uma nova vida a todos aqueles que se abeiravam dele, assim o *Fundador da Obra da Rua* não se contentou em tirar da rua, da marginalidade, ou da pobreza as pessoas, mas procurou dar-lhes um futuro melhor através das *Colónias de férias*, da *Casa do Gaiato* ou do *Património dos Pobres*. Rochetta afirma:

«A ternura de Jesus faz viver libertando da origem de todo o mal, seja do demónio, seja do pecado; por conseguinte, uma ternura que não se contenta em atender aos sintomas, mas que vai à procura das causas; delas é que Jesus quer savor os que crêem n'Ele e se convertem à Sua Palavra.»²⁶³

A compaixão e a misericórdia são formas de Caridade. Sendo a Caridade a maior de todas as virtudes, o Padre Américo fala da mesma utilizando diversas expressões do Evangelho quase literais na maioria dos casos:

«Sede misericordiosos.» diz o Mestre.»²⁶⁴

Uma das passagens do Evangelho, que gosta de citar frequentemente ao falar da necessidade da misericórdia é a parábola do bom samaritano, que é apresentado como modelo de compaixão, quando aqueles que tinham, obrigação de a ter passam adiante. A parábola é citada ao referir, por vezes, a falta de apoio por parte de quem o deveria apoiar na causa dos mais pobres. O exemplo do bom samaritano é citado como modelo de caridade perfeita, já que, para acudir às necessidades do seu próximo se dispôs a perder na sua vida e nos seus negócios:

«Foi proclamado então, e para sempre, como modelo de Caridade perfeita, aquele que perdeu o seu tempo e o seu dinheiro e o seu dia de negócio para curar as feridas do Irmão caído. Perder a vida por amor é ganhar a vida.»²⁶⁵

Sobre este mesmo assunto não se cansa de referir igualmente as bem aventuranças e de um modo especial a que fala da misericórdia:

«Bem aventurados os que usam de misericórdia. Do Evangelho.»²⁶⁶

²⁶² AMÉRICO, Padre - *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed., p. 41

²⁶³ ROCCHETA, Carlo - *Teología de la ternura*, Koinonia 36. Salamanca: Ed. Secretariado Trinitário, 2001, p. 141

²⁶⁴ AMÉRICO, Padre - *Doutrina*, 1.º Vol.. 2.ª Ed., p. 257

²⁶⁵ AMÉRICO, Padre - *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p. 70

²⁶⁶ *Ibidem*, p.98

A prática da misericórdia deve ser constante e sem fronteiras, mas dirigida de um modo particular aos mais pobres:

«Felizes os que usam de misericórdia para com os Pobres do mundo, porque esses alcançarão Misericórdia.»²⁶⁷

As obras de misericórdia são citadas igualmente ao falar de todos aqueles que padecem de doenças incuráveis e que com paciência enfrentam o sofrimento atroz:

«Cem por cento das doenças que nos afligem no mundo, não são de curar, mas sim de sofrer; para assim haver felizes que sintam com toda a verdade do «bem-aventurados os que sofrem.» e bebam, sem veneno, toda a amargura dos seus males.»²⁶⁸

Seguindo a doutrina escrita pelo Apóstolo, de quem foi um admirador, ensinava que, quem quiser verdadeiramente praticar a misericórdia, terá de seguir o Evangelho e aprender a sofrer com os que sofrem:

«Sempre que trazemos para aqui as lágrimas dos que sofrem a escuridão dos antros e a imundície dos farrapos humanos, logo aparece alguém a chorar com os que choram, a alumiá-los os que jazem nas sombras da morte e a limpar com carinho as chagas purulentas de irmãos nossos.»²⁶⁹

Afirmava-se um revolucionário pacífico e estava disposto a partilhar o sofrimento de todos os que sofriam:

«Revolucionário pacífico que sou, muito tenho que sofrer para poder chorar com os que choram.»²⁷⁰

Desperta os seus ouvintes e leitores para a necessidade de abrirem os olhos e olharem para o sofrimento de quem está em necessidade, pois tudo isso vai pesar no dia em que todos seremos julgados perante Deus para Lhe prestarmos contas dos bens que ele nos deu. As obras de misericórdia são citadas com frequência, pois, como ensina o Evangelho, todos os homens serão julgados pela misericórdia que praticaram:

«É assim que ele espera a grande hora da recompensa. «Vinde benditos de Meu Pai, possuir o Reino que vos está preparado, porque tive fome e deste-
Me de comer.»²⁷¹

²⁶⁷ Ibidem, p. 225

²⁶⁸ Ibidem, p. 265

²⁶⁹ AMÉRICO, Padre – *O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 146

²⁷⁰ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 4.º Vol. 1.ª Ed., p. 82

²⁷¹ AMÉRICO, Padre – *O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 170

O *Pai Américo* era muito sensível à fome dos pobres e, de modo especial, à fome das crianças. Esta sensibilidade levava-o a pedir pão para todos. Foi daqui que nasceu aquela série de artigos, que deram origem ao livro *Pão dos Pobres* já que era sua vontade apelar à consciência de todos para a obrigação de matar a fome a quem precisa. Toda a pessoa que encontra alguém em necessidade e não lhe presta atenção corre o risco de não ser julgado pela misericórdia que praticou, mas por aquela que não praticou:

«Eu nunca lhe dei nada, a não ser dois dedos de conversa, até que ele se deitasse nas palhas. Nunca fiz nada por ele, nem pelos seus irmãos, nem pela sua mãe - nunca. Mas isso que tem? Ele não mede o amor pelo que se faça a ele ou aos seus; é aos outros. Ele toma como feito a si mesmo o bem ou o mal que se faz aos mais.»²⁷²

3. Urgência e necessidade da missão

Jesus ao enviar os apóstolos ao mundo convida-os a deixarem uma missão para lhes confiar outra bem mais importante. Daí em diante mudariam de águas e de mares:

«Cristo Jesus definiu a missão dos Apóstolos, ao trocar a profissão que Pedro tinha pela nova que lhe deu: « Já não pescas mais peixes; de hoje em diante pescarás almas.»²⁷³

A missão de libertar da pobreza e do vício é urgente e ninguém pode ser dispensado dessa tarefa, porque, dando as mãos é que se contrói um futuro melhor. A tarefa é urgente e requerem-se muitas vontades para tão grande missão:

«Eu tenho de trabalhar, de fazer alguma coisinha, enquanto é tempo. Vem a noite, quando ninguém pode trabalhar!»²⁷⁴

Nas várias passagens do Evangelho, que cita à letra, o *Fundador da Obra da Rua* identifica também a Sua missão, que ele considera uma graça da qual é indigno, com a missão de Jesus. Deste modo apresenta a sua missão igual à de Jesus:

«Eu vim para salvar»²⁷⁵; «Eu vim para servir.»²⁷⁶

²⁷² Ibidem, p. 177

²⁷³ AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 1.º Vol. 3.ª Ed., p. 84

²⁷⁴ AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 2.º Vol. 2.ª Ed., p. 151

²⁷⁵ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p. 16

²⁷⁶ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 161

Considerava uma graça poder ajudar a salvar rapazes, que poderiam vir a perder-se, graça semelhante àquela que Cristo fez pela humanidade. E o prazer que se sente por se aproximar de uma criança que dorme regalada na sua cama depois de ser retirada da rua não tem explicação. É a vida de Jesus que se faz presente:

«Oh, ninguém na terra merece ajoelhar aos pés da cama onde dorme e gozar a hora de prima em minutos vivos e transbordantes! '«Eu sou a Vida.» Sim. Deus vivo de Isaac, de Abraão, de Jacob; Deus escondido na Humanidade de Cristo - ninguém merece passar trabalhos para salvar inocentes por Vosso amor, ninguém.»²⁷⁷

A sua doutrinação quer escrita, quer pregada está profundamente impregnada do Evangelho e, comparando a vida do mundo em que se apenas se semeia a destruição e a morte por obra do maligno, ele aconselha o evangelho:

«Abriga-te no Evangelho:«Eu vim para salvar.»», diz o Senhor.»²⁷⁸

O relevo do testemunho é dado pela própria missão que Jesus confia aos discípulos e, neles, aos seus sucessores:

«Ide por toda a parte, ensinai todas as gentes.»²⁷⁹

Esta ideia do envio é repetida insistentemente pelo Padre Américo sabendo que é preciso haver quem lance a semente para que a colheita seja abundante.

«Quem semeia com abundância colhe da mesma sorte. A Palavra de Deus é mais penetrante do que a espada de dois gumes; discerne pensamentos e intenções.»²⁸⁰

A necessidade de bons pregadores do Evangelho, e o combate por esta missão, é uma constante nas suas obras pois, em seu entender, se não há pregadores diminui a fé e, por consequência arrefece a Caridade:

«Há muito tempo que não vou a Fátima. Não tenho tempo. Mas quando ia, ficava triste ao escutar as imprecações do povo em Coimbra, Leiria, Tomar e outras vilas, ao ver passar os romeiros! Dava o meu sangue mais por estes do que pelos fiéis! Eles são portadores do sentido cristão. Também eles queriam ver Jesus. Se dão ouvidos a mestrezinhos, é que não têm quem lhes fale do Mestre. E como hão-de escutar, se não há quem pregue?

E os bons pregadores não podem ter receio de nada nem de trabalhos,

²⁷⁷ Ibidem, p. 90

²⁷⁸ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p.218

²⁷⁹ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., p. 190

²⁸⁰ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 169

nem de perseguições:

«Nem a fome nem o frio nem a nudez nem os trabalhos nem as perseguições.» nada os separa e até por amor de tudo isto mais estimam a sua missão.»²⁸¹

3.1 O testemunho de vida na generosidade e no desprendimento

Um dos aspetos que o Padre Américo refere nas suas obras é a necessidade do desprendimento. É esta atitude que promove a partir do seu próprio exemplo, já que se despojou de tudo para abraçar a pobreza à semelhança de Francisco de Assis. Mas incita igualmente outros, com exemplos quase literais do Evangelho, a seguirem esse desprendimento para poderem ajudar todos os necessitados:

«Vede as aves do céu e os lírios dos campos, que não semeando nem tecendo, têm tudo que precisam e vestem-se de gala.» É o Pai Celeste.»²⁸²

Confiante, como era, nas promessas de Jesus desejaria que todos os pregadores fossem como ele e entrassem num desprendimento total, pois quem deixar tudo encontra tudo, segundo afirma:

«Venham apóstolos que possam dizer com verdade, ousadamente, confiadamente, como naquele tempo disseram ao Mestre: «Deixámos tudo; e agora?!»²⁸³

O sucesso dos peditórios feitos enchia-o de alegria e ainda mais lhe dava razão de que eram precisos mais pregadores para que ensinassem o povo a repartir o que sobra para que nada falte aos mais pobres. Há que cumprir o mandato de Jesus:

«O ano passado foi nos cinemas; este, é nas igrejas:« ide por toda a parte; ensinai todas as gentes.» Docete.»²⁸⁴

Quem vai em missão, enviado como os discípulos de Jesus, tem de ir desprovido de todo e qualquer apego e confiando exclusivamente na Providência divina. Muitas passagens do Evangelho falam de desprendimento e de gratuidade da missão depositando total confiança naquele que cuida das plantas e dos passarinhos e muito mais cuidará de nós. Tal como Jesus o Padre Américo recomenda e, ao mesmo tempo, dá o exemplo aceitando o que lhe dão:

²⁸¹ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 116-117

²⁸² AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. VIII

²⁸³ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., pp. 117-118

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 274

«Dá de graça o que de graça recebeste.»²⁸⁵

«Regalei-me de comer morangos e cerejas e ovos moles e manteiga e de beber café e licor-tudo como vem no «comei aquilo que vos derem.» da Cartilha onde eu leio!»²⁸⁶

Por outro lado recusa-se a aceitar heranças pelo encargo que elas de futuro acarretariam e pela falta de liberdade que iriam também trazer. Ele quer viver confiado apenas na divina Providência, que nunca deixará que falte o necessário para que a *Obra da Rua* possa sobreviver:

«Heranças?... Para quê? E para quem? Se as aceitássemos, aonde havíamos de colocar a promessa divina do pão de cada dia? Ou a Palavra de Deus já não tem ouvintes na terra?: «o pão nosso de cada dia nos dai hoje.»! Tem. Tem, sim senhor. Aqui estou eu. No dia em que viermos a dar preferência às deixas, seca a fonte! Seca a fonte da Vida e vem a água choca.»²⁸⁷

Realmente terão sido oferecidas várias heranças, que ele sempre recusou, em virtude dos encargos e complicações administrativas que as mesmas iriam trazer, e também da falta de liberdade que lhe iriam proporcionar, pois que desse modo nunca poderia ser livre para denunciar certos abusos. A *Obra da Rua* não pode viver dos seus rendimentos, mas unicamente da liberalidade de Deus e dos benfeitores:

«As obras que vivem dos seus rendimentos, à maneira de qualquer burguês, estão naturalmente sujeitas às mesmas vicissitudes que eles passam: «vem a traça, vêm os ladrões.»²⁸⁸

Contas e orçamentos não eram com ele. Conforme recebia donativos assim gastava na Obra ou entregava aos pobres. Gostava mais de apresentar obra feita:

«A nossa missão não consta de orçamentos. Nós não esperamos por sapatos de defuntos; os mortos que enterrem os mortos. A Caridade é viva; ela é Vida.»²⁸⁹

É no Evangelho, frase a frase, que ele busca a inspiração para a gratuidade e o desprendimento. O verdadeiro discípulo tem de procurar as verdadeiras riquezas, que só Deus pode dar, e não se contentar com mediocridades, porque:

«Onde estiver o teu coração, aí o teu tesouro.»²⁹⁰

²⁸⁵ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p. 32

²⁸⁶ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 17

²⁸⁷ AMÉRICO, Padre – *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed., p. 165

²⁸⁸ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 14

²⁸⁹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 148

²⁹⁰ *Ibidem*, p.207

Com efeito, para o *Fundador da Casa do Gaiato*, a felicidade autêntica está na verdadeira vida, que está em Deus, e quem a quiser alcançar tem de estar disposto a perder muita coisa neste mundo:

«Quem quiser ganhar a Vida tem de perder a vida!»²⁹¹

Uma das atitudes mais promovidas pelo *Apóstolo dos rapazes* foi, sem dúvida, a da generosidade. Toda a sua vida era feita de generosidade e apelava a todos os seus ouvintes e leitores que fossem generosos. Apreciava imenso a generosidade dos que davam muito, mas sobretudo daqueles que davam pouco a quem comparava à viúva do Evangelho que por, dar deitou duas moedinhas, deitou no tesouro mais do que todos os outros, porque deu quanto tinha, deu do que lhe fazia falta. É o Evangelho aplicado à prática de quem vê e ouve. O Evangelho da generosidade é pregado em todas as ocasiões tanto nos púlpitos, como nos jornais. Tudo serve para apelar à generosidade ou salientar o valor da mesma quando alguém a pratica:

«Todas as semanas no dia e hora que mais jeito lhe dá, vai ele rua abaixo agradecendo a Deus a sorte que lhe coube e saboreando a palavra eterna: «É mais feliz quem dá.»²⁹²

Segundo o Evangelho de Jesus toda a pessoa que é generosa tem vantagem nisso. Quanto mais dá, mais recebe. Este é também o princípio que leva o Padre Américo a apelar à generosidade:

«É a principal fonte! Estas são as contas mais fáceis, mais simples e mais certas. Nunca ninguém se enganou. Não poderia enganar-se. São garantidas pela promessa divina: Date et dabitur.»²⁹³

O mais pequeno gesto de dádiva é salientado, mesmo o dos mais pobres que, por vezes, dão lições de generosidade:

«Dentro de uma carta vinham duas notas de quinhentos a dizer «para os Pobres.» Falam duas iniciais: M. F.... Confirmaram as promessas de Jesus. Eu tinha dado cinquenta e venho receber mil.»²⁹⁴

²⁹¹ Ibidem, p. 224

²⁹² AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., p. 197

²⁹³ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 57

²⁹⁴ AMÉRICO, Padre – *O Barredo*, 1.º Vol. 2.ª Ed. p. 165

O Padre Américo, no seu Evangelho fala também de sacerdotes que, como pastores, dão exemplo ao povo de grande generosidade. A este propósito lembra aos *Padres da Rua*²⁹⁵ que *o dinheiro cai do céu* e que eles são pescadores de generosidade, não já no mar, mas no mundo:

«Mas, como são da rua, é na Rua. Ruas. Travessas. Praças. Mercados.»²⁹⁶

A salvação eterna de todos está sempre presente na mente do Padre Américo e aponta a generosidade como caminho para a felicidade eterna. A sua preocupação com a ganância de uns e o desprezo consequente dos pobres, faz com que esta seja uma tónica das suas constantes pregações contra a usura, a ganância, o desperdício e apelando à generosidade como caminho de salvação:

«Dar é uma necessidade. Acumular sem jeito nem medida é uma ruína. É uma desgraça. Olhem os chamados «reis.»! Reis caducos de coisas caducas! No fim tudo é caducidade. Quantos morrem de fome e sede à porta destes supremos, tal como Lázaro na parábola de Jesus?»²⁹⁷

Este apelo à generosidade destina-se também a quem não tem fé, pois também esses precisavam da salvação. Segundo o Evangelho pregado e vivido pelo Padre Américo, cada um terá de repartir do seu pão, se quiser vir a receber o verdadeiro pão do céu:

«Se quisermos ter sempre daquele mesmo pão que o corvo depositava diariamente nas mãos do profeta, saibamos depositar agora do nosso pão no seio dos sem-fortuna.»²⁹⁸

É a conversão e o contato íntimo com Jesus, que leva os corações endurecidos a partilharem os seus bens com os pobres. E os exemplos do evangelho apontados são muitos para despertar a atenção e acordar consciência adormecidas:

«É única e simplesmente o sentir a responsabilidade de ter duas túnicas em casa e ser obrigado a dar uma ao vizinho que não tem nada, como ensinou o Precursor de Jesus Cristo no limiar do Evangelho.»²⁹⁹

²⁹⁵ «Os *Padres da Rua*, nome comum dos que servem a obra, sacerdotes seculares que, sua livre vontade e licença queiram vir dar-se to- à obra. A sua regra é Evangelho meditado e praticado na vida interior e também na revelação com o seu semelhante; mormente com os rapazes da rua. Não usam hábito. Não fazem votos. Não têm residência. Nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada. São pobres; pobres por devoção. Devem ser firmes e resistir com toda a confiança à tentação do "pecúlio" quer ele venha de dentro quer de fora. CORREIO DE COIMBRA – *O Testamento do Padre Américo*, Ano XXXV, n. 1736(26 de Julho.1956), p.1 e segs.

²⁹⁵ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 3.º Vol. 1.ª Ed., p. 161-162

²⁹⁶ Ibidem, p. 234

²⁹⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p.96

²⁹⁸ Ibidem, p. 241

²⁹⁹ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 32

Uma das atitudes fundamentais para haver generosidade é a confiança na divina Providência de Deus, ou seja dar, dar, que Deus nos retribuirá:

«Não sejas demasiado solícito do que hás-de comer e vestir.»³⁰⁰

A nossa generosidade desperta a generosidade divina e Deus dar-nos-á muito mais do que aquilo que repartirmos:

«Àquele que dá muito, muito se lhe dá.», disse o Senhor.»³⁰¹

E o Padre Américo reforça esta ideia dizendo que, ao darmos, não damos nada que seja nosso:

«Afinal de contas, dás do que é d'Ele (todas as coisas são Minhas") e recebes multiplicado!»³⁰²

As citações do Evangelho são sempre oportunas e adequadas. Basta deparar-se uma situação qualquer, e logo sabe encontrar a passagem mais ajustada para transmitir aquela verdade que quer transmitir. Nisto ele é mestre. Quando refere a generosidade de algumas mulheres que, apesar de viverem com muita dificuldade, também querem ajudar, um dos exemplos, que cita com frequência é o caso da oferta da viúva pobre do Evangelho:

«Vês la no fundo aquela mulher a deitar dinheiro na caixa?...Pois ninguém deu tanto como ela!»E os discípulos não compreenderam como podia lançar tanto, quem tão pouco tinha dado.»³⁰³

A generosidade passa também pelo desprendimento e pelo exemplo. Se alguém não tem roupa tem que se ajudar a cobrir:

«Não queiras duas túnicas.»³⁰⁴

O apelo ao testemunho de vida e à generosidade é frequente na sua pregação e nos seus escritos. Um dos exemplos que refere com algum relevo é a visita aos doentes. Sendo visitante assíduo dos doentes colhia e transmitia deles todas as lições de

³⁰⁰ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 210

³⁰² AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 122

³⁰³ Ibidem, p. 205

³⁰⁴ Ibidem, p. 236

generosidade, de partilha, de resignação, de paciência, de justiça, etc. O modelo de Jesus está sempre presente nos seus ensinamentos e nos seus escritos:

«É necessário pregar com obras realizadas a missão social da Igreja. Quem mais social do que Jesus Nazareno? Não era Ele o Homem das multidões? Dos caminhos? Dos doentes e dos aleijados? Ele dava de comer e aceitava de comer. Era convidado e comparecia. O que não seria o festim de Betânia com Lázaro ressuscitado?! E outros e outros e outros.»³⁰⁵

A visita ao doente é uma maneira de tocar Jesus e ver a Deus e até de O adorar, conforme refere. Muitos desperdiçam este modo de se aproximar de Jesus e acreditar n'Ele:

«Tantas feridas de doentes que podias tocar hoje, com as tuas próprias mãos, como quis fazer outrora às de Cristo Ressuscitado o apóstolo incrédulo! Então, sim, que dirias também ao pé deles, convencido, rendido: - Dominus meus et Deus meus!»³⁰⁶

A vida dos doentes é uma vida de heroicidade e de testemunho do dever cumprido. Os exemplos do Evangelho ajudam Padre Américo nas suas meditações e acção. E são essas meditações que ele propõe aos seus ouvintes:

«Quantas vezes não temos nós ouvido, da boca dos próprios doentes, atos de heroísmo verdadeiro que eles praticam sem dar fé disso, na simplicidade de quem cumpre um dever e nada mais, tal qual o moço do Evangelho que, no fim do trabalho do dia, se cinge para servir seu amo, tendo-se na conta de servo inútil.»³⁰⁷

As crianças abandonadas, os doentes e os pobres são como uma pérola preciosa. Devem ser os primeiros a ser procurados e servidos à nossa mesa. Já que esses não podem retribuir será o Pai Celeste a retribuir-nos:

«Os colonos são todos da classe que Jesus manda convidar e sentar à nossa mesa – fracos, doentes, pobres, aleijados—porque não podem pagar da mesma sorte; «e o vosso Pai Celeste que vê tudo, retribuirá.» E que retribuição! A Pérola preciosa que o mundo ateima em não procurar.»³⁰⁸

A apresentação do Evangelho é assim feita de uma maneira prática com citações adaptadas na maior parte dos casos e, raramente literais. Tudo serve para acordar consciências e mover acções a favor dos pobres e dos doentes. Tomando o corpo humano como exemplo, e imitando S. Paulo, o Padre Américo salienta a necessidade

³⁰⁵ AMÉRICO, Padre – *De como eu fui... Crónicas de viagem*, p. 155

³⁰⁶ AMÉRICO, Padre, – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed., p. 268

³⁰⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed., p.299

³⁰⁸ *Ibidem*, p. 327

de se cuidar dos mais expostos ao sofrimento, pois são eles também os que precisam de mais cuidado por serem mais desfavorecidos:

«Tal como no corpo humano, os membros mais doridos são os mais acautelados, assim nós, na grande família humana que é o Corpo Místico de Jesus, acautelamos os membros mais fracos, os mais doentes, os mais expostos.»³⁰⁹

Entre os pobres são as crianças merecem um carinho muito especial na vida e ação do *Fundador da Obra da Rua*, já que toda a sua vida foi dedicada a elas. A única razão de tantos louvores que o mundo dá ao bem que se lhes faz é esta verdade:

«É da boca das criancinhas que sai o verdadeiro louvor a Deus.»³¹⁰

A mesma mensagem de Jesus aparece um pouco alterada, por certo intencionalmente, na obra do Padre Américo. O louvor perfeito a Deus não é feito apenas pela boca das crianças,mas também pelas suas acções:

«Da boca e das acções da Criança sai o louvor perfeito!»³¹¹

As crianças que o *Fundador da Obra da Rua* acolhe não são simplesmente as que são simplesmente as pobres, mas sim aquelas que se encontram em risco de se perderem nos caminhos do roubo, do álcool ou outros. Muitas dessas crianças são já filhas de lares desfeitos, alguns deles com os pais na prisão e tem compaixão de cada um porque, segundo diz:

«De muitas maneiras se furtam, homens ao banco dos réus, mas a primeira, a essencial, é amá-los.»³¹²

Compreende e aceita todos os que vagueiam pelas ruas como enxames roubando aqui e acolá, para comerem alguma coisa e que aceitam gorjetas por pequenos serviços, porém rejeita outros, cujos pais até gostariam de pagar bem para que ele os recebesse. A razão da sua recusa por tal negócio, é por estar plenamente decidido a abraçar a causa das crianças em risco:

«A indigência não constitui título bastante para ser admitida nas *Casas do Gaiato*. Só a Miséria tem aqui lugar. O rapaz sujo, repelente, viciado, que tem

³⁰⁹ AMÉRICO, Padre - *Notas da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 224

³¹⁰ AMÉRICO, Padre - *Pão dos Pobres*, 2.º Vol. 5.ª Ed., p. 33-34

³¹¹ AMÉRICO, Padre - *Pão dos Pobres*, 4.º Vol. 1.ª Ed., p. 38

³¹² AMÉRICO, Padre - *Viagens*, 2.ª Ed., p. 78

de ser rapado, ensaboado, roupa queimada, antes de subir os degraus do nosso santuário de almas. Só esses. A Obra é para eles.»³¹³

São estes que mais tocam o coração do Padre Américo e ele, andando também pela rua, vai tentando seduzi-los de diversas maneiras para os colocar no bom caminho. Tenta imitar Jesus em tudo repetindo mesmo as frases do próprio Jesus: *Deixai vir a Mim as crianças*³¹⁴. As crianças estavam no centro das suas atenções:

«É fonte de evangelizar, sinal de verdadeira Religião. Haec est vera religio.»³¹⁵

Para educar a criança para os verdadeiros valores estabeleceu princípios dos quais não abdicava. Um deles é o de não aceitarem dinheiro de ninguém e, quando o aceitam, deverão entregá-lo integralmente para a casa.

Neste aspeto esperava sempre que a criança fosse fiel quando entregasse a importância recebida. O Evangelho estava sempre presente na sua pedagogia:

«Vejam lá, meus filhos, como é preciso ser fiel nas coisas pequenas, para não cairmos mais tarde nas grandes!»³¹⁶

Por vezes sujeitava-se a sofrer com as faltas dos rapazes sobretudo quando iam vender o jornal, mas tudo servia para a correção oportuna que, de um modo geral, era feita com o Evangelho por fundo:

«Sim. O «Cête.» fez tolice. Muitos dos vendedores as fazem. Não é para que as façam, já se vê, que nós os pomos a vender. É, sim, para que aprendam a ser fiéis nas coisas pequenas.»³¹⁷

Essa fidelidade era também posta à prova quando os visitantes apareciam na casa e, por vezes, ofereciam algo aos rapazes, mas estes escusavam-se dizendo *eu não posso aceitar*. E, se eram contrangidos a aceitar, logo se apressavam a entregar para a Obra tudo o que tinham recebido. Era o Evangelho vivido no quotidiano das coisas pequenas.

Esta fidelidade era, para o Padre Américo, o sinal de que lhe poderia mais tarde confiar responsabilidades maiores:

³¹³ AMÉRICO, Padre – *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed., p. 22

³¹⁴ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p. 112

³¹⁵ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed. p. 92

³¹⁶ AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p. 38

³¹⁷ AMÉRICO, Padre – *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed., p. 131

- «Como podemos nós colocá-lo em coisas grandes se ele não tem sido fiel nas pequeninas?!»³¹⁸

As gorjetas são sempre uma tentação, sobretudo para quem vem da rua. O Padre Américo estava muito atento a esse perigo de contágio, temendo que daí adviessem males maiores atendendo à simplicidade e à generosidade da criança. O Evangelho estava sempre presente. Em qualquer ocasião, que viesse a propósito, apontava do Evangelho um exemplo da generosidade, como neste assunto:

«A gorjeta é um apagador de generosidades. Toda a criança gosta naturalmente de ser útil, de servir. Quem é que deu a matéria da multiplicação dos pães? Uma criança. «Estava um rapaz(puer) com cinco pães de cevada.» Sim, gosta de servir!; mas a gente apaga aquele nobreza com o triste «toma lá para ti.» Ora não é assim.»³¹⁹

4. Males condenados à luz da Bíblia

4. 1. A ganância e a exploração dos mais pobres

A cegueira do dinheiro leva alguns a deixarem de adorar a Deus para adorarem o dinheiro e não escolhem meios para alcançá-lo. Tudo serve:

«É o deus milhão a reinar. É o delírio das riquezas. Engano, lhes chama o Evangelho.»³²⁰.

A todos aqueles que se deixam “cegar” pela loucura das riquezas ele aponta o caminho do céu, pois lá haverá uma verdadeira riqueza e mais segura. A condenação da ganância, pelo *Fundador da Obra da Rua*, está presente quando alguns pensam muito em amealhar riquezas na terra, desprezando os mais pobres e não se procurando as verdadeiras riquezas no céu.

«Não queirais entesostrar riquezas na terra, onde chega a a traça e a ferrugem e os os ladrões.»³²¹(Mc 6,19)

Uma das coisas que o Padre Américo mais condena é a ganância de alguns que provoca a miséria de outros. Então vai buscar ao Evangelho exemplos que ajudem a pensar e a tomar decisões para comportamentos diferentes:

«Porque é que os ricos de agora não hão-de dizer: Mestre vou dar metade da minha fortuna aos Pobres.» como disse Zaqueu, «naquele tempo.», e fê-lo. Sim, deu. Hoje, tiram!»³²²

³¹⁸ AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 1.º Vol. 3.ª Ed., p. 126

³¹⁹ AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p. 60

³²⁰ AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 2.º Vol. 2.ª Ed., p. 35

³²¹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p. 46

A parábola do rico avarento e do pobre Lázaro espelha bem as desigualdade e o fosso enorme entre ricos e pobres. O *Fundador da Obra da Rua* apresenta muitas vezes esta passagem ao condenar a avareza e a ganância de alguns que preferem viver na abundância e verem os irmãos a morrer à fome do que escutar o apelo do Evangelho que manda repartir. Todas aquelas pessoas, para quem a religião é apenas uma maneira de mostrar o seu amor a Deus através de umas quantas práticas religiosas, mesmo que seja com capela privada, sem se recordarem de que nunca haverá verdadeiro amor a Deus se não houver amor ao próximo, o Padre Américo lamenta que essas portas se lhe fechem quando pede para os pobres:

«Temos feito atos de confiança no nosso Bom Deus; e temos olhado, com infinita amargura, as portas ricas que nos têm despedido, algumas com capela dentro de casa e lâmpada acesa ao Santíssimo Sacramento, como se o primeiro mandamento fosse o amor de Deus somente! Isso era dantes, nos mestres da Lei antiga. Hoje, o Mestre ensina diferentemente; a pontos de os apóstolos poderem ter dito ao mundo que todo aquele que diz amar a Deus e não ama igualmente o Próximo, esse mente.»³²³

A condenação vai igualmente para todos aqueles que se esgotam uma vida inteira para serem mais ricos sem se lembrarem que ninguém tem a vida nas mãos. Aconselha, por isso, a que se pratique a misericórdia para que as portas do céu se abram à hora da morte:

«...porque a esmola dada por amor de Deus também é Sacramento!
Aquele homem rico da fábula que mandou fazer uma casa forte para guardar os seus cabedais, com porta falsa só dele conhecida, um dia entra a dar balanço, gozar os seus dinheiros, lançar programas de vida, epulare; e vai, a porta fecha-se de repente! Quid prodest? Para que presta o dinheiro? Morreu tisonado ao pé dele!»³²⁴

E porque a exploração dos pobres, a ganância e o amontoar de riqueza é contra o direito dos pobres o Padre Américo denuncia a situação com o Evangelho:

«Amontoar é contra o Evangelho. Se houver falência na civilização cristã, é porque os cristãos têm medo do Evangelho. Nós não damos contas, mas temo-las exatas e podemos mostrar. Milhares. Muitos milhares de contos têm marchado e marcham à nossa frente sem fazer poeira nem ganhar verdete. Fazem pão! É a Pobreza. É preciso pregar ao mundo a pobreza com a Pobreza. Não basta contar a história de Jesus-Infante nas palhas. O Evangelho não tem histórias nem é

³²² AMÉRICO, Padre – *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed., p. 21

³²³ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p. 230

³²⁴ *Ibidem*, p. 129

uma história. O Verbo de Deus é e disse. Disse a Vida. É a Vida.»³²⁵

A condenação dessa atitude de *amontoar* é frequente na sua atuação. Ele não se cansa de repetir, aos que vivem uma vida abastada acumulando fortunas, a necessidade de partilhar e não amontoar pensando mais nos que nada têm. Riquezas amontoadas apodrecem com o seu dono:

«Guardar, arrecadar – a máxima preocupação dos que vivem das suas rendas. Dinheiros inútilmente amontoados, a apodrecer nas gavetas das arcas velhas e nas caixas fortes de Bancos; e ali têm todo o seu coração, porque também lá se encontra todo o seu tesouro.»³²⁶

As citações do Evangelho ou de outras partes da Bíblia são livres, na sua maioria, mas por vezes como resumo faz uma citação quase literal daquilo que quer transmitir:

«Os vestidos dos ricos serão comidos da traça! S. Tiago.»³²⁷

A exploração e o desprezo dos pobres são na maioria dos casos acompanhados por atitudes de ganância. Quem quer ter uma grande fortuna não olha a meios para a alcançar e um deles é exatamente a exploração dos mais pobres, mas também o esquecimento dos valores da humanidade, da dignidade, da verdade e da eternidade. Deus deixa de contar porque o deus é o dinheiro. Segundo o seu pensamento a ganância dos que exploravam os mais pobres levava-os a exagerarem na procura de bens do mundo e a desleixarem a sua salvação eterna:

«De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se no fim de tudo perde a sua alma?!»³²⁸

Sobre este assunto aconselha a que ninguém seja agarrado aos bens do mundo, que são perecíveis, mas que procurem repartir os seus bens pelos pobres para terem quem os receba na glória eterna:

«Quão poucos são os que fazem no mundo, com os seus haveres, amigos íntimos e verdadeiros que os recebam amanhã de braços abertos às portas da Eternidade!»³²⁹

³²⁵ AMÉRICO, Padre – *Notas da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 152

³²⁶ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed., p. 224

³²⁷ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª ed., p. 272. Cf. Tg 5,2 - «As vossas riquezas estão podres e as vossas vestes comidas pela traça.»

³²⁸ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 1.º Vol. 2.ª Ed., p. 210

³²⁹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p.202

Porque muitos não entendem assim, não se cansa de apresentar o evangelho incarnado por Jesus, verdadeiro exemplo de pobreza e de humildade. E diz também que:

«É ainda o Natal de Jesus a grande Lição divina escrita na pousada de Belém que, gostosamente, voluntariamente, escolheu a Pobreza para ensinar aos homens, pelo Seu Exemplo, que há no mundo outras riquezas mais altas e mais rendosa do que o desejo de amontoar de possuir: é renunciar a elas.»³³⁰

4. 2 A pobreza, a exclusão social e o alcoolismo

O *Fundador da Obra da Rua* era muito sensível à opressão dos pobres, das crianças e das viúvas e condena asperamente todos os atentados à dignidade destes grupos mais desfavorecidos. Usando passagens da Bíblia recorda a doutrina sempre nova e sempre eterna:

«A Igreja ensina ser um pecado que brada aos Céus a opressão dos órfãos e das Viúvas Pobres; os Apóstolos que ouviram em primeira mão, as palavras do Mestre diziam a toda a gente que não é religioso quem não cuida daqueles e destas; e o maior de todos, Paulo de Tarso declara ser mais feliz a viúva que assim permanecer, tal o respeito e a dignidade que nós lhe devemos.»³³¹

Perante tanta miséria, que via à sua volta, e sobretudo nas grandes cidades de Coimbra, Porto e Lisboa, sentiu um apelo forte à defesa da dignidade humana de tantas famílias, que se debatiam em extrema pobreza.

Porém, tão grande obra, tinha de ter grandes apoios, que foi encontrar em Deus. Ele próprio refere frequentemente, na sua atuação, que a *Obra da Rua é Obra de Deus*. Efetivamente, como seria possível levar por diante uma obra de tão grande envergadura, que ultrapassasse tantos obstáculos e que, do nada, fez tudo? Só Deus poderia assegurar a tranquilidade de tão grande nau no meio de tanta tormenta.

O Padre Américo é um homem dedicado primeiro e totalmente a Deus. Ele é alguém enviado ao serviço do projeto de Deus e com a força de Deus para segui-Lo mais de perto no Seu projeto de salvação dos mais pobres. Ele próprio poderia dizer de si mesmo como o profeta:

«Quando ainda estava no ventre materno, o Senhor chamou-me, quando ainda estava no seio da minha mãe, pronunciou o meu nome. Fez da minha palavra uma espada afiada, escondeu-me na concha da sua mão. Fez da minha mensagem uma seta penetrante, guardou-me na sua aljava.» (Is 49,1-2)

³³⁰ Ibidem, p. 281

³³¹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p. 286

Podemos considerar que o Padre Américo, desde que decidiu a sua consagração total a Jesus e à *Obra da Rua*, se tornou um verdadeiro imitador de Jesus. Grande apaixonado por determinados personagens, como S. Francisco de Assis, S. Francisco Xavier, S. Vicente de Paulo, S. João Bosco e o Padre Joseph Edward Flanagan, alguns dos quais já canonizados, tinha uma profunda admiração por estes não só como imitadores de Jesus, como também como Apóstolos das crianças abandonadas.

Naquele tempo muitas crianças vagueavam pelas ruas e as mulheres eram exploradas, abandonadas, vítimas de machismo, violência doméstica e mesmo discriminação no trabalho. Algumas eram mães de muitos filhos e não tinham que lhes dar de comer, outras eram mães solteiras, abandonadas pelos seus companheiros. O alcoolismo e a violência conviviam muitas vezes com a maternidade e algumas eram mães em condições muito difíceis. O Padre Américo valorizava imenso a maternidade e apoiava essas mães:

«...fica de pé que toda a mulher que gera filhos traz um destino no ventre. O Impenetrável—doçura dos crentes!»³³²

O *Fundador da Obra da Rua* foi sempre grande defensor do vínculo matrimonial e da família estável para que os pais possam criar os filhos em harmonia e acompanha todas as situações de mães solteiras ou mulheres abandonadas pelos maridos, adoptando a atitude de Jesus, condenado os transgressores e o pecado, mas absolvendo a pecadora.

A atitude desses homens que abandonam os filhos à fome é duramente censurada e recordado o julgamento divino:

«Quanto ao pai da criança, «terrível coisa é cair nas mãos de Deus vivo.»!-verdade eterna.»³³³

O Evangelho e as palavras do Mestre são para o Padre Américo uma regra de conduta para a vida. Mas também algumas atitudes dos Apóstolos são citadas aplicando-as a si próprio. Deste modo, considerando-se abençoado por Deus acha-se indigno de tantas maravilhas que presencia e gosta de repetir:

«Quanto a mim, à vista dos prodígios inenarráveis que Deus vem operando no meio deste povo, eu quedo assombrado e procuro viver e

³³² AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.ª Ed., p.105

³³³ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 86

compreender as palavras do Príncipe dos Apóstolos: «Retira-te de mim, Mestre, que sou um homem pecador.»³³⁴

4.3 A exploração das mulheres

Todos quantos entram num caminho de pecado refletem já uma imagem distorcida de Deus, que não corresponde de modo nenhum ao Seu Criador. O Padre Américo, tal como Jesus, sempre condena o pecado, mas nunca o pecador. Não tolera os maridos que abandonam as mulheres e os filhos, bem como as mães que abandonam os próprios filhos. Condena situações de intolerância com as prostitutas e esposas abandonadas, compadecendo-se de todas à imitação de Jesus.

A ternura de Jesus torna-se visível na acção do Padre Américo, quando ele, em vez de condenar as mulheres que cometem adultério, condena os homens que abusam delas:

«Enquanto regresso à estrada, oiço o povo dizer-me:

“Tire-nos daqui aquela mulher”. São - de Moisés. A lei manda apedrejar. Mas eu sou de Cristo. Calei-me- Enquanto me dirijo ao Morris, vou conferenciando no meu coração. Retirar dali a mulher, sim! E que fazer ao pai dos filhos que ela tem?!...

São de Moisés. A lei manda apedrejar, na verdade. Mas eu sou de Cristo! Não respondo. Prossigo.»³³⁵

Uma das virtudes que o Padre Américo gosta de salientar era o zelo de todas as mães pelo bem estar dos seus filhos. Mesmo as que andam num caminho de pecado não descuram a atenção aos filhos e, quantas vezes, se prostituem para ter que dar de comer aos filhos. Segundo ele repete muitas vezes, os culpados não foram elas, mas quem as fez chegar a esse estado de degradação. Como defensor da dignidade humana, e apesar de não aprovar o pecado, ele sempre defende estas mulheres que, muitas vezes eram escoraçadas pelos vizinhos.

O Padre Américo revela atitudes muito condenatórias dos abusadores dos pobres, das crianças e das mulheres que, uma vez engravidadas são deixadas à sua triste sorte de solidão e miséria. Por outro lado mostra a sua compreensão a acarinha todas as *enganadas* para que possam ter uma vida digna com os seus filhos:

«Sempre que topo nas ruas de Coimbra Mães com filhos à minha guarda, passo por elas em continência - de respeito, se laboriosas; de compaixão, se prostituídas. A minha missão não é apedrejar; que o faça quem não tiver

³³⁴ AMÉRICO, Padre – *Viagens*, 2.ª Ed. p. 281

³³⁵ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 3.º Vol. 1.ª Ed. p.157

culpas.»³³⁶

Também o episódio da samaritana é frequentemente citado a propósito da vida de pecado daquela mulher, da água viva que procurava e do apostolado que fez em seguida. Aqui temos uma referência quase indiscreta, onde o facto é referido:

«Era do lupanar esta mulher. Falou duma vez comigo, à beira do poço de Jacob...Foi miserável, hoje é pobre.»³³⁷

Quantas vezes essas mulheres pecadoras dão extraordinários exemplos de caridade e o Padre Américo gosta de os referir sem nunca aprovar o pecado em que vivem ou viveram:

«Muito há-de o nosso Bom Deus perdoar a quem tanto sabe amar!»³³⁸

4.4 A prostituição. A vida de pecado e a necessidade de mudança de vida

A condenação do pecado aparece referida praticamente em todas as suas obras.

Um dos aspetos de pecado que mais condena são os desregramentos da vida sexual como a prostituição. No fim de contas todas essas que se dedicam a uma vida de pecado ainda não puderam nem souberam saborear a autêntica fonte da felicidade preferindo beber em outras fontes:

«Ele não deixa apedrejar a adúltera, apontada por toda a gente; finge ter sede e pede água à Samaritana para no fim lhe dar de beber, a ela, pecadora; e, quando Maria de Magdala sai de casa, curiosa, a ouvir o Sermão da Montanha, é sobre ela, fitando-a, que Ele deixa cair os olhos, ao dizer «bem-aventurados os limpos de coração.»!...

O enxoval foi ainda ocasião de largo cavaco a sós, sentados à beirinha do poço de Jacob: «Acredita-Me mulher.» Quem sabe? Talvez ela, a pecadora, cansada de enfeites e desenganos, não queira mais beber água dos poços e prefira doravante aquela Água Viva que o Mestre oferece às almas de boa vontade, na Graça dos Sacramentos.»³³⁹

Sempre na esperança de recuperação da dignidade da mulher, mas também aos seus fracassos, sempre defendeu aqueles que eram condenados na praça pública colocando-se muitas vezes do lado da vítima.

O Padre Américo é um apóstolo de esperança. Acredita na recuperação da

³³⁶ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 3.ª Ed., p. 95

³³⁷ *Ibidem*, p.112

³³⁸ AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.º Vol. 1.ª Ed., p. 64

³³⁹ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.º Vol. 5.ª Ed., p. 252

mulher pecadora, como acredita na recuperação das crianças da rua, como acredita na recuperação de pessoas sem orientação na vida. O maior criminoso não está perdido se alguém lhe der a mão. O Evangelho tem exemplos de grandes pecadores que vieram a arrepender-se e até a servirem Jesus. Basta estarem atentos ao apelo de Deus e tudo pode mudar:

«Já é hora de te levatares do sono e caminhares honestamente.»³⁴⁰. S. Paulo

Nas várias situações de pecado o Padre Américo aponta o Evangelho como caminho de conversão. As situações mais apontadas são as das mulheres prostitutas, dos homens e mulheres que abandonam as crianças à sua sorte, da exploração e esquecimento dos pobres pelos ricos, etc. Para cada situação aponta muitas vezes o Evangelho à letra:

«Quantos, amortecidos pelo pecado, não tentam despertar para a Vida, quantos?! «Eu sou a Ressurreição e a Vida!»³⁴¹

A situação da mulher adúltera é frequentemente citada:

«Como o bom Deus escuta, ajuda, santifica os Humildes do coração!
- Ninguém te condenou, mulher?
- Não, Senhor.
- Pois nem Eu. Vai e não queiras mais pecar.»³⁴²

A vida mundana de pecado traz-lhe à memória o ensinamento de S. Paulo sobre as obras da carne:

«As obras da carne são a luxúria, a desonestidade, a embriaguês, as comesainas e outras semelhantes.»³⁴³

Neste aspeto segue na linha do pensamento e acção de Jesus que, no episódio da mulher adúltera (Jo 8,3-11), desmascara toda a forma de hipocrisia, não transige com o mal e não apresenta uma forma de ingenuidade ou de cegueira perante o pecado; antes pelo contrário, a ternura de Jesus converte-se em compreensão e em perdão, mas para fazer viver de uma maneira nova os que se tinham equivocado, comprometendo-as a construir a sua própria existência na verdade e rejeitando toda a forma de falsa inocência. Ser terno, não é justificar o

³⁴⁰ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed., p. 177

³⁴¹ AMÉRICO, Padre – *De como eu fui... Crônicas de viagem*, 1.ª Ed. 1987, p. 64

³⁴² AMÉRICO, Padre – *Correspondência dos leitores*, 2.ª Ed., p. 43

³⁴³ AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.º Vol. 4.ª Ed. 1999, p. 188

pecado, mas aproximar-se do pecador com amor e firmeza, para que se redima e comece uma vida nova. A ternura torna-se estímulo, força, crédito, esperança e tem como finalidade fazer despertar o bem que está encerrado no coração de todo o ser humano. É significativo, nesta perspectiva, o diálogo de Jesus com a Samaritana (Jo 4,1-41), uma mulher que não pertencia ao povo judeu e era uma pecadora pública.³⁴⁴ Jesus não liga aos preconceitos dos discípulos e fala com a mulher revelando-lhe a novidade do Reino. Após a revelação de Jesus ela converte-se e torna-se apóstola junto dos seus conterrâneos. Foi a ternura de Jesus que a converteu.

Do mesmo modo o Padre Américo deitou abaixo alguns preconceitos conseguindo cativar e transformar pessoas, que estavam perdidas para a sociedade.

Todos os que, que se resolvem a deixar a vida de pecado ou de crime devem ser amados como Deus os ama e o seu regresso é um sinal de vida e deve ser festejado. A sua tristeza era enorme e lamentava-se profundamente quando algum rapaz fugia da Obra e voltava à vida da pedinçice ou do crime a que estava habituado. Porém quando arrependido regressava recebia-se efusivamente e era readmitido na Casa com alegria. Também neste aspeto o Padre Américo procurava cumprir à risca o Evangelho:

«Alegrai-vos que eu encontrei a moeda.», diz a mulher da parábola. As parábolas do Mestre são balas de Vida. Escondem a Vida. A Vida!»³⁴⁵

Conforme referem Franz Böckle e Gerhard Höver:

«Se, apesar de tudo, o homem, mesmo no estado de pecado, permaneceu um ser responsável, a manutenção do seu ser natural, ainda capaz de salvação na linha da possibilidade de ainda ser salvo, já significa graça de Cristo, visto que o pecado por si teria lançado o homem no estado de perdição, caso ele não tivesse sido abrangido pela misericórdia de Deus, uma vez que ocorreu na ordem de Cristo e permanece por ele abrangido.»³⁴⁶

Sem liberdade não há dignidade. Se a pessoa vive prisioneira da miséria e dos vícios não vive a sua dignidade a que tem direito.

³⁴⁴ Cf. ROCCHETA, Carlo – *Teología de la ternura*, p. 144

³⁴⁵ AMÉRICO, Padre – *Nota da Quinzena*, 1.ª Ed., p. 161

³⁴⁶ BÖCKLE, Franz e HÖVER, Gerhard – Direitos humanos/Dignidade humana. In *DICIONÁRIO de conceitos fundamentais de teologia* dirigido por Peter Eicher. São Paulo: Paulus, 1993, p. 188

Conclusão

O Evangelho está constantemente presente na vida e nos ensinamentos do Padre Américo. Além da enfermaria, da escola e das oficinas, a capela tem um lugar central e a vida espiritual dos rapazes não é descurada com a confissão, a comunhão, a reza do terço, a missa e os retiros são ponto de honra na educação para fazer de cada rapaz um homem reto, justo e verdadeiro. «Somos a Porta aberta» dizia ele, referindo-se à natureza da *Casa do Gaiato*, uma casa onde ninguém está preso, uma casa onde não há divisão nenhuma com a legenda “É proibida a entrada”. Uma casa de portas abertas, onde todos têm lugar, em especial o *Farrapão*, como lhe chamava o *Fundador da Obra da Rua*. Uma casa, onde reina o contato com o trabalho, com a natureza, com os animais, com a cozinha, com a oficina e com a *família*. A família são eles, porque muitos não a têm ou não funciona. Eles é que se orientam. Os mais novos são orientados pelos mais velhos e há o *maioral*, que é eleito por todos. O Padre assistente é confidente, orientador espiritual e sobretudo Pai, nunca se podendo esquecer que em cada *gaiato* deve ver um filho.

Os rapazes, que Pai Américo recebe na sua casa são os pobres, os abandonados e os escorraçados da vida. Estes que, «por nunca terem conhecido um verdadeiro lar, são vadios, ladrões, desconfiados... Estes carecem, para além de um internamento de tipo familiar, de especiais cuidados, traduzidos em carinho, num clima sadio e apropriado ao seu desenvolvimento integral; em especiais condições de trabalho, estudo e tempos livres; e, numa reintegração progressiva na vida social. Foi especialmente para esta categoria de crianças que o Padre Américo organizou as Casas do Gaiato».³⁴⁷ Muitos entram na *Casa do Gaiato* com uma grande tristeza no olhar. Muitos nem sabem quem são nem de onde são. São estes que Pai Américo acolhe. Ele recebe cada rapaz como filho e é nessa relação que vivem. Por isso, ri e chora com eles e por eles. «Precisamente porque a emoção do padre Américo está na relação vivida com cada rapaz, ele não tem um esquema educativo, nem normas rígidas de actuação, mas sim um quadro de referência inspirado na vida e no Evangelho. É esse quadro de referência que constitui o

³⁴⁷ DUARTE, Maria Palmira de Morais Pinto. *Somos a Porta aberta. Pedagogia do Padre Américo: métodos e vida*, 2.ª Ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1985. p. 14-15

seu método. É esse quadro preenchido pela vida que viveu com os rapazes que constitui a sua pedagogia».³⁴⁸

A Obra da Rua vive de esmolas, mas daquelas esmolas anónimas de que fala o Evangelho, daquelas que são dadas desinteressadamente. O exemplo dos pobres e das viúvas do Evangelho está sempre presente. É verdade que algumas pessoas, com filhos problemáticos, querem que o Padre Américo os acolha e oferecem-se para dar uma boa ajuda monetária para a Obra, mas ele recusa. Não quer heranças. Não quer sujeições. Não quer dependências. Quer viver livre e pobre e é essa a doutrina que transmite aos seus sucessores. *Os Padres da Rua são mendicantes.*

Não há nada na vida do Padre Américo, nem na vida da Obra que escape às malhas da Sagrada Escritura. O enlace com os acontecimentos da vida está de tal modo construído que poderemos afirmar sem sombra de dúvida que, além de estarmos diante de um grande sacerdote, pedagogo e mestre, ele próprio se tornou um autêntico imitador de Jesus não apenas no seu testemunho de vida, como até na sua pregação.

Efetivamente, tal como Jesus, sabe aproveitar todos os pormenores para doutrinar, para admoestar, para convencer, para corrigir, para ensinar. Tudo serve e o Evangelho é sempre trazido à luz para iluminar toda a realidade que envolve os acontecimentos do dia a dia daquela que foi uma das maiores obras de educação do nosso país.

O seu poder comunicativo, a sua profunda sensibilidade e afetividade tornaram-no um dos maiores comunicadores do século XX em Portugal. Tudo lhe servia para comunicar: os púlpitos nas Igrejas, os microfones nas rádios, os palcos dos teatros, os casinos, os hotéis, as praias, tudo serviu para levar a sua mensagem de preocupação pelos pobres aos quatros cantos do país e às Colónias Portuguesas de então.

Grande defensor da dignidade humana, por ela lutou com todas as suas forças para alertar a sociedade para a urgência de ser reconhecida a dignidade de algumas classes mais desfavorecidas.

Como grande educador e pedagogo deu um grande valor ao trabalho como meio de subsistência de qualquer ser humano e fez do trabalho na *Obra da Rua* uma peça fundamental na sua pedagogia. Para além disso sentia como os baixíssimos salários não ajudavam em nada a extrema pobreza em que cresciam inúmeras famílias. Da sua pedagogia ressaltam duas virtudes muito importantes que ele promoveu na educação

³⁴⁸ Ibidem, pp. 17-18

dos seus rapazes: a virtude da liberdade e a da responsabilidade. Uma e outra de mãos dadas fizeram de muitos rapazes da Obra verdadeiros homens responsáveis e trabalhadores reconhecidos nos seus lugares de trabalho.

ANEXO I

**Morreu o Padre Américo,
mas a sua obra continua³⁴⁹**

A notícia do desastre que levou o P. Américo à cama dum hospital e dali para a eternidade, encheu de consternação Portugal inteiro. Todo o país o conhecia; toda a gente admirava as suas virtudes; os pobres tinham nele um pai carinhoso, e os ricos um admirável despertador que lhes apontava a hora actual da caridade cristã.

Profundo e persistente doutrinador, e ao mesmo tempo, dotado dum realismo prático e operoso, conseguia galvanizar a sociedade portuguesa de tal forma que muitos dos seus empreendimentos se vão generalizando no país inteiro.

É difícil, é mesmo impossível, traçar em duas linhas o perfil deste homem. Mais difícil ainda mencionar todo o bem que espalhou sobre a terra.

No dia 28 do corrente (1956) faz 27 anos que, na capela da Anunciação, do Seminário de Coimbra, ele recebia, juntamente com mais dois companheiros, a ordem do presbiterado. E, este facto, recorda-me os tempos do Seminário, quando o Américo, ainda estudante, mas homem culto, viajado e experimentado, se fazia notar pela sua jovialidade, pelo zelo junto dos companheiros, pelo interesse que tomou junto dos superiores para que se introduzissem certas reformas urgentes, e pela sua piedade intensa.

São desse tempo estas palavras: «Para, mim, o dia em que eu não comungar, que os anjos do céu me levem para a comunhão eterna».

Alguns sacerdotes lhe ficaram devendo a perseverança da sua vocação; e todos que dele se abeiraram receberam o influxo benfazejo da sua palavra quente e do seu exemplo vivo.

Escreveu no Seminário, para a revista «Lume Novo», que ajudou a fundar, alguns belos artigos, nos quais se revelou um admirável artista da pena. Um deles, por sinal um belo conto, ocorreu-me agora por causa da terminação; «Accersitus ab Angelis» - chamado pelos Anjos.

Mas já antes ele escrevia. Escrevia, nas suas viagens de férias, o diário de bordo, só com esta finalidade; para depois o ler a uma rapariguinha paralítica, que lá na terra dele jazia numa cama e se deliciava com esta leitura. Já era o carinho pelos doentes e

³⁴⁹ CORREIO DE COIMBRA – *Morreu o Padre Américo*, Ano XXXV, n. 1736(26 de Julho.1956), p.1 e segs.

infelizes. O jornal «O Gaiato» foi depois o seu diário de bordo, mais ampliado e aperfeiçoado, dos vinte e sete anos da sua viagem de padre da rua, em demanda do porto - o Céu.

Começou por visitar pobres passou; depois a organizar colónias de férias para os gaiatos da baixa de Coimbra; fundou as casas do Gaiato; criou o «Património dos Pobres» e incendiou o país nas labaredas desta grande paixão: o amor pelos pobres e desgraçados.

O *Correio de Coimbra* não esquece a honra que lhe deu o Padre Américo de, nas suas colunas, publicar as suas impressões desses primeiros anos de apostolado, depois reunidos nos volumes «Pão dos Pobres».

Descalço, e vestido apenas de batina, conforme sua vontade, baixou à sepultura o Padre Américo. Mas não morreu com ele a sua obra. A sua obra é imortal. O que fez está feito para a eternidade. E os seus companheiros, os Padres da Rua, saberão continuar. E, quantos amaram o Padre Américo em vida, continuarão a amá-lo no seu exemplo e na sua obra.

Só quando não houver em Portugal uma família sem lar, um lar sem pão, ou pão sem alegria, só então, por desnecessária, deixaria de subsistir a obra do Padre Américo.

Que descanse em paz, e que lá do céu onde piamente esperamos já se encontre, continue a ser para todos os gaiatos e para todos os pobrezinhos, o Pai Américo.

N.P.

ANEXO II

O testamento do Padre Américo³⁵⁰

Os «Padres da Rua», nome comum dos que servem a obra, sacerdotes seculares que, sua livre vontade e licença queiram vir dar-se to- à obra. A sua regra é Evangelho meditado e praticado na vida interior e também na revelação com o seu semelhante; mormente com os rapazes da rua. Não usam hábito. Não fazem votos. Não têm residência. Nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada. São pobres; pobres por devoção. Devem ser firmes e resistir com toda a confiança à tentação do "pecúlio" quer ele venha de dentro quer de fora. Não se pode mentir ao Espírito Santo como outrora fizeram alguns aos pés dos Apóstolos e pereceram: pobreza heróica e dolorosa amada por amor da pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo de cuja fidelidade depende a suficiência perene das coisas necessárias à vida, quer na doença quer na velhice. Duvidar é recuar. Os «Padres da Rua» ao serviço da Obra podem naturalmente pedir ao superior e retirar dos dinheiros correntes o necessário para as legítimas necessidades; os padres vivem do altar. Mas não podem, em consciência, ter a sua bolsa. Não podem de maneira nenhuma fazer seu qualquer emolumento que porventura lhes seja pessoalmente atribuído. Não devem ser solícitos. Eles dão tudo à Obra e recebem tudo da Obra. Os «Padres da Rua» são dentro da Obra o toque espiritual das almas que lhes estão confiadas. Eles são por natureza o pai de famílias; o homem aflito queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra até o desgaste final - a morte.

Não se molestem e sofram com paciência até o fim a ingratidão aos a quem servem se a houver. É a recompensa divina; eles são servos de Deus. Por estas dores chega-se mais depressa à contemplação do «homem das dores» que levou a vida mortal a servir. Assim como ele também os «Padres da Rua». Lembrem-se e compreendam: o «objecto principal e total» da Obra do Rapaz ao qual de maneira nenhuma podem sobrepor questões de ordem secundária; eles são da Obra por amor do rapaz. Em casos muito graves, e depois de consultar o superior, pode dar-se a transferência, mas nunca a expulsão; os pais de família não mandam embora os seus filhos. De resto a experiência

³⁵⁰ CORREIO DE COIMBRA – *O Testamento do Padre Américo*, Ano XXXV, n. 1736(26 de Julho.1956), p.1 e segs.

ensina que o rapaz da rua se elimina por si mesmo quando lhe falta a capacidade moral de suportar o clima da Obra.

A «Obra da Rua» é o amparo da criança abandonada. Ela prefere os mais repelentes. Os mais difíceis. A Obra nasceu com este espírito e assim tem de continuar para ser, através dos tempos uma palavra nova. Que ninguém jamais a deturpe. No dia em que por desgraça se viesse a receber a criança com dote por uma que não tem; se viesse a tomar a criança bem comportada por uma que não é- nesse dia entrava a maldição de Deus que fez a obra. Era a sua decadência. O padrão da Obra é a família: vida familiar. Eis a escola natural da sólida formação do homem Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão. Não há sistemas. Não há regras . Não há estatuto. Há intuição. O uso de castigos corporais aonde não possa ser totalmente banido, seja escrupulosamente aplicado; vale mais a palavra, amiga, conveniente e oportuna. A justiça é a primeira arma, de combate aos vícios; às quedas e más inclinações dos rapazes. Ela persuade, encoraja, dá brio; é irmã gémea do decálogo. Por isso o que preside tem de se munir desta arma para todos os casos ainda os mais insignificantes, sabendo que quanto mais tenra for a idade, mais vivo é na criança o sentimento da Justiça. A vida religiosa nas nossas comunidades seja o centro. As grandes aflições dos «Padres da Rua» têm aqui a sua origem: vale mais a alma do que o corpo.

Por ela, pela alma dos rapazes sangram, os padres até o fim. A nossa capela. A missa dominical. A prática das orações quotidianas. Os sacramentos: pôr-lhes a mesa. e chamá--los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir, Chorar os nossos pecados. Cuide-se de fomentar na alma dos rapazes o amor aos pobres, como complemento necessário da educação religiosa; para tal seja distribuída' pela mão deles parte das esmolas que os fiéis dão. Como já acontece nas casas existentes, noutras que porventura venham a erguer-se, dê-se aos rapazes a iniciativa total desta santa e doce tarefa, por amor de Deus; estão aqui os alicerces seguros uma obra cristã. A vida deve seguir a par. A um dia de trabalho corresponde uma noite tranquila e sã.

Cada rapaz tem a sua obrigação e seja chamado por ela. Que nunca se ocupe um estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brio, a iniciativa, a personalidade – tudo procede daquela fórmula. É a nossa divisa: Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes. O trabalho deles por mão deles, querido por eles é ainda a extinção lenta e sadia de defeitos morais que nos afligem.

A tendência da Obra é que sejam os rapazes os seus próprios continuadores; por isso mesmo escolhem-se entre eles os mais habilitados e dê-se-lhes preparação. Os «Padres da Rua» não devem ter funções administrativas. É melhor que os trabalhos agrícolas, as indústrias e mais actividades sejam dirigidas e exploradas por rapazes idóneos segundo a escolha do superior a quem devem prestar contas e dar todos os esclarecimentos. Dê-se ao rapaz o sabor de comer o pão em nossas casas com o suor do seu rosto. Chame-se cada um a esta responsabilidade e não se lhe falte com o salário justo. O fundamento da «Obra da Rua» é a sua pobreza.

Os «Padres da Rua» são mendicantes; padres pobres ao serviço duma obra pobre. Sempre que for necessário saiam a mendigar de porta em porta e recebam por amor de Deus tanto o sim como o não.

Também, com licença dos Bispos, vão pelas igrejas e apresentam-se ousadamente como padres «sem ouro nem prata»; sabendo que a eficácia da palavra: que faz estremecer as almas provém não deles mas sim da total concordância entre o que dizem e o que realmente são. É proibido aceitar heranças por testamento. Não se deixem levar pelo falso raciocínio de que tendo mais podem fazer melhor no caso de uma herança. Não é verdade. É a carne a falar. Rejeite-se aquele pensamento por um acto de fé na vida e nas promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sabemos que pelas riquezas viria naturalmente a cobiça; e por esta intromissão acabariam na obra os «pelicanos» e atrairiam os administradores dos bens em detrimento do bem do rapaz. É a traça.

As casas fundadas do tempo deste meu testamento e outras que porventura se venham a formar devem gozar duma racional independência e quanto possível bastarem-se. Porém, jamais a multiplicação ó venha nunca a prejudicar a sua unidade».

ANEXO III

CANTINHO DA AÇÃO SOCIAL³⁵¹

O Padre Américo morreu.

Criador dum novo estilo de «franciscanismo» à século XX, a sua vida foi um pregão e uma censura ao nosso tempo, por isso a sua lembrança não se apagará como as coisas caducas.

Ele está vivo na alma da sua obra, na clareza da sua doutrina deixada em farrapos, nas consciências, nos livros e nos jornais. Nem o funeral do Padre Américo foi um funeral. Aquilo era uma apoteose de flores, lágrimas, crianças pobres. O Porto, admirável terra! Desfilou num imenso cortejo durante todo o dia e toda a noite perante a urna simples do Padre Américo não como quem sente a morte, mas apenas a saudade duma ausência. Tantos e tantos rezavam e pediam. O Padre Américo terá de continuar a fazer esmolas aos pobres, aos ricos, aos aflitos, aos enfermos, aos rapazes, aos seus inúmeros colegas no sacerdócio que ali estiveram um dia a aprender mais e pedir também.

Dotou-o Deus duma alma de pioneiro.

Chamaram-lhe «o poeta da Caridade», por se alhear de realidades, de organizações mais ou menos legais, mais ou menos seguras. Incomodou muitos responsáveis na governação do Estado ou da Igreja por irreverência de apaixonado, por um certo misticismo profético de que rodeava as suas palavras e obras.

«A nós não nos compete regulamentar, dizia. Atear o fogo é que é preciso. Haverá quem discipline».

No campo da ação social o Padre Américo ateou o fogo e muitos já hoje se queimam nas suas labaredas. O fogo chegou aos mais longínquos rincões da nossa terra, aos mais empedernidos espíritos de egoísmo, aos descrentes, aos governantes, a todos.

Além das iniciativas valiosas directamente realizadas pelo Padre Américo, muitas outras lhe devem a inspiração e o segredo do seu êxito, senão mesmo real apoio.

O que impressiona na grandiosa arquitectura do pensamento do fundador da Obra da Rua e do Património dos Pobres é a sua universalidade.

³⁵¹ CORREIO DE COIMBRA – *Cantinho da Ação Social*, Ano XXXV, n. 1736(26 de Julho.1956), p.1 e segs

Tudo o que é português e cristão e humano e Divino está integrado de algum modo nas suas realizações e no seu espírito.

Todas as formas de ação social realizadas nos últimos anos beneficiaram algo da revolução benéfica deste pobre que quis ser o Padre Américo.

Também o clero e a Igreja o contam com regozijo no número dos seus mais elevados membros que soube encontrar Deus no próximo e elevar tantos até Deus.

P. João Evangelista

ANEXO IV

O Segredo de uma vida³⁵²**(Documentos para a Biografia do Padre Américo)**

Portugal inteiro - e é Portugal onde quer que exista um coração português comoveu-se com a inesperada e trágica morte do Padre Américo. Decerto que nunca entre nós se derramaram tantas lágrimas por um morto.

O seu funeral foi romagem de dor e saudade e ao mesmo tempo cortejo apoteótico de triunfo. É que os santos começam a viver precisamente no dia da sua morte. E por isso a saudade que na terra deixam parece casar-se com a alegria que no céu provocam. As manifestações de pesar e as comemorações de simpatia sucedem-se ininterruptamente, desde os grandes centros e instituições aos mais modestos aglomerados e associações.

É justo que assim seja, pois o Padre Américo, porque era de Deus - Pai de todos – é de todos nós.

Mas em muitos discursos e artigos de jornais, que lhe têm sido consagrados, surge-nos um Padre Américo diminuído, mutilado. Pretendem, consciente ou inconscientemente, fazer dele um simples homem bom, sem qualquer ligação com o sobrenatural.

Procedendo assim, não podem dar-nos o verdadeiro retrato do Padre Américo - o Padre Américo total.

O segredo da vida dum homem rico e viajado, que aos quarenta anos se consagra a uma obra excelsa e a realiza tão estupidamente, está na sua conversão, absoluta e sem reservas, a Deus, através do sacerdócio; está na sua fidelidade inalterável aos compromissos divinos e humanos da ordenação sacerdotal; está sua união íntima e constante com a Hierarquia, no seu timbre de soldado disciplinado. Poderia aparecer, aos olhos de observadores superficiais ou acintosamente vesgos, um franco atirador, à margem dos quadros eclesiásticos. No entanto, a sua inteira submissão ao seu Prelado, de quem recebia mandato e estímulo, era para ele o sinal infalível de que trilhava o recto caminho. No próprio dia do desastre que o vitimou, estivera ele em Coimbra a submeter ao Ex.mo Prelado da Diocese problemas relacionados com a Obra da Rua e a pedir-lhe

³⁵² CORREIO DE COIMBRA – *O segredo de uma vida*, Ano XXXV, n. 1737(2 de Agosto. 1956), p.1 e segs.

orientações. O documento que, com a devida autorização do Ex.mo Prelado de Coimbra, transcrevemos a seguir e foi escrito pelo Padre Américo pouco antes da sua ordenação, encontrando-se arquivado na Cúria Diocesana, aponta-nos a chave de toda a sua vida, que tinha algo de misterioso; porque mergulhada na graça e esta é um dos mistérios do Cristianismo.

Ei-lo em toda a sua eloquente simplicidade:

Seminário de Coimbra

Junho de 1928

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Conde³⁵³.

Como no fim do 3.º ano, segundo o promessa do meu V. Reitor hei-de receber Ordens de Presbítero, segue-se que nas ordenações do fim do corrente tomarei Subdiácono; e sendo meu desejo jurar então nas mãos do Prelado voto de pobreza e obediência, rogo a V. Ex^a Rev. ma o grande favor de ser dispensado, do Património.

Tenho esperado com tanta ansiedade e confiança a suprema graça que agora reverentemente imploro, que se me afigura ser julgado digno dela pelo meu Prelado, concedendo-ma sem dificuldade. No entanto, a fim de O auxiliar convenientemente a fazer um juízo seguro e consciente da minha instância, aqui vão duas razões:

a) Com um grande Sacerdote aí de fora (hoje magnus)³⁵⁴ que exerce sobre mim uma influência tão decisiva quão misteriosa, conversei e ponderei maduramente isto que lhe exponho

b) No conceito da sociedade que abandonei, o Padre é um homem inútil e prejudicial; a Religião, uma fábula de Deus, um mito. Eu mesmo assim considerava e confessava as coisas! Hoje, porém, vejo á Verdade e quero convencer os que deixei. Com argumentos? Inútil. Como então? Subindo para que me vejam. Subir como? Desprendendo-me do que tenho e do que sou.

O Sacerdote em questão disse-me que S. E. o Ex.mo Cardeal Mercier tinha alguns súbditos com voto de pobreza. Estes viviam e cuida que vivem ainda dentro dum x marcado pelo grande Prelado, modestamente, e as sobras acusam-nas a quem de direito. Se esta for a vontade do meu Prelado é igualmente a minha. Mas como tenho

³⁵³ No alto tem a seguinte nota a lápis escrita pelo Sr. D. Manuel Luís Coelho da Silva: *Entregue pelo Artur a 20 de Junho de 1928*. Este Artur é o Rev. Padre Artur Teixeira da Costa, Pároco de Vila Pouca da Beira, então seminarista e fâmulo do Ex.mo Prelado de Coimbra.

³⁵⁴ Era o Prof. Doutor Gonçalves Cerejeira, nessa data Arcebispo de Mitilene. Fora nomeado para este cargo a 23 de Março e sagrado na Sé Nova de Coimbra a 17 de Junho desse ano de 1928.

por aí uns biscates em dinheiro, objectos, etc., e ainda não sei quê que me coube na casa paterna, desejava imenso passar quitação disto desfazer-me daquilo se V. Ex.^a Rev.ma mo autoriza.

E tenho finalmente uma migalhita em esterlino, restos do meu ex-pecúlio, que justamente guardava para custear as despesas do meu curso. Este bocadinho de dinheiro, obra de dúzia e meia de contos ao câmbio actual, se V. Ex.^a Rev.ma me considerar digno de tamanha graça é meu desejo entregá-lo para a *Obra de S. José*³⁵⁵ e, se ela ainda existe e corre, nos termos da Colecção Autêntica, cuja redacção e fim tanto me comoveu; e para a mesma obra quisera eu ser digno de trabalhar, ganhar muito dinheiro, rios de dinheiro, enquanto servir esta Diocese.

Acerca do voto de obediência, difícil e violento, mas do qual tenho consciência segura da sua extensão e da minha responsabilidade; não me quero obrigar a mais do que se obrigam os Religiosos os quais, se no decorrer da vida se sentem chamados a lugar mais alto, expõem humildemente as suas dificuldades aos Superiores e facilmente transitam para outras casas mais silenciosas, ou mesmo para Regras diferentes, que lhes estejam mais a carácter.

Terminando estas regras, eu desejava que V. Ex.^a Rev.ma fosse verdadeiramente o Pai espiritual dum homem de 41 anos, o qual se fez rico numa vida fácil e descuidada e agora, para se fazer pobre, tem-se visto e vê-se apertado em «algumas» dificuldades.

Beijo com reverência o anel V. Ex.^a Rev.ma .

A. M. AGUIAR.

P. S. Nota curiosa: - Numa casa de farragens, ao fundo do Mousinho, em certos dias da semana, das bandas da Banharia, entrava a esperar o carro da Praça do Infante um homem alto, grave e pontual. Logo de dentro, diligente, saía um petiz a oferecer-lhe um banco ... Já lá vão 24 anos. Éramos nós!

Junto deste expressivo requerimento que termina inesperadamente por uma *nota*, na verdade *curiosa*, a recordar antigos contactos, nas ruas do Porto; entre o então Cónego Dr. Coelho da Silva e o jovem Américo de Aguiar, encontra-se outro documentei, escrito quatro meses mais tarde, e que diz assim:

Seminário de Coimbra.

³⁵⁵ É a *Obra de S. José* para assistência espiritual e material ao clero pobre e doente da Diocese de Coimbra, instituída em 15 de Abril de 1917.

Outubro de 28.

Dia em que fui admitido ao Subdiaconado:

Voto de pobreza: Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, o grande Mendigo que me tem cumulado de riquezas sem conta, nem peso nem medida, declaro solenemente, humildemente, que nada desejo possuir, nem saber nem pregar, senão a verdadeira riqueza que o mundo ignora e que se chama altíssima Pobreza do meu Senhor Jesus Cristo. E assim, com a consciência clara e visão segura das dificuldades, privações e responsabilidades da vida futura, quero ligar-me a ela por um voto de Pobreza “sub gravi” que hoje juro, humildemente, nas mãos do meu Prelado, renunciando desde já a tudo quanto possuo ou venha a possuir, obrigando-me a viver pobremente do meu trabalho de cada dia e a entregar ao meu legítimo superior tudo quanto sobrar do meu legítimo sustento e decente vestuário.

Américo Monteiro de Aguiar

Voto de obediência. «Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se fez obediente até à morte para me dar esta vida divina que nos consome, declaro solenemente e humildemente que de hoje para o futuro desejo viver ligado à vontade do meu Prelado na renúncia inteira da minha vontade, pelo que, humildemente, juro nas mãos, nesta data, voto de obediência inteira “sub gravi”.

Américo Monteiro de Aguiar.»³⁵⁶

Tais documentos, em já transparece a gigantesca figura moral do Padre Américo, pois já nele entrara e actuara a graça da conversão, constituem a melhor resposta às insinuações de tantos que pretendem mutilar-lhe a personalidade, vendo nele apenas um *homem bom*, quando é certo que se ele, depois de quarenta anos de vida agitada e dissipada, conseguiu ser um *homem bom*, foi porque era sacerdote e era santo.

Coimbra, 23 de Julho de 1956 (7.º dia da morte do Apóstolo da Rua).

EURICO NOGUEIRA

(Promotor da Justiça na Diocese de Coimbra)

³⁵⁶ CORREIO DE COIMBRA – *O segredo de uma vida*, Ano XXXV, n. 1737(2 de Agosto. 1956), p.1 e segs.

ANEXO V

A morte do Padre Américo³⁵⁷

Quando li num vulgar placard dum jornal a fria e lacónica notícia – morreu o Padre Américo – acudiu-me e ao espírito, não sei explicar a razão porquê, a histórica frase de Isabel de Castela ao ser-lhe anunciada a morte de D. João II: « se morió el Hombre»

Agora também desaparece um Homem.

Não era político de renome internacional; não era militar ou marinheiro com farda medalhada a lembrar feitos heróicos; não era titular nem milionário. Era um apóstolo do Bem.

A sua obra, apesar do egoísmo nosso tempo e duma sociedade se diz Cristã, mas nega a essência do mesmo cristianismo nas obras praticadas, é sobejamente conhecida.

As crianças cedo vergastadas pela vida, sem lar nem pão, por amigos apenas a inclemência do frio e a tortura da fome, encontraram no Padre Américo a mão amiga que os levantou da valeta e os salvou de serem futuros hóspedes assíduos das esquadras da polícia. Deu-lhes saúde e elevou-lhe o espírito ao nível dos que têm uma infância acarinhada, evitando-lhes a revolta sentida por os que reconhecem terem praticado o crime de nascerem.

Este Homem que fez da renúncia a grande razão da sua vida transformava os condenados do destino em rapazes úteis e sadios, alegres na sua vida de trabalhadores, com as aspirações naturais de todo o ser humano.

Ali, na Casa do gaiato, na sua Casa, realizava o preceito divino da Caridade, na sua expressão mais alta e pura. Dava e dava-se sem restrições, totalmente, arrastado pelo amor aos que sofriam, fosse qual o modo como se apresentava a dor, ou fosse quem fosse que necessitasse de auxílio. Podendo ser abastado fez-se pobre e passava quase despercebido por estar demasiadamente presente no coração de todos; mas era, por vezes, rude, duma rudeza sã ao verberar a falta de caridade de muitos ou a caridade exibicionista e elegante dos que dão só para serem notados.

³⁵⁷ CORREIO DE COIMBRA – *A morte do Padre Américo*, Ano XXXV, n. 1737(2 de Agosto. 1956), p.1.

Choram-no os rapazitos de Paço de Sousa, choram-no aqueles para quem o Padre Américo era o símbolo da Bondade que são, afinal, todos, seja qual for a classe social a que pertençam ou ideias que professem.

Se é certo que não há homens insubstituíveis, também é certo o desaparecimento de alguns causar maior dor por desaparecer com eles o exemplo vivo da perfeição espiritual, tão difícil de atingir e tão rara na época presente.

Oxalá que os continuadores do Padre Américo sigam a lição do Mestre perdido e os humildes continuem a ter em Paço de Sousa o porto de abrigo contra as tempestades tantas vezes desapiedadas da vida e recebam com um sorriso de quem o oferece, as dádivas que Deus lhes manda.

António Nuno Espiñal

BI BLIOGRAFIA

Fontes

AMÉRICO, Padre – *Cantinho dos rapazes*, 2.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1987.

AMÉRICO, Padre – *Correspondência dos leitores*, 2.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1988.

AMÉRICO, Padre – *De como eu fui...: Crônicas de viagem*, Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1987.

AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 1.^o Vol. 2.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1974.

AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 2.^o Vol. 1.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1977.

AMÉRICO, Padre – *Doutrina*, 3.^o Vol. 1.^a Ed. Paço de Sousa : Ed. Casa do Gaiato, 1980.

AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 1.^o Vol. 3.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1985.

AMÉRICO, Padre – *Isto é a casa do gaiato*, 2.^o Vol. 2.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1971.

AMÉRICO, Padre – *Notas da Quinzena*, Paço de Sousa : Casa do Gaiato, 1936.

AMÉRICO, Padre – *O Barredo*, 1.^o Vol. 2.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1974.

AMÉRICO, Padre – *Obra da Rua*, 3.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1983.

AMÉRICO, Padre – *Ovo de Colombo*, 1.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1954.

AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 1.^o Vol. 5.^a ed. Paço de Sousa : Casa do Gaiato, 1986.

AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 2.^o Vol. 5.^a ed. Paço de Sousa : Casa do Gaiato, 1990.

AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 3.^o Vol. 5.^a ed. Paço de Sousa : Casa do Gaiato, 1999.

AMÉRICO, Padre – *Pão dos Pobres*, 4.^o Vol. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1984.

AMÉRICO, Padre – *Viagens*, 2.^a Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1973.

BÍBLIA SAGRADA – 5.^a Ed. Fátima: Difusora Bíblica, 2008

BIBLIA DE JERUSALÉM (*La Sainte Bible, Paris, 1973*) – S. Paulo, 1980

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1892 – (Leão XIII) – *Rerum Novarum*: Carta Encíclica: Acta Leonis XIII, 11 (1892), 23.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963 - (João XXIII) –*Pacem in Terris*: Carta Encíclica. AAS - Commentarium Officiale(Vaticano 1963). An. et vol. LV 20 Aprilis 1963 (Ser. DI, v. V) - N. 5 .

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1967- (PAULO VI) - *Populorum Progressio*: Carta Encíclica. n.º 6 AAS Commentarium Officiale(Vaticano 1967). An.et vol. LI X 15 Aprilis 1967 N. 4 .

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1981- (JOÃO PAULO II) – *Laborem Exercens*: Carta Encíclica. n. 6. AAS - Commentarium Officiale(Vaticano 1981). An. et vol. LXXIII 5 Novembris 1981 N. 9.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2009 - (BENTO XVI) –*Caritas in Veritate*: Carta Encíclica. n.º 63. AAS Commentarium Officiale (Vaticano 2009). An. et vol. CI 7 Augusti 2009 N. 8.

DIÁRIO DA REPÚBLICA – *Declaração universal dos direitos humanos* -I Série n.º 57 de 9 de Março de 1978. Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa.

O CORREIO DE COIMBRA – *O Testamento do Padre Américo*, Ano XXXV, n.1736 (26 de Julho.1956)

O CORREIO DE COIMBRA – *O segredo de uma vida*, Ano XXXV, n.1737 (2 de Agosto. 1956)

Estudos

BANDEIRA, Mário Leston – *Demografia e modernidade : Família e transição demográfica em Portugal*. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, D.L. 1996.

BÖCKLE, Franz e HÖVER, Gerhard – Direitos humanos/Dignidade humana. In *DICIONÁRIO de conceitos fundamentais de teologia* dirigido por Peter Eicher. São Paulo: Paulus, 1993.

CRUZ, Manuel Braga da – *O Movimento dos Círculos Católicos de Operários - Primeira expressão em Portugal do sindicalismo Católico*, Sep. da Revista: Democracia e Liberdade, 37/38, Abr./Set., Lisboa, 1986.

DUARTE, Maria Palmira de Moraes Pinto. *Somos a Porta aberta. Pedagogia do Padre Américo: métodos e vida*, 2.ª Ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1985

- GUTIÉRREZ, Gustavo – *La force historique des pauvres*, Paris: Les éditions du Cerf, 1986
- HISTÓRIA de Portugal*. Dir. José Hermano Saraiva. Vol 3. Toledo(Espanha): Artes Gráficas Toledo, SA. 1983.
- INSTITUTO Nacional de Estatística – *Censo da População de Portugal -Dezembro de 1930. Relatório* .Lisboa: Imprensa Nacional, 1934.
- LOPES-CARDOSO, Maria Manuela – *Américo Monteiro de Aguiar: Dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas de um projecto pedagógico*, Lisboa: Publicações Chaves Ferreira, 2007.
- LOUREIRO, João Evangelista – *Um grande educador português do Século XX*. Ed. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1996.
- MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo: O destino de uma vida*, 2.^a Ed.Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.
- MARTINS, Ernesto Candeias – *O Projecto Educativo do Padre Américo: O ambiente na educação do rapaz*. 1^a ed. Lisboa : Temas e Debates, 2004.
- MOLTMAN, Jürgen – *Esperanza Y Planificación del futuro*. Perspectivas teológicas, Salamanca: Ed. Sígueme, 1971.
- RAMOS, José da Rocha – *Padre Américo místico do nosso tempo*, Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1997.
- ROCCHETA, Carlo – *Teología de la ternura*, Koinonia 36.Salamanca: Ed.Secretariado Trinitario, 2001.
- ROMANINI, Luigi – *Il movimento pedagogico all'estero em La Scuola*. Brescia.Vol II, 1959.
- SANTOS, José da Cruz (coorden.) – *O Padre Américo e a Obra da Rua*,Lisboa:Alêtheia Editores, 2006.
- SEABRA, João – *O Estado e a Igreja em Portugal no início do séc. XX*, 1.^a Ed. Cascais: Ed.Principia, 2009.
- TEIXEIRA, Manuel C. – *Análise Social, O Estado Novo*. Políticas de habitação nas décadas de 1920 e 1930, vol. XXVII (115), 1992.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
SIGLÁRIO	4
INTRODUÇÃO	7

CAPITULO I

ITINERÁRIO BIOGRÁFICO

1. Américo, o insatisfeito	13
<i>1.1 Nos franciscanos, no Seminário e na paróquia</i>	16
2. A Situação política vigente	21
3. A Situação da Igreja em Portugal	27

CAPITULO II

1. O valor do trabalho	31
<i>1.1 Como meio de combate à exclusão e à pobreza</i>	32
<i>1.2 Como meio da libertação humana</i>	34
2. O respeito à pessoa	38
<i>2.1 Defesa da justiça social e do desenvolvimento</i>	43

CAPITULO III

Homem da Bíblia

1. Duas linhas mestras	47
2. Valores exaltados e defendidos	
<i>2.1. Apologia da fé, da esperança e da caridade</i>	54
<i>Apologia da fé</i>	54
<i>Apologia da esperança</i>	64
<i>Apologia da Caridade</i>	66
<i>2.2 Apologia da igualdade, da dignidade e da compaixão</i>	78
<i>Apologia da igualdade</i>	78
<i>Apologia da dignidade</i>	81
<i>Apologia da Compaixão</i>	89

3. Urgência e necessidade da missão	93
3.1 <i>O testemunho de vida na generosidade e no desprendimento</i>	95
4. Males condenados à luz da Bíblia	
4.1 A ganância e a exploração dos mais pobres	103
4.2. A pobreza, a exclusão social e o alcoolismo	106
4.3 A exploração das mulheres	108
4.4 A prostituição. A vida de pecado e a necessidade de mudança de vida.	109
Conclusão	112
Anexos	115
I - Morreu o Padre Américo, mas a sua obra continua.....	115
II - O testamento do Padre Américo.....	117
III – Cantinho da Ação social.....	120
IV - O Segredo de uma vida.....	122
V - A morte do Padre Américo	126
Bibliografia.....	128
Índice	131